

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA ESTUDOS CULTURAIS EM EDUCAÇÃO

Dissertação de Mestrado

Tudo, menos ser gorda:
a literatura infanto-juvenil e o dispositivo da magreza

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Mestranda: Jaqueline Martins

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marisa Vorraber Costa

Porto Alegre, março de 2006.

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Ângela, pelo amor, pela educação, pelas oportunidades propiciadas e pelo incentivo que me deu em todo o percurso desse trabalho, que dedico a ela;
ao meu pai, Irandir, pelo amor e pela coragem de sempre seguir em frente;
ao meu namorado, Valdir, pelo companheirismo nos momentos difíceis e pela paciência diante das minhas angústias;

às amigas Ana Paula, Cíntia e Taís, companheiras desde a graduação, pela amizade e pela presença em minha vida;

à amiga Cláudia, pelos incentivos nos momentos mais difíceis desse trabalho e pelas diversas leituras do mesmo, muito obrigada mesmo;

à amiga Dina, pela ajuda que me permitiu realizar o trabalho de campo;

à escola em que o trabalho de campo foi realizado, pela acolhida carinhosa e disponibilidade;

à minha orientadora, Marisa Vorraber Costa, por ter acolhido e orientado minha pesquisa, e ao grupo de orientação, pelo interesse;

aos professores Alfredo Veiga-Neto e Luis Henrique Sacchi dos Santos, pelas contribuições que fizeram a essa pesquisa;

à professora Rosa Hessel Silveira, que além de contribuir com essa pesquisa, contribui também na minha formação como pesquisadora, um agradecimento muito especial à ela pelas oportunidades;

à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pelo ensino público e de qualidade, na qual pude realizar minha Graduação em Pedagogia e o Mestrado em Educação;

e a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para que essa dissertação fosse construída.

SUMÁRIO

Apresentação	5
I. Era uma vez uma menina muito, mas muito gorda...	8
Memórias de uma gordinha	9
Caminhos de investigação	13
Um lugar de encontro: Estudos Culturais e Educação	19
II. Dispositivo da magreza	25
Um pouco de história	32
III. O tecer de uma nova trama	41
As tramas literárias em cena: histórias e histórias	44
O medo de ser feio	44
A norma generificada	54
A ambivalência nas representações do gordo	59
A compulsividade do gordo	65
IV. Viveram felizes para sempre?	72
Considerações finais: sobre um modo de olhar	82
Referências	89
Anexos	94

Lista de figuras

Fig. 1 – Tom, do livro <i>O Tom é gorducho</i>	23
Fig. 2 – Tia Anacleta, do livro <i>Tia Anacleta e sua dieta</i>	44
Fig. 3 – Géron, do livro <i>O gordo invisível</i>	44
Fig. 4 – Produções das crianças	45
Fig. 5 – Dona Miúda, do livro <i>Na porta da Padaria</i>	46
Fig. 6 – Gorduchito, do livro <i>Gorduchito Gorduchão</i>	47
Fig. 7 – Imagem do livro <i>Não me chame de gorducha</i>	48
Fig. 8 – Carlinhos, do livro <i>No tempo em que a televisão mandava em Carlinhos</i>	60
Fig. 9 - Carlinhos, do livro <i>No tempo em que a televisão mandava em Carlinhos</i>	64
Fig. 10 – Camilão, do livro <i>Camilão, o comilão</i>	66
Fig. 11 – Imagem do livro <i>Gorduchito Gorduchão</i>	70
Fig. 12 – Samanta, do livro <i>Samanta gorducha vai ao baile das bruxas</i>	76
Fig. 13 – Capa do livro <i>O menino gordo</i>	81
Fig. 14 – Matias, do livro <i>O menino gordo</i>	81
Fig. 15 – Personagens do livro <i>Umbigo indiscreto</i>	82
Fig. 16 – Imagem do livro <i>A chata daquela gorda</i>	84

APRESENTAÇÃO

A criança poderá adquirir um livro [tanto] para aprender e superar-se quanto para divertir-se e aventurar-se. Tanto para viver bem o presente quanto para preparar-se para o futuro, para o imprevisto, para a cidadania, para o autocontrole ou para a compreensão dos outros. [...] enunciados que vão elaborando modelos e acabam “modelando” aquilo para o qual se deve olhar e o jeito como esse olhar deve conceber pessoas e coisas no mundo (GOULART, 2000, p. 31).

Incentive seu filho a ler. Desperte o gosto da leitura em seus alunos. As crianças de hoje já não lêem como antigamente... Quantas vezes já ouvimos tais frases? Quantas vezes a literatura já foi tema de debates e discussões na mídia, na escola, na família, nas universidades? Sem dúvida, o discurso sobre a importância da literatura teve seu efeito na escolha do material de análise dessa pesquisa, e, não por acaso, escolhi iniciar essa apresentação citando Goulart (2000) que, naquela passagem, expressa o modo como a presente pesquisa pretende olhar para a literatura infanto-juvenil: como um artefato cultural que produz sentidos, significados, modos de viver e de ser, modos de olharmos para nós mesmos e para os outros.

Dessa forma, como leitora, estudante e professora, muitas vezes me deparei com diversos livros carregados de ensinamentos e valores morais que vão na corrente da importância da literatura infanto-juvenil, não apenas como instrumento para aquisição da leitura e da escrita, mas também como parte vital do entendimento do mundo e da convivência com o outro.

Partindo disso, o objetivo inicial dessa pesquisa era analisar como a literatura infanto-juvenil representa, produz e constitui os corpos e a(s) identidade(s) das crianças e jovens gordos¹ e, ainda, observar e identificar os possíveis “efeitos” que tais representações e discursos produzem nos sujeitos infantis. O *corpus* da pesquisa, dessa forma, seria composto pelo cruzamento das representações e dos discursos sobre o *ser gordo* que circulam nessas obras, com as falas e as produções que emergiram em conversas sobre os livros com um grupo de crianças das séries iniciais do Ensino Fundamental.

Nessa direção, também coletei inúmeros materiais da mídia impressa e televisiva ²que serviriam de materiais adicionais da pesquisa para mostrar como existe e circula uma rede discursiva sobre e para o corpo e a alma do sujeito gordo.

¹ Na seção *Caminhos da Pesquisa*, do capítulo 1, explicito os motivos que me fizeram escolher essa temática.

² Chamo de materiais da mídia impressa e televisiva o conjunto de textos culturais que inclui reportagens televisivas que apontam pra a obesidade como um grave problema de saúde, revistas especializadas em dietas alimentares, matérias sobre plásticas e procedimentos cirúrgicos para emagrecer, peças publicitárias de produtos emagrecedores, série televisiva sobre a obesidade, a saber, *Questão de Peso*, apresentado pelo médico Dráuzio Varela e veiculada pela *Rede Globo*, etc.

Contudo, no decorrer da pesquisa, dei-me conta de que se tratava de algo mais complexo e abrangente. Como essa temática já era de meu interesse de longa data, um dos primeiros passos foi o de me voltar para os materiais da mídia que vinha coletando já há algum tempo. Ao olhar para esses materiais com um olhar de pesquisadora e ao realizar leituras de teóricos que embasaram essa Dissertação, comecei a perceber que as representações e discursos sobre os corpos e a(s) identidade(s) dos sujeitos considerados gordos que circulam nesses textos culturais, fazem parte de uma série de práticas discursivas e não discursivas que produzem uma rede de inteligibilidade sobre o *ser gordo*, fixando-o como um problema e operando – como optei por denominar – um dispositivo da magreza.

Dessa forma, o principal objetivo dessa Dissertação passou a ser o de investigar e mostrar a literatura infanto-juvenil e o que ela produz, juntamente com outras instâncias, principalmente a mídia, como parte de uma rede de inteligibilidade sobre o *ser gordo*, que opera como um dispositivo da magreza nas sociedades ocidentais contemporâneas. Tal operação inclui o isolamento desse sujeito como um problema, a produção de uma determinada identidade, a produção de formas de controle sobre esses sujeitos, como também a produção de saberes da biomedicina e do campo da estética.

Durante a pesquisa, e já nessa apresentação, utilizo a expressão *ser gordo*, por entender que o que está em jogo não é apenas o corpo gordo, e sim, toda uma formação discursiva que, para além de referir-se apenas ao corpo gordo, também abarca um modo de vermos e pensarmos a “alma” desses sujeitos.

Para dar conta de tais propósitos, organizei a pesquisa da seguinte forma: no primeiro capítulo, intitulado *Era uma vez uma menina muito, mas muito gorda*³... procuro mostrar as razões que me fizeram optar por trabalhar com a temática *ser gordo*, apresento o *corpus* e a metodologia empreendida na pesquisa e alguns dos conceitos chave – pedagogia cultural, representação, discurso e identidade – na ótica do referencial teórico em que essa pesquisa se situa, os Estudos Culturais em Educação, em sua vertente pós-estruturalista.

No segundo capítulo, *Dispositivo da magreza*, discuto – apoiada em um outro conceito chave da pesquisa, o dispositivo, utilizado por Michel Foucault – a emergência de um dispositivo da magreza, procurando mostrar o quanto e como esse dispositivo é operacionalizado pela mídia. Nesse sentido, trago para o cenário dessa pesquisa algumas questões históricas que esboçam um conjunto articulado de condições de possibilidades específicas que permitiram a emergência da problemática *ser gordo*. Para tanto, utilizar-me-ei de autoras e autores como Alex Branco Fraga, Denise Sant’Anna

³ O título dessa seção foi retirado da produção textual de uma menina que participou do trabalho de campo.

e José Carlos Grando, entre outros, que vêm problematizando as questões sobre o corpo, sendo que alguns, especificamente, sobre o corpo gordo, como Claude Fischler.

No capítulo seguinte, *O tecer de uma nova trama*, faço um breve apanhado histórico da literatura infantil e, a partir de alguns focos elaborados através das regularidades encontradas nos livros infanto-juvenis e no trabalho de campo, exponho algumas das análises da pesquisa.

No quarto capítulo, *Viveram felizes para sempre?*, aponto para o modo como os livros e as crianças apresentam os desfechos das histórias, retomo alguns pontos discutidos ao longo da pesquisa, como também formulo algumas considerações finais.

I. ERA UMA VEZ UMA MENINA MUITO, MAS MUITO GORDA...

No decorrer de minha formação acadêmica no Curso de Pedagogia⁴, havia o constante incentivo para a realização de trabalhos educativos nas escolas envolvendo livros infanto-juvenis. Sem dúvida, a importância dada a tal categoria de livros, como já disse na apresentação dessa Dissertação, teve seus efeitos na escolha do material de análise da presente pesquisa. Dessa forma, ao escolher pesquisar obras da literatura infanto-juvenil, levei em consideração o espaço que esta ocupa nas escolas e em outras instituições sociais, como a família, por exemplo. Conforme Silveira (2002), a partir da década de 1980, no Brasil, o mercado de livros direcionados para crianças e adolescentes sofreu sensível incremento em função da disseminação do discurso da crise da leitura, que ensejou a ênfase no desenvolvimento do “gosto pela leitura” como uma solução para tal crise. Em decorrência disso, houve um notável crescimento do mercado consumidor infanto-juvenil, uma vez que as histórias literárias passam a ser vistas em seu potencial pedagógico. Com a valorização da importância da literatura infanto-juvenil, as editoras criam estratégias ousadas para vender, investindo em catálogos caprichados⁵, em jogos agressivos de *marketing* e em campanhas de lançamento de livros. Tais estratégias atraem olhares de todos os envolvidos no processo educativo, principalmente das instituições escolares, já que as mesmas se revelam como grandes consumidoras de livros.

Outro aspecto importante na escolha dos caminhos e na composição do objeto de estudo dessa pesquisa é o caráter de agente cultural vinculado à literatura, que pode ser tomada como uma pedagogia cultural. Nesse sentido, estou operando com o conceito de pedagogia cultural utilizado por Steinberg (1997), quando esta procura ampliar a noção de educação para além da escola, mostrando-nos o quanto outros espaços sociais e artefatos culturais, como a televisão, a mídia impressa, o cinema, a literatura, entre tantos outros, são carregados de ensinamentos acerca dos sujeitos, que instauram “verdades” acerca de si e dos outros, difundindo saberes e poderes⁶. Assim, a expressão pedagogia cultural, “enquadra a educação numa variedade de áreas sociais, incluindo, mas não se limitando à escolar. [...] Ela é estruturada por dinâmicas comerciais, forças que se

⁴ Formação essa realizada na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com ênfase em séries iniciais, entre os anos de 1998 e 2001.

⁵ Sobre tal temática ver *O prazer como imperativo, a literatura como meio, os corpos doces como fim: o micropoder dos catálogos infantis*, dissertação desenvolvida por Maria Alice H. Goulart (2000).

⁶ Trago esse conceito para a pesquisa para mostrar ao leitor que pesquisar em Educação não se refere apenas a pesquisas realizadas no âmbito da escola, e sim a todo artefato e espaço social que educa, muito embora saiba que ao trabalhar com literatura infanto-juvenil talvez não precisasse trazer esse tipo de argumentação, já que esta em sua constituição foi tomada como uma forma de pedagogia, como um instrumento pedagógico. Tal discussão será feita posteriormente.

impõem em todos os aspectos a nós mesmos e às vidas privadas das nossas crianças” (STEINBERG e KINCHELOE, 2001, p. 14 – 15).

Embora a escolha de trabalhar com a literatura infanto-juvenil tenha se dado em função de minha caminhada como graduanda do curso de Pedagogia e de minha atuação como professora, a preocupação com a temática do *ser gordo* surgiu em caminhos trilhados muito antes de entrar na faculdade ou de tornar-me professora.

Memórias de uma gordinha

Creio que possa afirmar que a temática *corpo gordo* despertou meu interesse em consequência de histórias pessoais. Desde pequena fui considerada uma criança gorda e de certa forma essa questão foi, para mim, bastante problemática, principalmente ao ingressar na escola e mais tarde ao entrar na adolescência. Arrisco-me a dizer que foi no ambiente escolar que percebi o quanto ser gorda, em nossa sociedade, constitui-se como um problema. Penso que antes do ingresso na escola tal fator não se configurava dessa forma, talvez, pelo fato de que crianças, até alguns anos atrás, fossem consideradas saudáveis em seus primeiros anos de vida se, entre outros fatores, fossem gordinhas⁷.

Ocorre que ao ingressar na escola e aumentar o convívio com crianças da minha idade, enfrentei inúmeras situações embaraçosas e constrangedoras. Além dos apelidos pejorativos, lembro-me que as aulas de Educação Física eram um verdadeiro terror para mim. Narro aqui um episódio em especial. Cursava a sexta série do ensino fundamental quando o professor de Educação Física propôs que os meninos sentassem de um lado do campo de futebol e as meninas sentassem no lado oposto. A atividade consistia em que, ao som do apito, os meninos deveriam correr, ir até o lado em que se encontravam as meninas, pegá-las no colo e levá-las ao lado do campo onde eles se encontravam inicialmente. A atividade encerrava-se quando todas as meninas estivessem no lado correto. Ocorre que tal atividade gerou extremo incômodo às meninas mais pesadas, entre elas eu, já que os meninos não queriam nos carregar. Aqueles que se arriscaram a tal propósito enunciaram o quanto eram fortes, já que conseguiam suportar o peso das mesmas. Além disso, no término da aula e até o fim daquele dia, tal atividade gerou inúmeros comentários e deboches ao excesso de peso de algumas meninas. Embora acredite que o professor não tenha proporcionado a atividade com a

⁷ Os concursos de Robustez Infantil (anexo 1), realizados ao longo das décadas de 1920 a 1950 são um bom exemplo da associação de gordura à saúde e beleza. Contudo, é possível notar como essa associação vem se transformando, no decorrer dos anos, em nossa cultura, com a matéria publicada em junho de 2004, no site do provedor Terra, que aponta que nos Estados Unidos há uma preocupação com a obesidade já em crianças bem pequenas. A reportagem intitulada *Bebês entram na ginástica para evitar obesidade*, anuncia o quanto a obesidade tem sido preocupação de pais e médicos, e traz diferentes atividades físicas para evitar o sobrepeso e a obesidade (<http://noticias.terra.com.br/ciencia>, acessado em 14 de junho de 2004. Reportagem completa ver anexo 2). Essa discussão será aprofundada no capítulo 2.

intenção de expor as meninas, penso que faltou ao mesmo sensibilidade de perceber o quanto certas atividades podem produzir situações de constrangimento a seus/suas alunos/as. Trata-se de sensibilizar o olhar para as diferenças que permeiam o ambiente escolar, que são marcadas pejorativamente e, nesse caso, reforçadas por tais atividades.

Nos anos posteriores, lembro-me de que as reuniões dançantes também eram ocasiões tensas. Talvez seja nessas festas extra-escolares (em geral sem a presença constante dos pais, fora do ambiente escolar e num horário vespertino ou noturno) que se possa demarcar bem o quanto a questão da estética interpela os sujeitos desde muito cedo. Lembro que as primeiras reuniões dançantes começaram a ocorrer quando estávamos na sétima série. Contudo, em minha experiência atual como educadora de quarta série, percebi que estas reuniões, em tempos mais recentes, começam a acontecer mais cedo, visto que meus alunos e minhas alunas já se ocupam das tais reuniões dançantes, embora nomeiem as mesmas de forma diferente. Penso que essas festas são, de uma maneira geral, um espaço que dá visibilidade aos meninos e meninas que têm popularidade na escola, sendo esta, em geral, associada à beleza das meninas e à malandragem dos meninos. Dito isto, é possível perceber o quanto essas festinhas se tornam problemáticas aos sujeitos que, por exemplo, não são considerados belos (e os gordos são um deles).

Enfim, foram pequenos episódios, em especial escolares, que marcaram cada vez mais o modo como eu olhava para mim. Assim, no período da adolescência realizei diversos regimes, aliás, todos os tipos de regime aos quais tinha acesso, porém isso era muito difícil, uma vez que o processo de emagrecimento era lento e gerava uma ansiedade muito grande, o que em geral fazia com que eu desistisse. Em alguns, tive pequenos sucessos, porém, a manutenção do novo peso, por vezes, era um processo mais doloroso do que a própria perda de peso. Lembro-me de perguntar várias vezes para minha mãe por que ser gorda era feio. Meu peso não acarretava problemas de saúde, não se enquadrava na categoria da obesidade, segundo discursos de especialistas, tampouco trazia preocupações para meus familiares. Tudo se resumia a uma questão de cânone estético e de aceitação social, tudo se reduzia a uma questão de não ser mais vista como diferente, tomando como diferença a condição que coloca um sujeito no desvio, na anormalidade.

Os anos se passaram e eu continuei tentando emagrecer e/ou manter o peso considerado ideal. Embora sempre me perguntando, peso ideal para quê? Ou, para quem? Para minha saúde? Ou para aquilo que é entendido como belo? Seja como for, meu corpo não impediu que eu vivenciasse as mesmas experiências da minha turma de amigos/as, inclusive no que se refere ao lado afetivo⁸.

⁸ Refiro-me ao lado afetivo, pois acredito que, principalmente na adolescência, as experiências amorosas estejam bastante ligadas aos padrões de beleza da época e da sociedade na qual os sujeitos estão inseridos. Acredito que, principalmente, o corpo jovem seja alvo de um constante apelo à beleza (magro, esguio e branco). É possível perceber tal fator em uma

Tive namorados, amigos e amigas como quase todos os jovens têm, mesmo que sempre quisesse fazer parte do padrão estético vigente.

No decorrer dessa pesquisa utilizarei conceitos de normal, anormal e normalidade. O termo normalidade⁹, aqui, é entendido como aquilo que foi instituído como norma, como culturalmente “correto” para uma determinada sociedade em um determinado tempo. Na questão da obesidade¹⁰, pode-se pensar que há um peso considerado normal, que se situa dentro de uma determinada faixa. Aqueles que não se enquadram nesta, seriam os anormais¹¹, muito embora eles estejam dentro da norma, já que só posso nomeá-los como anormais, dentro de uma relação com aquilo que é tomado como normal. Nesse sentido, a anormalidade é uma condição estabelecida discursivamente, ou seja, a anormalidade não é algo dado a priori, mas sim resultado de práticas discursivas de significação construídas através de processos históricos e culturais, que atribuem a determinadas características dos sujeitos esse caráter.

Assim, desde muito cedo meu interesse pelo estudo do corpo foi se construindo, principalmente na graduação do curso de Pedagogia, nas disciplinas que proporcionaram leituras dos referenciais teóricos dos Estudos Culturais e Estudos de Gênero, a partir das quais passei a pensar de outra maneira sobre tal questão. Comecei a interessar-me não mais sobre o porquê de o corpo gordo ser considerado feio, diferente, anormal, mas sim sobre como se deram tais associações, que processos históricos e culturais permitiram a legitimação de tais verdades e instauraram um imperativo da magreza.

Nesse sentido, a aproximação com os Estudos Culturais em Educação, em sua vertente pós-estruturalista, foi bastante significativa, na medida em que este campo teórico faz uso de autores

análise superficial das imagens e textos das revistas direcionadas ao público adolescente, sobretudo ao feminino. Quais são os corpos representados? A quem são endereçadas as matérias de moda e beleza? Autoras como Rosa Maria Bueno Fischer (1996) e Márcia Luiza Machado Figueira (2003) abordam essas temáticas em suas pesquisas sobre a revista *Capricho*, apontando para o modo como a mesma produz os corpos adolescentes.

⁹ A discussão que faço nessa pesquisa sobre a normalidade inspirou-se no Seminário Avançado *Os Anormais e a Educação*, ministrado pelo professor Alfredo Veiga-Neto, no Programa de Pós-Graduação em Educação, UFRGS. Tal seminário objetivava o estudo que Michel Foucault desenvolveu acerca da normalidade/anormalidade.

¹⁰ Em 1835 Quetelet desenvolve uma tabela científica chamada de Índice de Massa Corporal (IMC) ou Índice de Quetelet. Quetelet foi um dos pioneiros da formulação das tabelas de referência instaurando o conceito de “homem médio” como avaliação da população, ou seja, aquelas medidas que servem como referência a nação, muito embora o “homem médio” seja fictício, já que suas medidas nada mais são do que médias matemáticas. Para Ewald (1993) a definição de “homem médio” não é mais do que “a definição daquilo que não deixamos de invocar sob a forma da norma e do normal” (p. 95). A tabela do IMC (que pretende estabelecer cientificamente se um sujeito é gordo ou não) consiste em uma fórmula matemática que indica o “peso ideal”, o “excesso de peso”, a “obesidade” e a “obesidade mórbida”. Tal cálculo é formulado da seguinte maneira:

p= peso

a= altura

$p / a^2 = 22$ a 25 (peso ideal)

$p / a^2 = 25$ a 30 (excesso de peso ou sobrepeso)

$p / a^2 = 30$ a 40 (obeso)

$p / a^2 =$ ou > 40 (obeso mórbido)

¹¹ A discussão sobre anormalidade será mais detidamente explorada no decorrer dessa pesquisa.

como Friedrich Nietzsche e Michel Foucault, que põem em xeque a questão da gênese e das essências, procurando desnaturalizar aquilo que é tomado como verdade, segundo parâmetros fixados em uma grande narrativa explicativa. Bauman (1999), ao discutir sobre o pensamento moderno e a busca pela ordem que marca tal pensamento, anuncia: “nada é mais artificial que a naturalidade” (p. 15). É esse olhar que começo a lançar para o corpo. Um olhar que procura perceber que os conceitos científicos, as teorias, os padrões de comportamento e de beleza sobre o corpo, são construídos e elaborados a partir de contextos históricos e culturais. Nessa perspectiva, o corpo é significado e ressignificado ao longo do tempo e nas diferentes culturas. O que entendemos hoje como belo, saudável e normal, nada mais é do que construções históricas e culturais, situadas e datadas. Teorias e respostas provisórias por uma determinada época e por um certo período.

Foucault (1996), em sua obra *Vigiar e Punir*, ao discutir o processo de disciplinamento dos corpos, nos mostra o quanto o corpo, “em qualquer sociedade, está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações” (p. 126). Pensando na sociedade contemporânea, como argumenta o autor Le Breton (2003), percebemos que o corpo nunca se configurou tanto como um objeto transitório e manipulável suscetível de muitos emparelhamentos. Para o autor, o corpo seria hoje a peça principal da afirmação pessoal e exibição de uma identidade escolhida provisória ou permanentemente. Nesse sentido, ele afirma que atualmente

os psicotrópicos cinzelam o humor, a cirurgia estética ou a plástica modifica as formas corporais ou o sexo, os hormônios ou a dietética aumentam a massa muscular, os regimes alimentares mantêm a silhueta, [...] Alguns sonham em agir diretamente sobre a fórmula genética do sujeito para modelar sua forma e até seus comportamentos. Todas essas condutas isolam o corpo como uma matéria à parte que fornece um estado do sujeito. O corpo é o suporte de geometria variável de uma identidade escolhida e sempre revogável, uma proclamação momentânea de si. Se não é possível mudar suas condições de existência, pode-se pelo menos mudar o corpo de múltiplas maneiras. [...] uma identidade efêmera, mas essencial para si e para um momento do ambiente social (p. 28 – 29).

No intuito, então, de realizar uma pesquisa sobre a temática de meu interesse, comecei a prestar mais atenção nos artefatos culturais que veiculam e produzem representações e discursos sobre o *ser gordo*. Interessei-me em perceber a forma como os sujeitos gordos são significados e ressignificados e o modo como essas representações produzem e constituem as identidades de tais sujeitos. De certa forma, esses foram os meus questionamentos iniciais que, mais adiante, fizeram com que eu me desse conta de que existe uma rede de inteligibilidade sobre o *ser gordo*, operando como um dispositivo da magreza nas sociedades ocidentais contemporâneas.

Caminhos de investigação

Inicialmente, é preciso dizer que foi muito fácil encontrar materiais que dessem subsídio a essa pesquisa, visto que hoje questões ligadas à saúde e à estética corporal circulam em inúmeros espaços e com uma enorme frequência. Basta ligar a televisão, abrir uma revista, um jornal ou um livro, circular pelo mundo da moda, enfim, há em diversos espaços sociais ensinamentos, regras e conceitos acerca do corpo, sejam advindos da área médica, psi¹² ou educacional.

Além do conjunto das diferentes matérias veiculadas na mídia impressa e televisiva, que constroem uma rede de inteligibilidade sobre o *ser gordo*, elegi para essa pesquisa dezoito obras da literatura infanto-juvenil que abordassem de alguma forma a temática em foco, já que tais livros, como já foi dito anteriormente, caracterizam-se como artefatos culturais que, dentre outras coisas, educam os sujeitos.

O critério de escolha das obras deu-se pela acessibilidade de compra e pelo endereçamento¹³ das mesmas, ou seja, procurei obras que se destinavam ao público infanto-juvenil (seja através das indicações dos catálogos das editoras, das próprias indicações contidas nos livros, ou da linguagem utilizada pelos/as autores/as), muito embora acredite que tais categorias de leitores (para o infante, para o adolescente, para o adulto,...) sejam passíveis de questionamentos.

Das dezoito obras reunidas, quinze são de autores/as brasileiros/as e três de autoras estadunidenses, e todas elas anunciam no próprio título ou na ilustração da capa o tema da história. Abaixo listo os títulos, por ordem alfabética, acompanhados pelos autores/as de cada livro selecionado.

A gorda e a volta por cima – Carlos Heitor Cony – 1985, 3ª edição.

Adeus, pneus! – Thomas Brezina – 2003, 1ª edição.

Camilão, o comilão – Ana Maria Machado – 1996.

De cara com o espelho – Leonor Corrêa – 2003, 1ª edição.

Gorda ou Magra Abracadabra – Giselda Laporta Nicolelis – 1985, 22ª edição.

Gorduchito Gorduchão – Célia Chueire – 2000.

Marcela Magrela Miúcha Gorducha – Isabel Cristina F. Guerra – 2002.

¹² Utilizo o termo psi para englobar as áreas da Psicologia, Psicanálise, Psiquiatria, Psicoterapia, Psicopedagogia, entre outras, que se ocupam da psique humana.

¹³ Segundo Ellsworth (2001) modo de endereçamento é um termo dos estudos de cinema e que se resume na seguinte frase: “quem este filme pensa que você é” (p. 11), muito embora, mais adiante, ela afirme que “o espectador ou a espectadora *nunca* é, apenas ou totalmente, quem o filme pensa que ele ou ela é” (p. 20). Nessa pesquisa não pretendo definir exatamente o que é modos de endereçamento, apenas utilizo o termo pensando que os livros infanto-juvenis são, de certa maneira, endereçados a crianças e adolescentes. Digo de certa maneira, pois pensando em literatura infanto-juvenil, e utilizando-me de Colomer (2003), abordo, em capítulo posterior, a questão da ambivalência do destinatário desses livros, já que, “embora destinados às crianças, são sancionados pelos adultos” (p. 164).

Na porta da padaria – Ivan Baptista de Araújo e Marcello Araújo – 1999, 4ª edição.

Não me chame de gorducha – Bárbara Philips – 2002, 10ª edição.

No tempo em que a televisão mandava no Carlinhos – Ruth Rocha – 2000.

O gordo invisível – Gérson de Abreu e Rosana Rios – 1994, 3ª edição.

O regime da lua – Guiomar Paiva Brandão – 1988, 9ª edição.

O Tom é gorducho – Márcia M. d’Haese – sem ano.

Pelota Bolota – Santuza Abras Pinto Coelho – 1985, 4ª edição.

Rosa Gulosa – Lúcia Pimentel Góes – 1991, 2ª edição.

Samanta gorducha vai ao baile das bruxas – Kathryn Meyrick – 1995.

Tia Anacleta e sua dieta – Sylvia Orthof – 2003, 4ª edição.

Um gordo feliz – Fernando Portela – 1993.

O *corpus* da pesquisa foi composto pelo: a) conjunto de materiais coletados da mídia impressa e televisiva sobre a temática (reportagens, peças publicitárias, série televisiva, etc.); b) 18 obras de literatura infanto-juvenil que tematizam o *ser gordo*; c) manifestações do grupo de crianças que leu os livros e se expressou através de falas, textos e desenhos. Nesse sentido, argumento pela importância de um estudo que procure articular análises textuais com as falas dos sujeitos a quem se destinam tais obras. Fischer (2004) em sua pesquisa sobre produtos midiáticos e a forma como os jovens relacionam-se com os mesmos, justifica:

Sem sombra de dúvidas, o que efetivamente fez a diferença na pesquisa, para além das análises dos programas, foram os debates com os adolescentes e jovens. Vidas narradas e vidas vividas estão inter-relacionadas e são interdependentes – e isso pôde ser visto no decorrer da pesquisa. Os códigos sociais e culturais, visíveis e vividos no interior dos diferentes espaços sociais – inclusive e especialmente os espaços dos meios de comunicação – constituem, pautam, normalizam e normatizam não só a própria criação, a elaboração das narrativas, como ainda o modo pelo qual elas são lidas, percebidas, recebidas (p. 5).

Reafirmando a importância das análises textuais de artefatos culturais – no caso dessa pesquisa os livros infantis – penso também ser significativo contemplar nessa investigação os olhares das próprias crianças. Embora saiba que as falas das crianças manifestam uma polifonia de vozes, conforme argumenta Silveira (2002), nas quais é possível reconhecer vozes de diferentes interlocutores culturais com os quais as crianças interagem, julgo ser importante atribuir um maior espaço para os relatos e falas das mesmas, já que os tomo como “pistas” que poderão indicar a produtividade da literatura infanto-juvenil como parte integrante do dispositivo da magreza.

A metodologia empreendida percorreu o seguinte caminho: após explorar os diferentes materiais da mídia, realizei uma análise textual das obras literárias, interessada em apontar as ocorrências e regularidades sobre a temática contidas nas tramas. Essa análise, além desse objetivo, tinha o intuito de fazer com que eu mesma conhecesse detalhadamente cada história para que pudesse pensar, a partir disso, um roteiro de trabalho de campo com as crianças que propiciasse discussões a respeito, num primeiro momento, o olhar delas sobre o modo como alguns dos livros apresentam e posicionam os sujeitos gordos, e, num segundo momento, que essas discussões favorecessem um debate maior sobre a temática da pesquisa.

Entre as razões expostas acima que me fizeram optar por realizar o trabalho de campo com crianças – endereçamento, contemplar as falas das crianças... – há também um outro fator. Na medida em que minha formação superior me habilita a trabalhar com as quatro primeiras séries do ensino fundamental, desde o início do curso de Pós-Graduação pensava em trabalhar com as séries iniciais na pesquisa de campo. Essa foi uma das razões pela qual não contemplei a possibilidade de pesquisar sobre essa temática com adolescentes, o que certamente também teria sido muito interessante. Outro motivo que me levou a querer trabalhar com essa faixa etária foi a de tentar perceber se, cada vez mais cedo, estamos sendo subjetivados¹⁴ pelos discursos e representações do *ser gordo*, o que mostraria a produtividade da literatura infanto-juvenil no interior do dispositivo da magreza.

Assim, organizei o roteiro de discussões a partir da leitura de alguns dos livros analisados, propondo atividades diferenciadas para os encontros. Utilizei, nessa etapa da pesquisa, algumas contribuições da técnica de coleta e produção de dados chamada *Grupos Focais* para observar como as crianças se posicionam frente às representações e discursos que circulam nas obras escolhidas para o trabalho de campo, procurando captar quais os sentimentos, quais as percepções das crianças a respeito do *ser gordo*, o que de certa forma proporcionou algumas pistas sobre o modo como os sujeitos infantis estão sendo subjetivados acerca desse assunto, uma vez que o dispositivo da magreza refere-se a uma articulação entre campos de saber, formas de normatividade e modos de subjetivação.

Segundo a pesquisa que José Soares Damico empreendeu em 2004, utilizando o grupo focal como estratégia de coleta de dados, pode-se pensar essa metodologia como uma técnica de trabalho com grupos que gera informação qualitativa. Pesquisas que pretendem explorar experiências, opiniões, preocupações, sentimentos, percepções e preferências das pessoas, são adequadas para a

¹⁴ Entendo processo de subjetivação numa perspectiva foucaultiana, em que a subjetivação se verificaria em função de um entrecruzamento de várias práticas: culturais, sociais, econômicas, tecnológicas, midiáticas, e, a partir daí, participa no processo de constituição dos sujeitos (FOUCAULT, 1995).

utilização técnica de trabalho. Ou seja, a partir da leitura dos livros e das atividades propostas ao grupo, registrei falas e acontecimentos frente ao tema proposto.

Contudo, em virtude de realizar a pesquisa de campo com crianças, diferentemente de Damico que realizou grupos focais com adolescente, foi necessário diversificar os encontros, e não apenas fazer uso da oralidade, já que muitas vezes as crianças demonstram “pouca paciência” para ficarem um longo período de tempo concentrados em um debate. Dessa forma, organizei o trabalho de campo partindo da idéia de realizar diversas estratégias que de alguma forma dessem conta do meu propósito.

Embora a idéia inicial fosse de selecionar um grupo de crianças que tivessem interesse em participar da pesquisa (até para poder avaliar quem seriam os mais interessados. Meninos? Meninas?), optei por trabalhar com a turma inteira, visto que a idéia de retirar apenas alguns alunos da sala acabou não sendo viável por parte da escola. No entanto, penso que o saldo foi positivo, visto que havia crianças posicionadas como gordinhas ou obesas, que, finda a pesquisa, posso afirmar que não teriam participado espontaneamente.

A pesquisa foi realizada com uma turma de 4ª série do Ensino Fundamental. A escolha da série deu-se por eu acreditar que nessa faixa etária as crianças já possuem maior capacidade de envolvimento e de argumentação, além de já estarem mais imersas no ambiente escolar.

Já a escolha de trabalhar dentro do ambiente escolar deu-se pela compreensão de que “importantes aprendizagens sobre o corpo ocorrem na escola ou nela se apresentam” (DAMICO, 2004, p. 29). Além disso, levei em consideração o fato de eu mesma ter vivenciado na escola inúmeras situações conflituosas sobre o meu corpo e também o fato de que alguns livros infantis trazem em seus enredos situações vividas dentro do ambiente escolar. Nesse sentido, a escola não é vista apenas como um espaço cognitivo, mas sim como um espaço onde permeiam inúmeros ensinamentos que vão muito além dos previstos pelos currículos.

A escola na qual realizei o trabalho de campo faz parte da rede privada de ensino de Porto Alegre. A escolha da escola deu-se pela possibilidade de realizar meu trabalho de campo em uma instituição em que eu possuía contatos com a coordenação e pelo fato de poder realizar a pesquisa em uma turma de 4ª série, cuja professora conheço e por sua vez esta conhece a minha pesquisa, o que de certa maneira colaborou com o trabalho, tanto no que diz respeito aos encontros em sala de aula (na ajuda com os registros), como nas repercussões desses encontros em momentos em que eu não estava em sala de aula.

O primeiro passo foi a realização de uma reunião com a direção, com a coordenação e com a professora da turma em questão, para falar sobre os objetivos da pesquisa e ressaltar, através de

alguns materiais da mídia impressa, a atualidade e a visibilidade da temática. Após apresentar o planejamento das atividades que ali realizaria e esclarecer algumas dúvidas, ficou acordado que ao redigir a dissertação eu não mencionaria o nome da escola e não citaria nomes completos das crianças. Também combinamos que seria entregue à coordenação pedagógica da escola o “Termo de consentimento informado” (anexo 18) e que o mesmo seria assinado pelos pais ou responsáveis dos participantes da pesquisa, bem como pela direção da escola.

As atividades desenvolvidas com e a partir dos livros de literatura foram realizadas seguindo um roteiro prévio, e se deram na forma de grupos de conversa e produção de materiais pelas crianças, como invenção de histórias, elaboração de cartazes, questionários específicos sobre os livros e também sobre opiniões frente aos debates realizados, releitura dos livros e reescrita dos desfechos das narrativas literárias, enfim, procurei propor a produção de materiais diversificados, a partir da leitura dos livros.

Para registrar esses encontros utilizei-me de um caderno de anotações, no qual descrevia falas, acontecimentos e comportamentos frente às atividades realizadas, para que posteriormente pudesse retomar mais detalhadamente as situações que se desenrolaram ao longo das atividades. Também fiz uso de gravador e de alguns registros feitos pela própria professora da turma.

No total foram cinco encontros em que reuni as crianças para realizar as atividades da pesquisa. Cada encontro tinha uma média de uma hora e trinta minutos de duração. Elegi trabalhar com sete dos dezoito livros infantis que compuseram o material de análise dessa dissertação. A escolha teve como base livros que se “adequassem” à faixa etária das crianças (9 a 11 anos). Abaixo cito os livros escolhidos e, no anexo 19, encontra-se a organização e as atividades de cada um dos encontros.

Camilão, o comilão

Marcela magrela, Miucha gorducha

Na porta da padaria

Não me chame de gorducha

No tempo em que a televisão mandava no Carlinhos

Samanta gorducha vai ao baile das bruxas

Tia Anacleta e sua dieta

É importante destacar que o propósito do trabalho de campo não era de que as crianças analisassem os livros, mas sim que os livros servissem de mote para trabalhar com o tema da

pesquisa. Alguns encontros foram muito interessantes, produtivos, outros nem tanto. Em alguns deles as crianças acabavam perdendo o interesse sobre o assunto e as conversas tomavam outros rumos. Por outro lado, alguns encontros eram tão interessantes e os estimulavam tanto que chegava a ser difícil o registro de suas falas, pois todos desejavam opinar.

Um outro fator relevante no trabalho de campo foi que muitas vezes as crianças não se sentiam à vontade para opinar perante o grupo, procurando-me ao término das atividades para dar suas opiniões ou para discordar das “conclusões” a que o grupo chegou. Assim foi com Marcella, que perante a conclusão do grupo de que uma pessoa gorda pode ser bonita, chegou para mim e, falando baixinho, disse: “Pode até ser, mas eu não queria ser gorda. Tudo, menos ser gorda¹⁵”. Aliás, um outro tópico importante em relação a essa fala é que muitas vezes as crianças procuravam ser politicamente corretas, ou seja, sabiam o que “deviam” dizer perante o grupo e dentro do ambiente escolar, não se sentindo à vontade de expressar o que realmente pensavam sobre o assunto. Mariana também me procurou para dizer que preferia que debochassem dela por usar óculos do que por ser gorda. Tais falas foram muito presentes e uma das minhas hipóteses diz respeito ao trabalho que a escola realiza que, sendo uma escola católica freiras, tem como princípio norteador a campanha da fraternidade, que no ano de 2005 trabalha com a Solidariedade e a Paz, com o lema “Felizes os que promovem a paz”, tendo como um dos projetos o respeito às diferenças.

Concluída a pesquisa de campo, organizado o caderno de anotações, transcritas as conversas que foram gravadas e com as produções textuais deles em mãos, foram-se criando inúmeras dúvidas, tentativas e expectativas com relação à organização desses materiais. Como dar conta da totalidade do que havia ocorrido nesses encontros, sem perder os detalhes? Como tecer uma teia entre as falas, os relatos e as impressões coletadas, juntamente com as minhas análises e com as reflexões teóricas que subsidiaram essa dissertação, que, de alguma maneira, me permitissem pensar nos modos como essas crianças eram atingidas e enlaçadas no dispositivo da magreza?

Tenho ciência de que esse foi um estudo localizado, ou seja, um estudo que aponta para o modo como um determinado grupo de crianças interagiu com os materiais que apresentei. Talvez um outro grupo, ou um outro olhar sobre os materiais do trabalho de campo, produzissem outros achados. Este foi o meu olhar, a minha versão sobre a experiência do meu trabalho de campo. Como nos lembra Santos (2005), ao escrever sobre a pesquisa de campo realizada em sua dissertação de mestrado,

¹⁵ Foi dessa fala que se originou parte do título da dissertação.

em outras palavras, [esta] é a história que eu contei a partir daquilo que, com meus olhos de aprendiz-pesquisador passei a olhar como importante e que constituí como relevante para o trabalho – embora muitas vezes me perguntasse se aquilo que estava (d)escrivendo era o que, ‘de fato’, acontecia (p. 3).

A partir dessas constatações, apresento no capítulo 3 dessa dissertação, o meu olhar sobre os “dados” coletados e os livros analisados, que acabaram me permitindo elaborar alguns eixos de análise, através das ocorrências, regularidades, descontinuidades e rupturas presentes tanto nos livros analisados, quanto nas falas, nos escritos, nas atitudes e nos comportamentos daqueles que foram sujeito dessa investigação.

Um lugar de encontro: Estudos Culturais e Educação

Como já mencionei anteriormente, o referencial teórico em que se apóia essa pesquisa situa-se no campo dos Estudos Culturais em Educação, em sua vertente pós-estruturalista e nas contribuições do filósofo Michael Foucault, principalmente acerca do conceito de dispositivo¹⁶.

Os Estudos Culturais foram institucionalizados no Centro de Estudos Contemporâneos, na Universidade de Birmingham – Inglaterra, em meados da década de 60 do século XX. No princípio, as investigações desenvolvidas nesse campo estavam interessadas em desmontar o binarismo entre cultura erudita e cultura popular, questionando suas fronteiras. Nesse sentido, a produção da cultura começa a ser vista em múltiplos espaços e não apenas nas produções ditas eruditas. Além disso, a cultura passa a ser concebida não mais simplesmente como descrição de modos de vida, mas em seu caráter constitutivo. Conforme Costa, Silveira e Sommer (2003), a cultura, nessa perspectiva, passa a ser vista não só

como acumulação de saberes ou processo estético, intelectual ou espiritual. A cultura precisa ser estudada e compreendida tendo-se em conta a enorme expansão de tudo que está associado a ela, e o papel constitutivo que assumiu em todos os aspectos da vida social (p. 38).

Conforme nos mostra Mattelart e Neveu (2004), o Centro dos Estudos Culturais “foi um caldeirão de cultura de importações teóricas, de trabalhos inovadores com objetos julgados até então indignos do trabalho acadêmico” (p. 56). Tais estudos “nascem de uma recusa do legitismo, das hierarquias acadêmicas dos objetos nobres e ignóbeis. Eles se fixam sobre a aparente banalidade da publicidade, dos programas de entretenimento, das modas vestimentares” (ibidem, p. 72).

¹⁶ No capítulo 2 apresento e discuto o conceito de dispositivo, tal como proposto por Foucault, e caracterizo o dispositivo da magreza.

Assim, dentro desta perspectiva, começam a se desenvolver muitas pesquisas que têm como foco de análise objetos até então não considerados “merecedores” de reflexão no âmbito acadêmico. Dentro do Programa de Pós-Graduação em que desenvolvo minha pesquisa, cito, por exemplo, pesquisas realizadas tendo por objeto de análise revistas¹⁷, programas de televisão¹⁸, filmes¹⁹, enfim, inúmeros artefatos culturais que, a partir desse referencial teórico, passam a ser vistos como participantes do processo de constituição dos sujeitos e dos modos de vida.

É importante sublinhar que as discussões aqui realizadas filiam-se aos Estudos Culturais em sua vertente pós-estruturalista²⁰. Segundo Peters (2000), o pós-estruturalismo pode ser caracterizado como um modo de pensamento, um estilo de filosofar e uma forma de escrita. O autor argumenta que,

de forma mais geral, pode-se dizer que o termo é um rótulo utilizado na comunidade acadêmica de língua inglesa para descrever uma resposta distintivamente filosófica ao estruturalismo²¹ que caracterizava os trabalhos de Claude Lévi-Strauss (antropologia), Louis Althusser (marxismo), Jacques Lacan (psicanálise) e Roland Barthes (literatura) (p. 28).

Assim, tal movimento filosófico inicia-se na França, por volta da década de 1960, e tem como referência filosófica os trabalhos de Friederich Nietzsche e Martin Heidegger. Esse movimento questiona o cientificismo, o racionalismo e o realismo do estruturalismo, mesmo que não rompa completamente com ele. Além do mais,

os pensadores pós-estruturalistas desenvolveram formas peculiares e originais de análise (gramatologia, desconstrução, arqueologia, genealogia, semioanálise), com frequência dirigidas para críticas de instituições específicas (como a família, o Estado, a prisão, a clínica, a escola, a fábrica, as forças armadas, a universidade e até mesmo a própria filosofia) e para a teorização de uma ampla gama de diferentes meios (a “leitura”, a “escrita”, o ensino, a televisão, as artes visuais, as artes plásticas, o cinema, a comunicação eletrônica) (PETERS, 2000, p. 34).

¹⁷ Como por exemplo, *A invenção da infância generificada: a pedagogia da mídia impressa constituindo as identidades de gênero*, desenvolvida por Claudia Amaral dos Santos (2004), que analisa as revistas *Crescer em Família*, *Pais & Filhos* e *Meu Nenê e Família*.

¹⁸ Como por exemplo, *Lições de masculinidade: aprendendo com A Turma do Didi*, desenvolvida por Janaína Souza Neuls (2004), que analisa o programa televisivo *A turma do Didi*, veiculado pela Rede Globo de Televisão.

¹⁹ Como por exemplo, *Representações de espaço e tempo no olhar de Hollywood sobre a escola e Em cartaz: o cinema brasileiro produzindo sentidos sobre escola e trabalho docente*, ambas desenvolvida por Eli Terezinha Henn Fabris (1999 e 2005), que analisa, respectivamente, filmes hollywoodianos que abordam o ambiente escolar e o cinema brasileiro articulado ao trabalho docente.

²⁰ Saliento tal vertente, pois algumas pesquisas filiadas aos Estudos Culturais articulam-se a teorias marxistas, no qual a centralidade dos estudos se dá na cultura articulada à luta de classes.

²¹ Conforme Peters (2000, p. 22), o Estruturalismo tem sua origem na lingüística estrutural de Saussure e Jakobson. Teria sido este último que cunhou, em 1929, o termo estruturalismo, para designar uma abordagem estruturo-funcional de investigação científica dos fenômenos, cuja tarefa básica consistiria em revelar as leis internas de um sistema determinado. Assim, o estruturalismo procurava apontar leis gerais que regem vários acontecimentos (fatos, comunidades, etc.).

Dentro da vertente pós-estruturalista de análise, a linguagem torna-se um conceito chave, pois ela não apenas é concebida como narrando acontecimentos e sujeitos, mas os constitui. Assim, ao nomearmos alguém de “gordo”, podemos não apenas estar nos referindo ao seu excesso de peso, mas a toda rede de significados atribuídos ao *ser gordo* e que não lhe são inerentes. Isto porque a palavra “gordo”, hoje, é carregada de sentidos que vão muito além do sentido dicionarizado²². Ao dizermos que alguém é gordo, provavelmente podemos fazer referência a esse sujeito como uma pessoa preguiçosa, desleixada com seu corpo, que come muito, que possui uma vida sedentária... Enfim, é a linguagem constituindo o sujeito, a linguagem produzindo identidades, a linguagem incluindo e excluindo, aprovando ou marginalizando sujeitos.

Nesse sentido, Condé (1998), apoiado em Wittgenstein, afirma que

a significação de uma palavra é dada a partir do uso que dela fazemos em diferentes situações e contextos [...] Com efeito, se a mesma expressão lingüística for usada de outra forma ou em outro contexto, sua significação poderá ser outra, isto é, poderá ter uma significação totalmente diversa da anterior, dependendo do uso no novo contexto e das relações pragmático-lingüísticas exigidas por ele (p. 89).

Dessa forma, levando em consideração o caráter produtivo da linguagem, que, através dos nossos usos, institui determinados tipos de significados, de realidades, de verdades... penso que o conceito de representação, como uma conferência de significados e não como uma correspondência direta, torna-se importante para essa pesquisa, já que este conceito se refere a um conjunto de imagens e falas que apresentam um sujeito de uma determinada forma e não de outra.

Outra ferramenta conceitual importante para as análises, e que também é intrínseca à noção de que a linguagem constitui o mundo, é o conceito de discurso, que pode ser pensado como um conjunto de enunciados²³ ancorados em algum tipo de saber. Segundo Hall (1997), o discurso

fornece uma linguagem para se poder falar sobre um assunto e uma forma de produzir um tipo particular de conhecimento. O termo refere-se tanto à produção de conhecimento através da linguagem e da representação, quanto ao modo como o conhecimento é institucionalizado, modelando práticas sociais e pondo novas práticas em funcionamento (p. 29).

Se os discursos e representações produzidos atualmente acerca do sujeito gordo são carregados de significados construídos ao longo dos anos, com espaço e tempo capazes de serem determinados, creio que não faria sentido a discussão sobre tal temática no século XV, por exemplo,

²² Do Minidicionário Luft, 2000: 1. Que tem gordura; untuoso. 2. Que tem o tecido adiposo desenvolvido. 3. Avultado; considerável. 4. Indivíduo gordo, nédio.

²³ Para Foucault, um enunciado não é qualquer coisa dita (ou mostrada), mas sim manifestações de um saber que é aceito, repetido e transmitido (VEIGA-NETO, 2003).

já que nessa época tal fator não se constituía como um problema, pelo menos da forma que se constitui hoje. Isso porque a gordura remetia a outra intrincada rede de significados acerca do sujeito, diferente da que estamos inseridos hoje.

Nesse sentido, pode-se pensar, por exemplo, nas diversas reportagens, veiculadas na mídia impressa e televisiva, que narram o quanto o corpo gordo é um problema a ser resolvido. Embora eu mesma tenha vivenciado minha *gorditude*²⁴ dessa forma, pergunto-me: isto não seria problemático porque eu mesma internalizei tal discurso? Todos vivem a *gorditude* da mesma forma? É problemático para todos? Isso me faz pensar que pouco circulam discursos que anunciam gordos felizes que não se deixaram interpelar pelo apelo e pelo mercado de consumo da magreza, uma marca corporal positivada em relação a demonização da gordura.

Embora apresente as análises da pesquisa no capítulo 3, julgo importante trazer aqui um excerto de uma das histórias para mostrar o quanto os discursos e as representações que circulam em diversas instâncias constituem nossas identidades.

Em um dos livros analisados, *O Tom é gorducho*, é no decorrer da história que Tom começa a se dar conta de que ele é gorducho e que isso é um problema. Após alguns deboches dos colegas da escola, Tom chega em casa,

entra no quarto da mãe dele, onde tem um espelho bem grande, e vai conferir se o que dizem dele é mesmo verdade. É, ele é um gorducho, sim. Se não fosse pelos outros, o Tom nem pensaria que ser gordinho é um problema.

(D'HAESE, sem ano, sem página)

²⁴ Neologismo que pode ser criado por analogia com a expressão *negritude*. O sufixo (i)tude indica, aqui, modo de ser.



Fig. 1 – Tom, do livro *O Tom é gorducho*

Esse excerto nos faz pensar que a identidade é forjada no espaço relacional que se estabelece entre o sujeito e a rede discursiva que o aprisiona e o localiza. Ou seja, a identidade é formada culturalmente. A questão não é negar a materialidade do corpo gordo, mas perceber que os sentidos e as significações que inferimos a partir dessa materialidade é formada dentro da cultura. Além disso, este trecho mostra o caráter comparativo do *ser gordo*, como um outro do magro. Trata-se de uma diferença que só existe na relação, e que funciona como um marcador dentro de um campo epistemológico e cultural. Hall (1997), ao discutir a centralidade da cultura, observa o quanto as práticas culturais nos produzem:

A identidade emerge, não tanto de um centro interior, de um 'eu verdadeiro e único', mas do diálogo entre os conceitos e definições que são *representados* para nós pelos discursos de uma cultura e pelo nosso desejo (consciente ou inconsciente) de responder aos apelos feitos por estes significados, de sermos interpelados por eles, de assumirmos as posições de sujeito construídas para nós [...] O que denominamos 'nossas identidades' poderia provavelmente ser melhor conceituado como as sedimentações através do tempo daquelas diferentes identificações ou posições que adotamos e procuramos 'viver', como se viessem de dentro, mas que, sem dúvida, são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências única e peculiarmente nossas, como sujeitos individuais. Nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente. (p. 26).

Além disso, tal excerto vai ao encontro do que Bauman (1998) argumenta:

Nenhum de nós pode construir o mundo das significações e sentidos a partir do nada: cada um ingressa num mundo 'pré-fabricado', em que certas coisas são importantes e outras não o são; em que as conveniências estabelecidas trazem certas coisas para a luz e deixam outras na sombra (p. 17).

Se ingressamos num mundo pré-fabricado, conforme argumenta Bauman na passagem acima, em que mundo está ingressando uma criança no início do século XXI? Na próxima seção tento tecer, através das histórias do corpo, de estratégias de saber-poder, da vontade de expansão do saber médico, e do consumo, alguns sentidos que foram construídos e constituindo as identidades dos sujeitos considerados gordos e que deram condições de possibilidade de existência ao dispositivo da magreza.

II. DISPOSITIVO DA MAGREZA

No livro *Microfísica do Poder*, Foucault, explicita o conceito de dispositivo como

um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativa, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos (1990, p. 244)

A partir desse conceito de Foucault, e dos escritos de Dreyfus e Rabinow (1995) acerca dessa ferramenta analítica que é o dispositivo, quando estes nos mostram que “destes elementos díspares, tentamos estabelecer um conjunto de relações flexíveis, reunindo-as num único aparelho de modo a isolar um problema específico” (p. 134), proponho pensarmos no que aqui optei chamar de *dispositivo da magreza*.

É Dreyfus e Rabinow (1995) que me ajudam a ver esse dispositivo como uma “rede de inteligibilidade” (p. 134) acerca do sujeito gordo, que isola o gordo²⁵ como um problema e o institui em oposição a um sujeito “normal”, saudável e desejável – o magro. Opera, assim, contra o gordo e tem como finalidade a prevenção e a modelagem das pessoas, em função do menor risco (já que se pode evitar a gordura através do comportamento das pessoas) e do maior ganho social, uma vez que a obesidade também acarreta custos para os cofres públicos, com internações, remédios, consultas e cirurgias de pessoas com obesidade ou doenças ligadas a ela, para citar alguns exemplos. Referindo-se à noção de risco, Damico (2004) diz:

A noção de risco ocupa um lugar privilegiado na sociedade contemporânea. As informações sobre o que o futuro reserva constituem um modo de obter um futuro que se deseja. Trata-se de uma operação de antecipação do futuro, em que o que se busca é a melhor forma de controlar os riscos a partir de ampla variedade de opções que permitem decidir sem arrependimentos ou com um mínimo deles (p. 116).

E como lembra Giddens (2002), o clima de risco é inquietante para todos, ninguém escapa.

Dessa forma, através de enunciados científicos, proposições morais e inúmeros elementos, esse dispositivo opera no sentido da prevenção, constituindo e organizando os sujeitos, através da formação de verdades e da produção de padrões. Daí que se vê inúmeros programas televisivos, reportagens, grupos de ajudas (como o CREO – Centro de Reabilitação e Estudos da Obesidade – e

²⁵ Quando faço menção ao gordo, não estou referindo-me apenas ao gênero masculino, mas sim a sujeitos em geral, incluindo tanto o masculino quanto o feminino. Apenas farei a distinção dos gêneros na seção *A norma generificada*, na qual discuto questões de gênero atreladas à constituição da magreza como uma normatividade.

o Vigilantes do Peso), serviços sociais, etc., que demonizam a gordura e que têm por intenção efeitos de “normalização”.

Outro ponto importante que Foucault nos mostra é que o dispositivo se define não só por uma estrutura de elementos heterogêneos, mas também pela gênese. Ele nos mostra que todo dispositivo surge “em um determinado momento histórico e tem como função principal responder a uma urgência” (1990, p. 244). Dessa forma, penso que atualmente faz sentido falar no dispositivo da magreza, uma vez que o corpo gordo se constitui hoje como um problema para a sociedade em geral e para o sujeito em particular.

Outro aspecto importante no conceito de dispositivo é que ele nasce da configuração de um determinado tipo de saber, mas ao mesmo tempo sustenta e condiciona esse saber. “É isto, o dispositivo: estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles” (ibidem, p. 246). E é isso que temos hoje: um conjunto de discursos que circulam associando a magreza com saúde, beleza e sucesso; um conjunto de atributos tidos como intrinsecamente positivos, bons e desejáveis. Em relação à obesidade, dá-se exatamente o contrário, ela é associada a problemas e riscos.

Embora não seja objetivo desse trabalho explorar o dispositivo da magreza em toda a sua amplitude e complexidade, interessa-me compreender e apontar, nessa seção, o modo como a mídia integra esse dispositivo, já que a rede de inteligibilidade acerca do sujeito gordo circula visivelmente pela mídia, tanto impressa quanto televisiva²⁶. São inúmeros os programas e as reportagens que abordam tal questão, seja relacionando-a à estética, seja relacionando-a com a saúde.

Em uma pesquisa que realizei no site da *Rede Globo de Televisão* no dia 12/07/2004, procurando por programas ou reportagens veiculados nos últimos quatro anos sobre essa temática, encontrei diversas chamadas acerca do assunto. Em geral eram notícias veiculadas em telejornais como *Jornal Nacional*, *Bom Dia Brasil*, *Jornal Hoje* e *Em Cima da Hora* (transmitido no canal fechado *GloboNews*), ou em programas como *Fantástico*, *Globo Repórter* e *Almanaque* (também transmitido no canal fechado *GloboNews*). Os programas enunciavam as seguintes chamadas: OMS aprova plano contra obesidade (*Jornal Nacional*, 22/05/2004), Aumento no número de crianças obesas é fator preocupante (*Jornal Nacional*, 28/04/2004), Em pouco tempo a obesidade poderá matar mais do que o fumo nos EUA (*Bom Dia Brasil*, 10/03/2004), Escola de São Paulo cria um cardápio especial para combater a obesidade infantil (*Jornal Hoje*, 05/02/2004), Desnutrição X Obesidade (*Globo Repórter*, 28/11/2003), Quarenta por cento dos brasileiros estão acima do peso (*Fantástico*,

²⁶ No capítulo 3 e 4 procuro mostrar o modo como a literatura infanto-juvenil e o que ela produz também participam da rede de inteligibilidade do *ser gordo*, operacionalizando o dispositivo da magreza.

3/11/2003), Remédios contra a obesidade podem viciar (*Jornal Hoje*, 27/06/2002), Obesidade: o brasileiro está se descuidando da forma (*Jornal Hoje*, 30/04/2002), entre tantas outras (pesquisa completa ver anexo 3).

Pesquisando também em diversas revistas que possuem em suas pautas artigos sobre estética e saúde corporal²⁷, deparei-me com uma revista especializada no combate à gordura: *Pense Leve*. A revista é mensal, publicada pela Editora Grupo I Ltda, e faz parte, junto com os *Vigilantes do Peso*, *Vigilantes* e *Pontos Ativos*, das marcas exclusivas do grupo *Weight Watchers Internacional Inc*. Esse grupo foi criado oficialmente em 1968, nos Estados Unidos, por profissionais da área de saúde, entre eles psicólogos, nutricionistas e médicos. Segundo Olinda Fernandes, gerente nacional e orientadora do *Vigilantes* no Rio de Janeiro, tais especialistas sustentam uma reeducação alimentar fácil de ser compreendida e seguida e um ambiente de ajuda mútua. Para o grupo, conforme aponta Olinda Fernandes, esta é a única forma de emagrecer com saúde, de não voltar a engordar e combater o maior obstáculo do emagrecimento, a restrição. O método de emagrecimento chegou ao Brasil em 1975, e, segundo ela, o Brasil seria hoje o quinto país em número de adeptos (20 mil). O programa de emagrecimento modificou-se ao longo do tempo. O primeiro método adotado, *Quick Start*, utilizava uma pequena balança para pesar as porções de alimentos que podiam ser ingeridas, de acordo com cada pessoa. Após, no método *1,2,3 Sucesso*, a balança foi abolida e os alimentos divididos em cores, indicando o que se pode ou não comer, sendo que as porções passaram a ser medidas com o auxílio das mãos (a porção tem que caber na palma da mão). Atualmente, no novo método adotado, *Pontos Ativos*, os alimentos ganham pontos, que são descontados de uma cota diária específica para o associado²⁸.

Em maio de 2004, em função do meu interesse pelo tema, entrei em contato com uma das coordenadoras do grupo no Rio Grande do Sul e pedi para participar de uma das reuniões do *Vigilantes do Peso* que ocorre em Porto Alegre. As reuniões duram cerca de uma hora e adotam a seguinte dinâmica: primeiramente cada membro do grupo é pesado em uma balança, que fica num lugar mais elevado da sala (como se fosse um palco), à frente de todos. Após, a coordenadora fala ao grupo quem perdeu, quem manteve e quem ganhou peso. Aquele que tiver perdido mais peso ganha uma cesta com produtos de baixas calorias, trazidos por cada membro do grupo. Em seguida, é eleito um tema para ser debatido, que se modifica a cada reunião. É nesse momento que as pessoas narram suas angústias, seus fracassos, seus sucessos, em relação ao processo de

²⁷ Revistas como *Boa Forma*, *Nova*, *Cláudia*, entre outras. A respeito da revista *Boa Forma*, ver dissertação de mestrado *Uma boa forma de ser feliz: representações de corpo feminino na revista Boa Forma* (2002) da autora Sandra dos Santos Andrade.

²⁸ Esses dados foram retirados de uma edição especial da revista *Pense Leve* (número 122, agosto, 2002 – ver anexo 4).

emagrecimento, trocando conselhos, dúvidas e sentimentos com o grupo. Quanto ao grupo, no dia em que participei da reunião, havia 24 pessoas, sendo apenas duas destas, homens. As idades eram variadas, desde mulheres bem jovens até senhoras de idade. Os pesos também variavam bastante, entre 70 Kg e 120 Kg.

A revista *Pense Leve* participa da mesma “filosofia” dos *Vigilantes do Peso*, servindo, além de *marketing* do grupo, como um espaço de visibilidade de diferentes artistas (Cristina Arcangeli e Solange Frazão foram capas das edições número 141 e 145 – ver anexos 5 e 6), trazendo também matérias sobre beleza, moda, receitas culinárias e histórias de pessoas que obtiveram sucesso com o método proposto pelo grupo.

Enfim, poderia citar aqui inúmeros materiais que coletei no ano de 2004, os quais de alguma forma anunciam o quanto a obesidade vem se tornando o inimigo número um das sociedades ocidentais. De fato, vivenciamos hoje, conforme apontam diversos profissionais especializados no assunto, uma epidemia da obesidade que pode ocasionar problemas reais de saúde, como hipertensão, doenças cardiovasculares e diabetes. Contudo, considero mais grave o modo como a fronteira entre aquilo que é considerado alguns quilos a mais e a obesidade vem se confundindo, patologizando a todos e construindo uma vontade de normalizar, através de um endireitar o corpo, como se o corpo magro fosse um melhoramento ou uma evolução em direção ao seu “estado perfeito”. Ademais, acaba-se atribuindo ao corpo gordo os conceitos de feio e doente, e uma valorização desenfreada ao corpo modelado, já que esse simboliza beleza, saúde e felicidade. Neckel (2003), ao relacionar as questões de estética atreladas ao gênero feminino, afirma que

o constante apelo à beleza, que se expressa através de um corpo magro e jovem, e que, para se manter dentro desses padrões, precisa cada vez mais se submeter a sacrifícios e cuidados, tem encontrado acolhida não só entre mulheres mais maduras, mas também entre as jovens e meninas. Elas freqüentam cada vez mais cedo as academias de ginástica, se submetem a cirurgias plásticas, fazem dietas [...] tudo em nome da beleza (p. 55).

Assim, sob a voz da medicina, através do discurso da saúde, as diversas reportagens que encontrei mostram o quanto as crianças vêm se tornando cada vez mais o foco de controles alimentares, já que, dizem, prevenir é melhor que remediar. Assim, o controle do corpo se tornou a ordem do dia. O corpo é o nosso cartão de visita e, dizem, se belo, a própria felicidade. No limite, tais representações acabam criando tanta ojeriza ao corpo gordo, que freqüentemente vemos adolescentes com transtornos alimentares patológicos, como bulimia e anorexia, conseqüência de um imperativo da magreza, um imperativo informado pelo discurso biomédico e partilhado/capturado por

outros discursos e instâncias, que vê o sobrepeso corporal como fisicamente repulsivo (LUPTON, 2000).

No programa *Globo Repórter* veiculado em 28/11/2003, intitulado Desnutrição X Obesidade, fica visível a obsessão pela magreza na fala de uma adolescente com diagnóstico de bulimia: “Quando me olhava no espelho, eu achava que estava muito magra, que estava muito feia, mas eu tinha medo de engordar”, diz Vanessa de 19 anos.

Esse assunto também foi de interesse da revista *Veja*, de 11/02/2004, que traz uma matéria, na seção saúde, intitulada “Doenças graves incentivadas na Internet”, mostrando que há uma variedade de sites que promovem a anorexia e a bulimia. A reportagem aponta que “os dois grupos de maior risco são as estudantes de balé e as aspirantes a modelo, duas atividades banidas para as gordinhas”. Paula Melin, diretora do Núcleo de Transtornos Alimentares e Obesidade (Nuttra) do Rio de Janeiro, e que participa da reportagem, afirma que “a existência dos sites pró-anorexia é reflexo de uma cultura doentia que exalta o corpo e a aparência acima de qualquer outra consideração”, e afirma: “vivemos na era da satanização do gordo, os jovens tem medo de ser discriminados e excluídos por estarem acima do peso. Daí a obsessão por perder peso rápido” (reportagem completa ver no anexo 7).

Damico (2003), em sua pesquisa sobre transtornos alimentares, nos mostra o quanto as chamadas desordens alimentares se desenvolvem predominantemente na população feminina. De fato, as exigências estéticas (beleza, magreza...) parecem direcionar-se, na maioria dos materiais que coletei, de forma mais expressiva ao gênero feminino. Esta associação não é nova, e “a idéia de que a beleza está para o feminino, assim como a força está para o masculino, tem atravessado o século e as culturas” (Sant’Anna, 1995, p. 121). Segundo Sant’Anna (2003), “a busca da mulher pela beleza é na verdade a busca pelo poder” (p. 48). Damico (2003) afirma que

Dietas rigorosas, exercícios físicos intensivos e métodos purgativos passam a fazer parte do cotidiano dessas pessoas. Tais preocupações com o corpo e com suas medidas estão, hoje, tão associadas a um dado padrão de comportamento dito feminino que elas passam a ser definidas e reconhecidas como objeto ‘natural’ de atenção feminina. Um dos efeitos extremos dessa preocupação naturalizada parece ser a de levar garotas cujos corpos estão muito próximos dos padrões tidos como normais a perceberem-se com corpos ‘defeituosos’ (p. 15).

Esses elementos, entre outros, constroem, ao meu ver, uma rede de significados sobre o corpo gordo e conseqüentemente sobre a identidade do sujeito gordo, que não é natural, mas que se

constitui histórica e culturalmente através de um conjunto articulado de condições de possibilidades específicas que permitiram a emergência da noção da problemática *ser gordo*²⁹.

Além disso é importante destacar o quanto o controle dos corpos atrela-se a uma rede de consumo que acaba sendo criada para conseguirmos o corpo dito perfeito. Indústria de cosméticos, cirurgias plásticas, indústria farmacêutica, produtos *lights* e *diets*, academias, vestimentas e equipamentos, enfim um imenso aparato de espaços, produtos e intervenções sobre o corpo, a fim de o controlarmos e moldarmos sob a ordem de uma concepção de beleza. Para Grandó (2001) “a sociedade capitalista não vê no corpo sua beleza particular, mas sim seu valor econômico. Daí a necessidade de os mecanismos de poder atuarem na construção dos corpos, criando padrões estéticos, morais, de saúde, de inteligência considerados normais...” (p. 71).

Folheando diferentes números da revista *Nova*, é possível perceber o alto custo financeiro que demanda a busca por esse “corpo perfeito”. Na edição de novembro de 2003, uma das matérias anuncia: “Pequenas cirurgias, grandes efeitos. Atenção, atenção! Última chamada para quem deseja entrar em 2004 com o corpo em cima. Graças ao avanço da medicina estética, é possível enxugar gordurinhas e até ganhar um par de seios novos para desfilarmos já em 1º de janeiro” (p. 106). A matéria traz quatro tipos de microcirurgias “que vão esculpir suas formas e aumentar sua auto-estima em até dois meses” (idem). Os custos dessas intervenções variam entre R\$ 500,00 a R\$ 10.000,00 (matéria completa ver no anexo 8). As cirurgias plásticas ou outras intervenções no corpo em prol do “corpo perfeito” estão tão comuns que, segundo reportagem publicada no jornal *Zero Hora*, de 29/10/2003, nos EUA, festas para exibir plásticas viram moda, na qual “médicos expõem suas ‘obras’ como se estivessem em uma galeria”. O médico Stephen Greenberg, cirurgião plástico e organizador de um desses eventos, levou para o desfile da festa “dez mulheres vestindo *Dolce & Gabbana*³⁰ mostrando seus novos olhos, coxas, seios e barrigas”. Ele comenta, ainda, que “a cirurgia estética está mais comum do que nunca. As pacientes saem da minha clínica e vão jantar. Algumas delas me convidam para suas festas de apresentação” (p. 32 – reportagem completa ver no anexo 9). Le Breton (2003), a esse respeito, afirma que:

O corpo tornou-se a prótese de um eu eternamente em busca de uma encarnação provisória para garantir um vestígio significativo de si [...] uma identidade efêmera, mas essencial para si e para um momento do ambiente social. (...) A cirurgia estética não é a metamorfose banal de uma característica física no rosto ou no corpo; ela opera, em primeiro lugar, no imaginário e exerce uma incidência na relação do indivíduo com o mundo. Dispensando um corpo antigo mal amado, a pessoa goza antecipadamente de um novo nascimento, de um novo estado civil. A cirurgia estética oferece um exemplo

²⁹ Tal discussão será feita mais adiante.

³⁰ Marca de roupas de alto custo, assinadas por estilistas famosos.

impressionante da consideração social do corpo como artefato da presença e vetor de uma identidade ostentada (p. 29 - 30).

Além dessas intervenções, a busca desenfreada por esse corpo ideal movimentou também mercados financeiros em diversos outros setores. Em 30/02/2004, o jornal *Zero Hora* publicou reportagem sobre a expansão do mercado das academias de ginástica, afirmando que “os cuidados com o corpo estimulam a abertura de novas academias e o setor segue atraindo investidores” (p. 20 – reportagem completa ver anexo 10).

Outro nicho de mercado favorecido com essa busca da magreza é a indústria farmacêutica, que coloca no mercado inúmeros remédios que prometem emagrecimento rápido e transformação total na vida das pessoas. Trago para essa pesquisa duas propagandas do produto *Sanavita* (anexo 11), veiculadas em diferentes revistas no ano de 2002. Elas ocupam duas páginas, colocando no lado esquerdo o “problema” e no lado direito a “solução”. Em uma delas, temos no lado esquerdo um bolo de casamento, com um casal de bonecos, representando os noivos gordos. No lado direito, a seguinte frase: “O mundo nunca vai ser assim. Emagreça com Sanavita”. A segunda propaganda traz no lado esquerdo uma boneca, estilo *Barbie*, porém gorda, e no lado direito novamente a frase: “O mundo nunca vai ser assim. Emagreça com Sanavita”. Ora, o mundo é assim. Se olharmos para as pessoas que nos cercam, certamente encontraremos inúmeras pessoas com esses corpos. A própria mídia aponta para o quanto as pessoas estão ficando mais gordinhas, devido, até mesmo, à vida sedentária que o avanço tecnológico gerou. O que as propagandas nos mostram é que gordura nunca vai ser considerada beleza e que você tem que entrar na ordem do dia: emagrecer! E que para isso basta comprar *Sanavita*, e todos os seus problemas estarão resolvidos.

Com todo esse bombardeamento midiático, com todos esses significados acerca do sujeito gordo, fica fácil entender por que cada vez mais encontramos adolescentes com transtornos alimentares. Também fica fácil perceber a ojeriza ao corpo gordo e a busca desenfreada pelo corpo magro. Não quero aqui fazer uma apologia à gordura; tenho ciência de que a obesidade pode trazer inúmeros problemas de saúde. Mas, lembrando Veiga-Neto (2002), reconhecer essa dimensão biológica, muito pouco ou quase nada diz sobre os muitos sentidos que damos ao fato de se ter ou de se pensar ter, no caso dessa pesquisa, alguns quilos a mais. “Uma coisa é a obesidade, a doença, outra coisa é ser gordinha/o”³¹, afirma Sant’anna (2003).

³¹ Interessante destacar o quanto utilizamos o diminutivo ao referirmos que alguém é gordo. Trata-se de uma estratégia compensatória, para minimizar os efeitos advindo da palavra gordo, ressaltando o quanto essa é carregada de sentidos, em geral, negativos. O uso do “diminutivo carinhoso” como uma compensação cínica pelo reconhecimento velado da violência normativa funciona, dessa forma, como uma poderosa estratégia de encobrimento da violência simbólica perpetrada pelos sujeitos que o usam. Nesse sentido, tal diminutivo se situa, em ação e efeito, no mesmo âmbito daquelas políticas compensatórias que são simplesmente outorgadas por aqueles que ocupam os lados fortes numa cadeia de dominação.

Com tudo isso, quero apontar e reforçar alguns tópicos que julgo importantes. Primeiro: sob a voz do saber científico, constituiu-se um controle de endireitar o corpo, no qual as fronteiras entre obesidade e aquilo que se diz ser alguns quilos a mais estão cada vez mais se confundindo, e que, ao mesmo tempo em que esse controle emergiu desse saber científico, ele o alimenta constantemente. Segundo: para que o dispositivo da magreza opere e produza efeitos, ele certamente precisa patologizar também o sujeito, visto e dito, com alguns quilos a mais. Terceiro: cada vez mais a infância e a adolescência têm sido o foco desse controle, já que, como argumentei anteriormente, dizem que “é melhor prevenir do que remediar”. Quarto: o consumo torna-se nessa discussão um ponto-chave, já que todo esse dispositivo da magreza movimenta cifras astronômicas nas sociedades ocidentais.

Por fim, cito Marcello (2004), que ao discutir em sua pesquisa o dispositivo da maternidade, afirma a importância da desconstrução das grandes verdades que governam os sujeitos.

Daí, creio, a importância de destacar, localizar e problematizar as diferentes lógicas que operam na produção de sujeitos e de práticas discursivas específicas: apontar para a possibilidade de sua desconstrução e, acima de tudo, para a possibilidade de resistir e de lutar ‘contra as formas de poder exatamente onde ele é, ao mesmo tempo, objeto e o instrumento: na ordem do saber, da ‘verdade’, da ‘consciência’, do discurso’ (p. 211).

Um pouco de história

Conforme argumentei anteriormente, há uma urgência histórica na instituição do dispositivo. Elementos que articulados deram condições de possibilidade e de existência a ele, e que fizeram com que o dispositivo da magreza respondesse a uma certa urgência, a uma certa problemática, o corpo gordo. Nesse sentido, ao afirmar que a busca pelo corpo magro funciona como um dispositivo que responde à urgência de resolver a problemática do *ser gordo*, o que procuro esboçar nessa seção são alguns aspectos históricos que marcam e consolidam esse dispositivo, ou seja, procuro trazer alguns processos históricos que constituíram o gordo como um problema.

Dos gregos antigos às sociedades contemporâneas, passando por diferentes áreas do conhecimento, como filosofia, antropologia, sociologia, psicologia, medicina, há uma gama diversificada de teorias e reflexões acerca do corpo. Sant’Anna (2000) nos lembra

que cada corpo, longe de ser apenas constituído por leis fisiológicas, supostamente imutáveis, não escapa à história. E se o corpo não escapa à história, faz sentido dizer [...] que cada cultura tem seu corpo assim como ela possuiu sua língua. Além de ser um processo histórico, o corpo funciona como um processador da história, por meio do qual são veiculados e modificados os legados culturais e biológicos (p. 50).

Ao utilizar-me de algumas histórias sobre o corpo para tentar entender a construção dos significados associados ao *ser gordo* na cultura ocidental contemporânea, acabo me remetendo aos conceitos de saúde e beleza, e é nesse sentido que procuro trazer, baseada em diferentes autores, alguns aspectos históricos do corpo.

Segundo Soares (2003),

o culto à magreza e a obsessão pela atividade física orientada, assim como pela saúde perfeita, talvez possam ser [hoje] uma nova representação do corpo. Tomando como exemplo o lugar da gordura, que já foi sinônimo de opulência e até de saúde (e ainda o é em determinados grupos e culturas), percebe-se claramente uma nova sensibilidade e tolerância em relação à sua existência. A gordura, hoje, converteu-se no grande mal a ser combatido, um mal que, aliado ao sedentarismo, outro vilão contemporâneo, torna-se objeto de combate incessante, desde a mídia até programas e políticas de saúde públicas (p. 17).

Soares, nessa passagem, fala de uma nova representação de embelezamento e saúde do corpo, que está profundamente atrelada à magreza. Contudo, como ela mesma aponta, a relação entre beleza, saúde e corpo se dá em processos históricos e culturais, que se modificam ao longo do tempo.

Durante os séculos XVI e XVII, a gordura, no mundo ocidental, era percebida como algo saudável, assinalando também uma característica atribuída aos ricos, enquanto a magreza, ao contrário, era um sinal de falta de saúde, de pouca beleza e principalmente sinal de pobreza (GRIECO apud SUDO, 2004). Dois quadros pintados nesse período ilustram o ideal de beleza da época. Eles retratam mulheres com silhuetas consideradas hoje, provavelmente, avantajadas. Tanto em *A Vênus com o cupido* (anexo 12), pintado por Ticiano, no século XVI, como em *As três graças* (anexo 13), pintado por Rubens, no século XVII, é possível observar mulheres opulentas, algo típico de uma época em que o peso demonstrava prosperidade, beleza e *status* social.

Nancy Etcoff no livro *A lei do mais belo*, traz inúmeras reflexões sobre a beleza, e diz “de Platão a fotos em folhinhas, imagens da beleza humana atendem a um desejo sem limites de ver e imaginar uma forma humana ideal” (1999, p. 11) e acrescenta “ao longo de toda a história (...) as pessoas reverenciaram, desprezaram e abominaram a beleza” (ibidem, p. 28). Embora não pretenda fazer um estudo sobre a beleza, trago para essa pesquisa o fato de que durante muito tempo a beleza foi concebida como sendo uma doação da Natureza Divina, ou seja, as razões da beleza tendiam a permanecer envoltas por mitos e por gestos divinos (SANT’ANNA, 1995), uma idéia de que o corpo não poderia ser modificado.

É entre os séculos XVI e XIX, mais intensamente no século XIX, que vemos surgir na Europa um dos primeiros instrumentos de modificação do corpo, o uso do espartilho, principalmente pelas mulheres aristocratas e burguesas que pretendiam deixar seus corpos cada vez mais curvilíneos, demarcados e alinhados posturalmente. Soares e Fraga (2003) argumentam que o espartilho era

um aparelho perfeitamente ajustado ao pensamento das 'damas' daquele tempo. Nada de esforços físicos e desgastes desnecessários em prol do alinhamento [do corpo], pois os sacrifícios eram próprios às mulheres que precisavam empregar força física nas lides diárias. O espartilho, portanto, era um artefato destinado não só a endireitar, mas também a denotar uma diferença de classe, uma vez que, ao usá-lo, qualquer esforço físico era impossível. A moda, assim, marcava mais claramente uma distinção entre a elite e o povo (p. 82).

Também Sudo (2004) aponta para o fato de que o corpo, não mais considerado dependente dos deuses ou das forças externas, ganha uma nova dimensão: ele agora deve ser educado fisicamente, deve ser moldado. Segundo Grandó (2001) “no século XVIII, considerado o século da libertação, houve momentos significativos no sentido do culto ao corpo: a ginástica, os exercícios físicos e a exaltação estética do corpo foram uma realidade inegável” (p. 69).

Todos esses ideais, vindos da Europa do século XVIII, ganham muita força no Brasil no final do século XIX, e influenciaram os positivistas brasileiros que desejavam ver na Medicina e na Educação Física mecanismos capazes de forjar um corpo disciplinado racionalmente e saudável fisicamente, elo indispensável à corrente de construção de um país também forte, em busca do progresso. Esta idéia, somada à atuação dos discursos médicos e higienistas que emergiam nos anos iniciais do século XX, e aliada com as instituições militares, inseriu-se na política elaborada pelo Estado na fase republicana e avançou durante a Revolução de 30, concretizando-se em definitivo no Estado Novo (GRANDÓ, 2001). Nesse período, há uma acentuada preocupação com a

projeção da Pátria no cenário internacional, pois nenhum país pode ser forte e soberano se seus cidadãos não possuem o perfil idealizado da raça que vai construir a nação. Herdeiros de um futuro que se delineia promissor na visão política dos anos 20/30 do século XX, os brasileiros devem ser fortes, saudáveis, possuir hábitos higiênicos e, acima de tudo, ser robustos (ALMEIDA, 2004, p. 7).

Assim, o incentivo a atividades competitivas de caráter intelectual, esportivo, de saúde e beleza, que ocorreram nesse período, eram formas de dar exemplos cívicos ao País e ao mundo, alinhando-se às aspirações de uma raça forte comandando uma nação que iria ser soberana num futuro próximo (ALMEIDA, 2004). Além disso, tais atividades demonstram fortemente os ideais

eugenistas que circulavam nesse período, ou seja, uma preocupação com o melhoramento da raça humana, em defesa de uma raça “pura”, saudável, superior. Almeida (2004), argumenta que os

anos 20 do século XX foram palco de uma proliferação discursiva que apontava para os imensos males advindos do *contágio* entre *raças diferentes*, ou seja, qualquer tentativa de mestiçagem com negros, índios e mulatos, etnias não pertencentes à considerada *raça branca*, não era bem recebida, pelo contrário, era inominável que houvesse sequer o esboço de um movimento nesse sentido. Isso porque era unânime a idéia da degradação moral e degeneração racial que esse cruzamento desencadearia (p.8).

Assim é que vemos se intensificar, principalmente entre os anos de 1900 e 1930, todo um cuidado com o corpo no que se refere ao seu embelezamento e à sua saúde. As mulheres tornam-se o foco principal da publicidade, em revistas da época, de produtos destinados a curar a feiúra. Nelas “a feiúra é descrita longamente e as queixas das mulheres tidas como deselegantes são freqüentes” (SANT’ANNA, 1995, p. 124).

Contudo, em uma pesquisa que fiz em revistas de grande circulação na primeira metade do século XX, como *O Cruzeiro* e *Revista do Globo*, o ideal de beleza ainda não estava intrinsecamente ligado à magreza. Embora tenha encontrado alguns poucos anúncios que apontavam a gordura como um problema para o embelezamento (anexo 14), percebi que o padrão de beleza que circulava naquela época estava muito distante do padrão de magreza que se tornou imperativo no final do século XX e início do século XXI. A gordura e a obesidade, consideradas hoje ruins e até vulgares, não eram foco central das matérias de beleza como hoje o são. Essa questão, relacionada à infância, pode ser visualizada a partir dos concursos de robustez infantil realizados em meados da década de 1920 a 1950.

O concurso surge em um período onde se lutava contra diferentes doenças que dizimavam um grande número de pessoas, principalmente crianças, no início do século XX. Médicos e outras autoridades implementavam políticas públicas de educação e saúde, em prol de uma higienização dos costumes para combater as causas da mortalidade e conter os gastos governamentais. A higienização das mães e das crianças foi um dos grandes alvos dessas políticas. Almeida (2004), em sua pesquisa sobre o concurso de robustez infantil realizado em janeiro de 1928, na cidade de São Paulo, por ocasião do aniversário da cidade, argumenta que os médicos e as autoridades governamentais deveriam

motivar a profilaxia e se alinhar com o saneamento dos corpos e das famílias, protegendo a maternidade e, através dela, a infância. O melhor caminho seria motivar, convencer e premiar. Nessa cruzada higiênica a colaboração das mães e das educadoras sanitárias, preparadas para esse fim, era incontestável. E, que melhor

recurso de motivação e atenção pública do que um concurso com prêmios, discursos laudatórios, divulgado na imprensa e aplaudido pela população? (p. 9).

A autora, ao analisar uma reportagem veiculada na revista *O Brasil de amanhã*, a respeito dos resultados desse concurso de robustez infantil, nos conta que

com o chamativo título “*Em defeza da raça – a nação caminha pelos pés da criança*”, o diretor da revista apresenta os resultados colhidos e dedica o concurso ao problema da infância no Brasil, visando principalmente o reerguimento físico e moral da raça através do melhoramento de sua inteligência. O artigo defende que um país não pode ser grande se a saúde do povo não for objetivo de atenção dos governantes, dado que todos os demais problemas decorriam inevitavelmente do imperativo sanitário. Como primeiro passo para a resolução da meta de possuir uma população saudável, o principal ponto a ser atingido era a instrução das mães (ALMEIDA, 2004, p. 10).

O que torna significativo tais concursos para minha pesquisa é a associação de beleza e saúde com a robustez. Embora tal palavra denote força física, vigor, e os próprios organizadores do concurso diferenciassem gordura de robustez, as fotos das crianças vencedoras, ou de outras crianças que eram retratadas, por exemplo, na seção *Carinhas Bonitas* da *Revista do Globo* (anexo 15), ou em propagandas dos produtos infantis *Johnson* (anexo 16), se distanciam bastante da estética de magreza que hoje tanto se impõe a nós. Tanto é que no ano de 1960 ainda é possível encontrar anúncios publicitários de produtos que prometem o fim do complexo de magreza (anexo 17). Assim, fica visível, a partir, por exemplo, da reportagem já citada nessa pesquisa (ver nota de rodapé 5) sobre a preocupação da obesidade já em crianças bem pequenas, o quanto as noções de saúde e beleza vem se transformando nas últimas décadas. Conforme Fischler (1995), “era preciso sem dúvida, no passado, ser mais gordo do que hoje para ser julgado obeso e bem menos magro para ser considerado magro” (p.79).

Para Soares e Fraga (2003), “a idéia de que o corpo em sua exterioridade traduz uma posição moral interna tem sido largamente tratada no Ocidente, a partir de discursos médicos, jurídicos, pedagógicos e literários” (p. 80). Esses discursos somados a uma boa dose de convencimento sobre a necessidade de pôr o corpo em movimento como pressuposto fundamental do bem-estar geral, cria uma cultura própria ao corpo ágil, no mesmo período em que começam a se alastrar imagens positivas em torno dos corpos magros. “O ‘mito do emagrecimento’, [...] foi-se compondo com imagens de leveza, agilidade, esbelteza, perfeitamente integradas ao mundo urbano” (ibidem, p. 80).

Palomino (2002), ao esclarecer os principais conceitos e correntes no estudo da moda, mostra o quanto os anos 60 trouxeram mudanças velozes para o campo da estética. Segundo ela, a entrada do elemento jovem no mercado, acaba por definir um tipo de consumidor que,

daqui para a frente, vai virar tudo de cabeça para baixo. É o chamado *youthquake*, ou 'Terremoto Jovem', conforme definiu a editora americana de moda Diana Vreeland. Nascidos no pós-guerra, eles entram com força de consumo, mais vontade de mudar o mundo [...] especialmente a partir de 1968, com os movimentos estudantis. [...] Desde os anos 50, já começavam a aparecer, marcadamente nas ruas de Londres, os chamados *teenage styles*, ou seja, os grupos de adolescentes e jovens com seu estilo unificado pelo gosto musical. [...] Eles prepararam o terreno para que, na década de 60, Londres se transformasse em algo que seria até hoje: palco para a expressão pessoal por meio da moda (p. 59, grifos da autora).

É nesse contexto que surge, no final da década de 60, a modelo Twiggy (anexo 20), "representando a imagem da década: magérrima, tem o frescor da efervescente juventude do momento. Para manter o ideal de corpo adolescente, é preciso muita dieta e exercícios, conforme pregam as revistas femininas" (PALOMINO, p. 60).

Nesse ínterim, talvez fosse possível pensar na emergência da constituição de um dispositivo da magreza nos meados do século XX. Uma nova forma de ver e pensar o corpo se esboça, instaurando novas modalidades de controle sobre o corpo e sobre a alma dos sujeitos. A obsessão com a magreza faz com que, na década de 80, "muitas jovens se tornem anoréxicas – pela primeira vez na história" (PALOMINO, 2002, p. 61). Emergem novas práticas que atuam como um aparelho, uma ferramenta, constituindo sujeitos e os organizando, enfim, é o dispositivo da magreza operando.

Os bebês robustos que até bem pouco tempo atrás eram expressão de saúde e beleza, já não são mais tão desejáveis. Rinaldo de Lamare, médico pediatra, no seu difundido livro *A vida do bebê*³², de 1963, já nos mostra uma preocupação quanto ao excesso de gordura nos bebês. Na seção sobre alimentação, entre os 15° e 30° dias de vida, assim recomenda:

Se a hipo-alimentação é prejudicial, a alimentação em demasia também o é. Pode provocar vômitos, diarreia e esgotar a capacidade digestiva do bebe. Além de tudo, a exuberância de gorduras não é bonita, carnes moles, 'balofas', cheias de dobras... O petiz gordo se defende muito mal das infecções, ao contrário do que possa parecer; assim uma pneumonia, por exemplo, é tanto mais grave quanto mais gordo fôr o doentinho. As mães devem querer seus filhos bem proporcionados, pêso de acôrdo com o tamanho e a idade. *Devem querer filhos 'fortes' e, não, simplismente 'gordos'* (p. 78, grifos do autor).

³² Sobre análise das publicações do pediatra ver Santos, 2004b.

Pensando a história não como uma linearidade de fatos, mas como produto dos acontecimentos, o que procurei nessa seção foi mostrar algumas das injunções históricas em que se constituiu o dispositivo da magreza e emergiu a problemática *ser gordo*, já que pessoas gordas sempre existiram. Assim, o que mudou foi o modo como olhamos e significamos o *ser gordo*. Isso vai na corrente do que Foucault propunha com a genealogia, ou seja, uma pesquisa que não pretende buscar um ponto de origem, “se entendermos *origem* no seu sentido ‘duro’, isso é, como uma solenidade de fundação em que ‘as coisas se encontravam em estado de perfeição’, ou se a entendermos como ‘o lugar da verdade’” (VEIGA-NETO, 2003, p. 67), mas sim buscar as condições históricas que tornaram possível o aparecimento, a emergência da problemática.

Instalada a problemática de *ser gordo*, vemos surgir, mais do que nunca, um conjunto de saberes, de regulações, de relações de poder, que incluem/excluem, classificam, demarcam fronteiras, normalizam e hierarquizam as pessoas de acordo com seu peso. Nessa atual configuração, a mídia, operacionalizando o dispositivo da magreza, tem assumido para si duas tarefas na luta contra a obesidade: de um lado, contribuindo para o acionamento bem sucedido de uma rede de consumo na busca desse corpo, agora desejável; do outro, elaborando programas televisivos de controle e redução da obesidade. Entre eles, cito a série *Questão de Peso* apresentada pelo médico Drauzio Varella³³, transmitida em 2004 no programa *Fantástico*, pela *Rede Globo de Televisão*. O programa mescla diversas informações consideradas científicas acerca da gordura, de como engordamos, do porquê de engordarmos e de como podemos emagrecer, com “diários” de diferentes pessoas que sofrem com tal problema. Assim, o relato desses sujeitos mostra o quanto eles se sentem culpados por comerem demais quebrando as regras dos diversos regimes aos quais se propõem. Edeli, uma das mulheres que participa do “diário”, afirma que a aceitação do seu corpo é o maior problema de sua vida e diz: “as pessoas normais comem um pedaço de torta e estão bem e eu fico com vontade de comer outro e outro. Eu não quero me sentir mais gorda. Faço qualquer coisa”.

O programa também mostra o quanto a infância deve ser o foco de controles alimentares, já que é nesse período que as células de gorduras são formadas, e assim o médico anuncia:

Se a criança come muito e come mal, as células de gordura incham e ficam seis vezes maiores que o tamanho original. Quando elas estão cheias, elas se dividem, duplicando os depósitos gordurosos. Um adulto obeso pode ter até 100 bilhões de células de gordura. Cada vez em maior número e em maior tamanho, elas acompanham a pessoa

³³ O médico Drauzio Varella ganhou destaque na mídia com a publicação do livro *Estação Carandiru*, no qual relata sua experiência de médico voluntário por treze anos na Casa de Detenção de São Paulo (Carandiru). Também apresentou a série *Grávidas*, no programa *Fantástico*, veiculado pela *Rede Globo de Televisão*, no ano de 2004.

para o resto da vida. A pessoa nunca perde as células de gordura que se duplicaram. E quando ela volta a comer mal elas incham e se multiplicam novamente. Na dieta as células não morrem, elas encolhem. O cérebro interpreta esse encolhimento como uma ameaça à integridade do organismo e começa a queimar menos energia e o metabolismo fica mais lento. Uma conspiração do corpo para fazer o peso voltar ao que era antes da dieta. O cérebro tende a manter o maior peso que a pessoa já adquiriu. É preciso que ela pese muitos anos uma determinada faixa de peso para ele se adaptar com o novo peso (DRAUZIO VARELLA³⁴).

Vejo esse programa da televisão como uma estratégia biopolítica, ou seja, um modo de ensinar as pessoas a se governarem melhor e, assim, promover a vida, garantindo maior segurança, felicidade, sobrevivência e longevidade. Se outrora era preciso regular taxas de natalidade e mortalidade, condições sanitárias das grandes cidades, fluxo de infecções e contaminações, hoje o que se instaura como vilão e como risco é a obesidade, vista como o grande mal a ser combatido.

Nesse sentido, a biopolítica, “o que faz com que a vida e seus mecanismos entrem no domínio dos cálculos explícitos e faz do poder-saber um agente de transformação da vida humana” (FOUCAULT, 1999, p. 134), tanto é promovida pelo Estado, quanto por agentes privados (que se configuram como um “braço” do Estado), como a mídia. É Foucault que, em seus estudos, vai mostrar como se desenvolveu esse poder sobre a vida a partir do século XVII, abrindo, assim, o que ele chama de a era do biopoder.

Foucault nos mostra que o século XVII foi um “período em que o cuidado com a vida e o crescimento das populações tornou-se a preocupação central do Estado” (DREYFUS e RABINOW, 1995, p. 148). Dessa forma, o controle do corpo e o controle das espécies inaugura uma “gestão calculista da vida” (FOUCAULT, 1999, p. 131), na qual a vida passa a ser “objeto das lutas políticas” (ibidem, p. 136). Os concursos de robustez infantil, citados anteriormente, já articulavam o corpo com a nação, já nos mostravam a atuação, não mais de um poder disciplinar que tratava simplesmente de reger comportamentos individuais, mas de um biopoder agindo sobre a população e pretendendo normalizar a própria conduta da espécie, muito embora mostrasse uma estratégia biopolítica dentro de um outro contexto social, com outras finalidades, dentro de um outro dispositivo.

Hoje, numa sociedade de informação – como se configura essa em que estamos vivendo – acrescenta-se também o modo como a existência passa a ser vista como um cuidado de si. A culpa de ter um corpo gordo é imputada ao próprio sujeito, já que ele sabe dos riscos e tem responsabilidade sobre seus atos e suas escolhas. Ele tem a informação, ou seja, parece que ele só é gordo porque quer! Como se fosse possível fazer desaparecer toda a outra rede de interpelação,

³⁴ Pronunciamento realizado pelo médico Drauzio Varella no terceiro episódio da série *Questão de Peso*.

como de alimentos tentadores – bebidas, salgadinhos, doces, carnes gordurosas – acionada permanentemente pelos fascinantes e sedutores textos midiáticos, publicitários ou não.

Ademais, para Foucault, toda essa tecnologia de poder centrada na vida tem como efeito uma sociedade normalizadora, uma sociedade que quer normalizar a todos, trazer todos à norma. E nessa busca, estamos sempre competindo com nós mesmos, pois estamos sempre em déficit, sempre podendo melhorar. Nós estamos sempre endividados com nós mesmos (BAUMAN, 2000).

III. O TECER DE UMA NOVA TRAMA

Diversos autores concordam com o fato da existência de uma Literatura Infantil ser bastante recente. Seu surgimento está ligado a uma nova noção de infância que ganha maior relevância a partir dos séculos XVII e XVIII. Em períodos precedentes, a criança não constituía o centro do universo familiar e era vista apenas como um adulto em miniatura. Não existia a diferenciação de coisas adultas e coisas infantis, não havia sequer uma palavra para designar o que hoje chamamos de infância. Santos (2004a) argumenta que podemos ver nas artes como as crianças eram representadas na Idade Média.

Um exemplo tangível de como era representada a infância na Idade Média se encontra na arte medieval, que apresentava as crianças como adultos miniaturizados, sendo elas diferenciadas dos adultos apenas em relação ao tamanho, não havendo distinção de traços. Por volta do século XIII, surgiram as primeiras representações de uma infância baseadas, principalmente, na infância do menino Jesus e dos meninos santos (p. 21).

Embora não seja possível marcar o momento determinado em que a criança passa a ser vista como um sujeito com características próprias e com necessidades específicas, já que essas mudanças são frutos de processos que foram ocorrendo ao longo do tempo, muitos autores argumentam que a nova concepção de infância, que cria a alteridade adulto/criança e a necessidade de separação dos dois universos, é facilmente vista a partir da Reforma Religiosa, no século XVI. Segundo Santos (2004a), é através da

criação dos colégios católicos e protestantes, que ocorre a moralização dos jogos, danças, festas, hábitos e linguagem, além da vigilância constante sobre a sexualidade das crianças. Assim, entre os séculos XV e XVIII, inventa-se a infância e sua essência inocente, que deveria ser protegida do mundo adulto. Tal essência inocente atribuída ao sujeito infantil também estaria ligada à noção religiosa do pecado, cometido pelos adultos, daí decorrendo a necessidade de separar as crianças (p. 22).

Alguns autores também argumentam que a centralidade da criança no seio familiar ganha uma maior visibilidade a partir da Revolução Industrial, ocorrida no século XVIII, na Europa. Esse período, de grande desenvolvimento industrial, acompanhado do crescimento populacional, político e financeiro das cidades, como também da decadência rural e feudal, em decorrência de um comércio que se expande, desencadeia mudanças na própria organização familiar. Com a emergência de uma nova forma de produção – a manufatura – e com a ascensão de uma nova classe social – a

burguesia – a escola e a família ganham importância vital na legitimação política desse novo contexto social. “Nessa nova forma de organização familiar voltada mais a uma vida privada, ao contrário do modelo anterior com uma convivência mais pública, a criança passa a ser o ‘centro’ e a preservação da infância um objetivo” (ASBAHR, 2001, p. 16).

Assim é que vemos a escola ganhar um novo papel, o de educar e preparar as crianças para o mundo, além do domínio da leitura. É nesse ínterim que surge a literatura infantil, cujo objetivo, inicialmente, foi integrar a criança ao mundo, ou seja, a literatura destinada ao público infantil surge como elemento de educação. Assim é que tais livros se constituem em pedagogias, que buscam promover certos tipos de condutas, passando a ser o elo de ligação da criança com o mundo.

Desde que nasce, a literatura infantil, sendo objeto de educação e entretenimento, tem como característica [ser] didática e moralizadora, prestando-se a transmissão de mensagens ideológicas de acordo com uma concepção adulta de mundo, ou seja, os valores desejados pelos adultos à criança (Asbahr, 2001, p. 19).

As primeiras obras destinadas especialmente ao público infantil são compilações escritas dos contos populares de circulação oral. Contudo, enquanto uma produção oral, esses contos traziam marcas de situações de fome e de luta pela sobrevivência, já que retratavam as condições de existência dos camponeses no período feudal. Quando compilados, tais contos sofrem adaptações para serem oferecidos aos leitores da Corte. Assim é que vemos surgir as primeiras obras destinadas às crianças, como *Contos de Mamã Gansa* de Charles Perrault e *Fábulas* de La Fontaine. Diferentes autores argumentam também o quanto mais tarde, no século XIX, esses contos sofrem novas adaptações pelas escrituras dos Irmãos Grimm, agora fundidos com ideais cristãos e burgueses.

Embora não seja objetivo dessa pesquisa mapear o surgimento da literatura infantil, esse pequeno percurso histórico serve para mostrar o quanto tal categoria de literatura tem desde sua invenção um caráter pedagógico, uma função educativa, mesmo que a definição do que é literatura infantil seja polêmica.

Aliás, não só a definição da categoria literatura infantil ou literatura infanto-juvenil é envolta em polêmicas, como a própria definição do que é literatura. Lajolo (2001) afirma que diversos teóricos em diferentes épocas procuram responder a essa pergunta. Para ela, é uma pergunta permanente para respostas provisórias. A autora, ao refletir sobre estas polêmicas, questiona:

Não se pode dizer que literatura é aquilo que cada um considera literatura? Por que não incluir no conceito de literatura as linhas que cada um rabisca em momentos

especiais, como o poema que seu amigo fez para a namorada, mandou para ela e não mostrou para mais ninguém? Por que não chamar de literatura a história de bruxas e bichos que de noite, à hora de dormir, sua mãe inventava para você e seus irmãos? Por que não seria literatura os poemas que a jovem poeta escreve no computador, põe na Internet e convida os internautas a lerem? [...] Para uma coisa ser considerada literatura tem de ser escrita? Tem de ser editada? Tem de ser impressa em livro e vendida ao público? [...] Será então que tudo o que foi publicado em livro é literatura? Mesmo os romances pornôis que nenhum professor manda ler, de que crítico nenhum fala, que jornais e revistas solenemente ignoram? [...] A resposta é simples. Tudo isso *é, não é e pode ser que seja* literatura. Depende do ponto de vista, do significado que a palavra tem para cada um, da situação na qual se discute o que é literatura (p. 12 e 16, grifos da autora).

Todavia, embora a autora levante esses questionamentos, Lajolo nos mostra que, para um texto ser efetivamente considerado literatura, para ganhar legitimidade perante a sociedade, é preciso inicialmente que ele passe pelo que ela chama de corredor econômico – editor, distribuidor e livreiros – que caracteriza o sistema contemporâneo de produção literária. Além disso, é preciso que os canais competentes – instituições, eventos, publicações, titulações – atestem a literariedade dos textos em circulação. E, “entre as instâncias responsáveis pelo endosso do caráter literário de obras que aspiram ao *status* de literatura, a escola é fundamental. [...] É a instituição que há mais tempo e com maior eficiência vem cumprindo o papel de avalista e de fiadora *do que é literatura*” (LAJOLO, 2001, p. 19, grifos da autora).

Assim, é possível perceber que a definição do que é literatura, e do que é literatura infantil, é, como Lajolo argumenta, uma pergunta permanente. A discussão entre a literatura endereçada as crianças e a literatura da qual as crianças se apropriam, ou seja, qual delas é mesmo a literatura infantil parece não ter fim. Contudo, o que importa nessa pesquisa é que, independente do *status* dos textos a que as crianças têm acesso, eles fazem circular representações que participam do processo de significação do mundo pela criança, bem como dos processos de subjetivação das mesmas. Mais especificamente no caso dessa pesquisa, interessa mostrar como esses livros, juntamente com a sua produtividade, participam da rede de inteligibilidade do *ser gordo*.

Nesse sentido, Larrosa (2002) aponta para uma importante discussão. Para ele pensar na literatura, de uma maneira geral, trata-se, na verdade, de pensar sobre as duas faces da literatura, a leitura e a formação, e isso implica pensar a leitura como uma relação de produção de sentido. Para o autor pensar a leitura como formação, implica

pensá-la como uma atividade que tem a ver com a subjetividade do leitor: não só o que o leitor sabe mas, também, com aquilo que ele é. Trata-se de pensar a leitura como algo que nos forma (ou nos de-forma e nos trans-forma), como algo que nos constitui ou nos põe em questão naquilo que somos. A leitura, portanto, não é só um

passatempo, um mecanismo de evasão do mundo real e do eu real. E não se reduz, tampouco, a um meio de se conseguir conhecimentos (p. 133-134).

Nesse sentido, Larrosa aponta para o processo temporal pelo qual um indivíduo “alcança sua própria forma” (LARROSA, 1996, p. 314), definindo, assim, o que ele chama de *Bildung*. Ou seja, trata-se de pensar o processo de leitura desses livros como um movimento de relação consigo mesmo. Trata-se de pensar a leitura como experiência de formação, percebendo que no processo da leitura há um sujeito em permanente construção e reconstrução de si mesmo. É dentro dessa lógica que essa pesquisa opera, vendo na literatura uma produção de sentido.

As tramas literárias em cena: histórias e histórias

Como já mencionei anteriormente, elegi para essa pesquisa dezoito obras literárias que de alguma forma abordassem a questão do *ser gordo* em seu enredo. Com exceção das obras *O gordo invisível*, *Pelota Bolota* e *Rosa Gulosa*, todas as outras quinze mostram em suas narrativas busca de soluções para os dramas e os conflitos que os personagens gordos vivenciam no decorrer das tramas. Porém, mesmo que no enredo destes três livros mencionados a obesidade não seja um problema, julguei importante incorporá-los ao conjunto das obras que me proponho a analisar, já que os mesmos também carregam consigo representações do *ser gordo* em nossa cultura.

No que diz respeito ao trabalho de campo, conforme já citei anteriormente, utilizei-me de sete, dos dezoito livros, para realizar atividades com as crianças. O roteiro dos encontros partiu de algumas regularidades encontradas na análise textual dos livros, e me permitiu pensar em alguns focos analíticos que, a seguir, apresento ao leitor.

Tais focos de análise mostram a operacionalização do dispositivo da magreza na literatura infanto-juvenil e na sua produtividade, ou seja, esses focos analíticos, elaborados a partir da repetição de características atribuídas ao *ser gordo*, mostram uma fixação das formas pelas quais estes sujeitos se tornam visíveis e enunciáveis.

O medo de ser feio

Embora alguns dos livros abordem a dimensão do saudável e não-saudável no que se refere ao que é considerado excesso de peso e obesidade, de uma maneira geral, uma das primeiras constatações ao analisar os livros foi de que a problemática central das histórias situa-se no campo da estética, evidenciando sua proeminência no interior do dispositivo da magreza. Ou seja, trata-se de uma estratégia pela qual o dispositivo da magreza articula, para a produção de corpos magros, o corpo gordo a um corpo feio.

Interessei-me, dessa forma, em analisar como os personagens gordos eram apresentados ao leitor, tanto em suas formas físicas, quanto nas situações em que eles aparecem. A partir disso, ao ler detalhadamente cada narrativa, ficou evidente que as histórias, de uma maneira geral, mostram ao leitor um determinado “exagero” para ilustrar não só “a gordura” dos personagens, como também as situações cotidianas que eles viviam, ou seja, não basta registrar a obesidade, é preciso caricaturizá-la ou levá-la aos extremos.

Nesse sentido, as ilustrações dos livros também foram foco de análise da pesquisa, uma vez que, nessas obras, “texto e imagem se articulam de tal modo que ambos concorrem para a boa compreensão da narrativa” (FARIA, 2004, p. 39). Além do mais, em alguns dos livros, as imagens ocupam papel privilegiado junto ao texto escrito. São imagens que não são meramente ilustrativas, mas que podem falar de coisas de que a escrita não dá conta, tendo função como complementar.



Fig. 2 – Tia Anacleta, do livro *Tia Anacleta e sua dieta*



Fig. 3 – Gérson, do livro *O gordo invisível*

Esse mesmo exagero encontrado nos livros também ficou evidenciado em um dos primeiros diálogos que tive com as crianças no primeiro encontro do trabalho de campo. Como o trabalho com elas iniciou-se alguns dias depois da Páscoa, conversávamos sobre a quantidade de chocolate que eles haviam ganhado. Quando perguntei se eles já tinham comido tudo, algumas meninas argumentaram que não comeriam tudo para não engordar. Frente a isso perguntei a elas qual era o problema de engordar, e algumas crianças responderam assim³⁵:

³⁵ Para transcrever as respostas e as histórias na pesquisa, corrigi erros de ortografia e acrescentei algumas pontuações a fim de tornar a leitura mais coerente.

Rafael – Vai ter que sair de casa com guindaste.

Alexandre – Não vai passar na porta e nem vai caminhar direito.

Gabriela – A pessoa pode ficar doente, com muitos problemas.

Vinícius – Vão botar apelidos na gente.

Mateus – O cara vai ter que comprar roupa GGG.

Amanda – Vai ficar feio e cheio de espinhas.

Esses diálogos foram realizados antes mesmo de lermos as histórias dos livros selecionados. Assim, além das histórias registrarem esse exagero, na fala deles ficou bastante marcado o quanto o gordo é caricaturizado, tanto fisicamente quanto em situações cotidianas, como é o caso da fala de Alexandre ou de Mateus.

Não só nas falas, mas também em seus desenhos. Em um dos encontros pedi que eles imaginassem que estivessem construindo um livro infantil no qual o personagem principal fosse gordo. Assim, a atividade constituiria em desenhar esse personagem imaginário em folhas de ofício e depois falar sobre ele; caracterizá-lo. Embora algumas crianças tenham ficado muito presas aos livros que já haviam lido, visto que este encontro ocorreu após a leitura de alguns dos livros, muitas propuseram personagens e histórias diferentes. Contudo, mesmo pensando em narrativas e personagens diferentes, as características atribuídas aos sujeitos gordos não se distanciaram dos livros. Eles apresentaram personagens exageradamente gordos, comendo muito e, em alguns casos, som expressões fisionômicas que denotam tristeza.



Fig. 4 – Produções das crianças

Nas narrativas dos livros isso também é bastante visível, pois além de muitos dos personagens serem representados em imagens e falas como exageradamente gordos, eles também vivenciam situações bastante embaraçosas e por vezes humilhantes, mostrando, em grande parte, tristeza em relação aos seus corpos e ao modo como os outros os percebiam, como feios.

A fim de ilustrar o que aqui estou chamando de caricaturas, trago pequenos excertos e algumas ilustrações de alguns livros analisados.

No livro *Na porta da padaria*, Dona Miúda – *que de pequena tem só o nome porque é gorda toda a vida* – após comer muito doce na padaria, ao ir embora não consegue passar pela porta.

Mas na hora de passar pela porta quem disse que ela passava? Agora é que são elas, situação delicada.

DONA MIÚDA HAVIA ENTALADO.

(ARAÚJO, 1997, sem página)

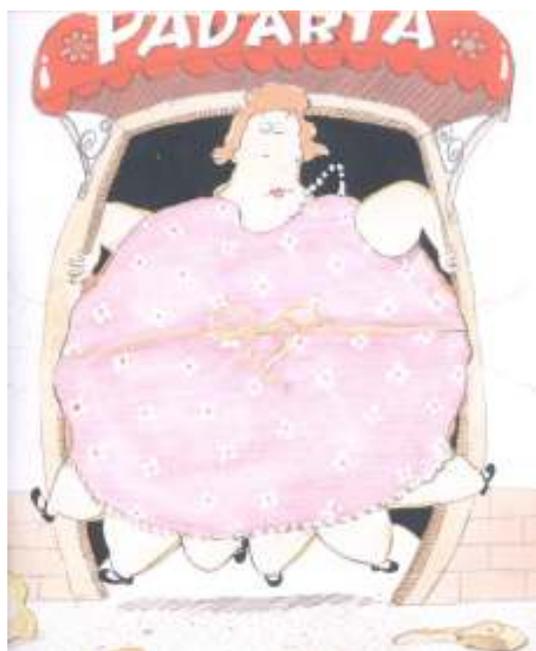


Fig. 5 – Dona Miúda, do livro *Na porta da Padaria*

Também no livro *Gorduchito Gorduchão*, que contém uma narrativa construída apenas com imagens, o personagem principal, Gorduchito, é submetido a várias situações constrangedoras, como é mostrado nos “comentários” (balões com pensamentos representados através de imagens) das

peças sobre a possibilidade dele transbordar toda água da piscina quando for saltar dentro dela, ou ainda, quando o chamam de baleia ao ter dificuldade em passar pela roleta do ônibus.



Fig. 6 – Gorduchito, do livro *Gorduchito Gorduchão*

Esses momentos constrangedores, em que o personagem gordo é exposto publicamente a humilhações, são recorrentes em vários outros livros, como em *Marcela Magrela*, *Miúcha Gorducha*, no qual a personagem Miúcha fica presa num vestido e só consegue se libertar quando a vendedora corta o mesmo com uma tesoura. Ou, ainda, no livro *A gorda e a volta por cima*, quando o narrador afirma que

Não era somente o próprio nome que Gilmara detestava. Detestava também o seu corpo, aquele corpo que não chegava a ser pequeno, até que era mais alta do que as amigas e colegas, mas a gordura, enorme, sem forma e sem fundo, quando se abaixava para apanhar alguma coisa no chão, chegava a ficar monstruosa, pedaço de carne mal embrulhada, grotesca. Desde que se entendia trazia aquele fardo suplementar: era gorda, marcava-se pela gordura, referiam-se a ela como “a gorda”, sequer merecia o diminutivo que amenizava a feiúra de ser gorda: a gordinha. Depois de certo tempo se habituara, já quase não sofria por ser a gorda. Entre os apelidos: Bolão do Vasco, Wilza Carla, Saco de Bosta, Baleia, Cebolona, Maria Gorda, Saco Cheio e, o pior de todos, o que mais a maltratava: Vaca Mole. [...] Aos dez anos, ela desistiu de ser feliz.

(CONY, 1985, p. 6)

Já em outras quatro obras, as situações a que são expostos os personagens gordos ocorrem no âmbito escolar. Em *Não me chame de gorducha*, Rita, no decorrer da história, tem apenas uma (1) amiga, a qual, embora seja sua companheira na escola, também se surpreende com a *facilidade que Rita tinha para fazer a comida desaparecer* (PHILIPS, 2002, sem página). E, durante o enredo, não foram poucos os episódios de constrangimento. Na enfermaria da escola, na hora de pesar e medir a turma, Rita ouve o seguinte cochicho:

- *A Gorducha vai quebrar a balança.*

- *Não me chame de gorducha! – quis gritar Rita. Mas não conseguiu. Era tímida demais para discutir, mesmo quando tinha razão.*

(PHILIPS, 2002, sem página)

Em outro momento, na aula de artes, o professor propõe que as crianças desenhem algum colega e, mais uma vez, Rita é alvo de constrangimento.

O professor Simpson estava de olho em Tim e Douglas.

- *Que estão fazendo aí vocês dois?*

- *O retrato da Gorducha, professor. O senhor não mandou desenhar um colega? – perguntou Douglas fazendo cara de inocente e mostrando o desenho.*

Enquanto isso Tim se torcia de rir. O retrato de Rita era uma bola com olhinhos e boca. Todos caíram na risada, menos o professor Simpson.

(PHILIPS, 2002, sem página)

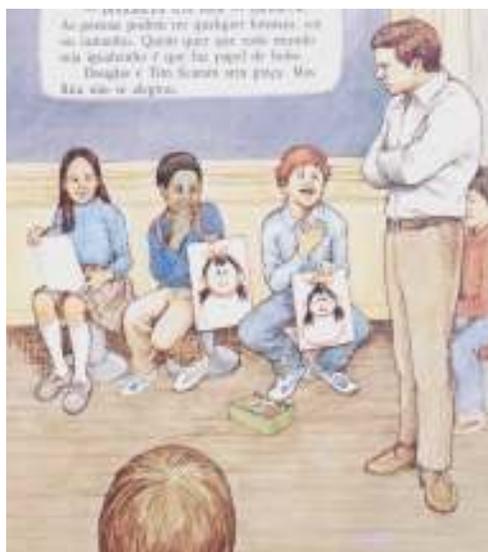


Fig. 7 – Imagem do livro *Não me chame de gorducha*

Assim também ocorre na aula de natação, quando ao mergulhar, Rita ouve alguém dizer:

- Há! Há! Há! Ela é tão gorda que afunda quando mergulha.

(PHILIPS, 2002, sem página)

Já Bia, personagem principal do livro *Adeus, pneus!*, também sofre na escola, principalmente nas aulas de educação física.

Naquela quarta, nossa professora de educação física, Jacque, teve a idéia de fazer um campeonato na classe. Laura e outra garota deveriam escolher quem entraria nos times. Fui a última a ser escolhida. Eu me senti super humilhada e teria preferido enfiar a cabeça no chão. Laura até girou os olhos quando foi obrigada a me aceitar. – Agora já perdemos mesmo – disse bem baixinho quando passei por ela a passos de elefante. [...] Claro que deu tudo errado mesmo. E Laura fez o pior que poderia: colou do meu lado para fazer seus comentários. Como eu não consigo subir naquela barra ridícula, ela me chamou, em voz baixa, de “saco”. Como não ando como uma gazela, falou que eu era uma “pedra coxa”. E como, ao tentar saltar o cavalete, eu acabei caindo sobre ele, derrubando-o, me xingou de “elefantona”.

(BREZINA, 2003, p. 25)

Em *Um gordo feliz*, Esteban também era alvo de chacotas e gozações na escola.

Não havia quem não lhe gozasse pelo fato de ser gordo, de gostar de comer, comer, comer, qualquer coisa. Ele fingia que não ligava, e até esnobava, porque ninguém era melhor em matemática, ou em ciências, ou mesmo em geografia. Em inglês estava empatado com Josué. Seu desastre era educação física. – Ô gordo!, riam. – Ô burro!, respondia, quando o gozador tinha nota mais baixas do que as dele. A maioria.

(PORTELA, 1993, p. 11)

Contudo, Esteban realmente sofria com todas as gozações e com seu corpo.

Acuado pelo seu terrível defeito físico. Um aleijão. Quem sabe, poderia trabalhar em circo...”Senhoras e senhoras, quero apresentar-lhes três aberrações da Natureza: Cacilda, a mulher barbuda; Toshio, o japonês de três orelhas; e Esteban, o menino mais gordo do mundo!”

(PORTELA, 1993, p. 24)

Assim também acontece em *O Tom é gorducho*, no qual Tom é obrigado a ouvir inúmeras gozações dentro da escola.

- Anda, lá vai ele todo importante, quando ele anda, parece um elefante!!!

Essas musiquinhas irritantes fazem parte da trilha sonora da vida de Tom.

(D’HAESE, sem ano, sem página)

Ainda no âmbito escolar, duas obras chamaram minha atenção pelo fato de que as ofensas às personagens gordas vinham do próprio corpo docente, seja na escola ou, como no caso que relatarei, na igreja. No livro *A gorda e a volta por cima*, Gilmara, por ocasião da catequese, ensaiava junto com outras meninas a cerimônia, enquanto o padre observava para posteriormente escolher qual menina iria coroar Nossa Senhora.

Uma a uma, as meninas iam cumprindo o ensaio, até que chegou a vez de Gilmara, uma das últimas por sinal. O pessoal já estava cansado, e o padre impaciente e azedo. Afinal, nenhuma daquelas gurias

levava jeito para a coisa, todas espevitadas, dispersivas, mal educadas. Quando Gilmara saiu da fila dos bancos e começou a caminhar em direção ao altar, o padre caiu das tabelas. Não havia reparado ainda naquela menina gorda, de óculos enormes. – Não. Você não. Não precisa. Gilmara não esperava por aquilo. Certo que se habituara a ser discriminada, a ser relegada em horas que exigissem formalidade maior, mesmo assim, achava que ali na igreja, diante de Deus e da Virgem, todos seriam iguais e teriam as mesmas chances. O berro do padre a surpreendeu e, num dos raros momentos de fraqueza – apesar de seus oito anos – teve vontade de chorar.

(CONY, 1985, p. 15)

Mais adiante o padre diz:

- Pode voltar para o banco... onde já se viu uma coisa dessas... parece um sapo...

(CONY, 1985, p. 15)

Em resposta as indagações e afirmações de Gilmara ao padre, a respeito dela poder ter a oportunidade de se candidatar, o padre ainda afirma:

- Caia fora, menina. E deixa de ser atrevida! A Virgem não sorrirá de forma alguma, primeiro porque você é muito feia, depois porque é malcriada.

(CONY, 1985, p. 15)

Embora não seja objetivo dessa pesquisa, examinar intenções subjacentes à obra literária dos/as autores/as e das editoras ao fazerem determinadas representações e não outras, fica evidente que ao apresentar o sujeito gordo como um sujeito feio e, até mesmo, doente (através da sua compulsividade, o que será explorado mais adiante), instaura-se uma normatividade em relação a beleza e a saúde, o que garante condição de possibilidade de existência ao dispositivo da magreza, uma vez que a caracterização da norma é um dos grandes objetivos do dispositivo (MARCELLO, 2003).

Assim, a gordura, em nossa cultura, acaba causando rechaço. Gilmara parece não ser digna de coroar Nossa Senhora porque, sendo gorda, é feia, e, ao que parece, somente às belas é designada tal tarefa. Lembrando Felipe (2003),

o estigma sentido pelo 'gordo' marca sua presença pelo agrado ao outro, muito mais do que por sua indignação. A desvantagem ligada ao insucesso das competições [...] na infância, ou nas disputas sexuais, no convívio com os apelidos desclassificatórios e no confronto com pré-julgamentos que associam a falta de inteligência e a incompetência à incapacidade de manter-se no padrão de peso normal ou mesmo ao desleixo pessoal, é igualmente marcada (p. 31).

Nesse contexto, creio que seja possível entender um pouco mais do por que criamos tanta ojeriza a um corpo gordo e por que cada vez mais cedo há um medo quase que obsessivo de engordar, mesmo em se tratando de pessoas bem magras.

E esse fator ficou bastante evidenciado com as crianças do trabalho de campo, principalmente com as meninas, que em diversos momentos mostraram o medo de comer alguma guloseima e rapidamente engordar – e assim tornarem-se feias, desleixadas, sem controle,... – indicando também um certo exagero, no qual um bombom, por exemplo, poderia acarretar conseqüências desastrosas. Essa discussão originou-se da leitura do livro *Não me chame de gorducha*. Nesse livro, a personagem principal, Rita, resolve fazer uma dieta, mas acaba perdendo o autocontrole, comendo chocolates. Embora no livro Rita coma três barras de chocolate, as crianças, retomando a conversa sobre a Páscoa, mostraram, de uma maneira geral, um certo exagero a ingestão de doces, já que mesmo em pequenas quantidades, para elas, poderia acarretar num aumento de peso imediato.

Esse exagero me fez pensar nos diversos materiais que guardei para essa pesquisa, no qual circulavam depoimentos sobre dietas radicais que as pessoas faziam, deixando de comer por um ou dois dias ou não ingerindo nada sólido por alguns dias. Um exagero sempre justificado pelo medo de um corpo disforme, feio e doente, que é como nossa cultura, através da operacionalização do dispositivo da magreza, passou a significar o corpo gordo.

Interessante observar que essa luta travada contra a gordura, mesmo em pessoas com poucos quilos a mais, tornou-se central no espaço público e privado da sociedade contemporânea. O trabalho de campo, em termos de interesse do grupo, foi um sucesso na medida em que discutir sobre a gordura e os cuidados com o corpo é assunto de grande importância, já que, atualmente, envolve a todos – crianças e adultos, homens e mulheres, jovens e idosos.

Para Bauman (2000),

ocupados como estamos em combater ou manter à distância uma sempre crescente variedade de alimentos venenosos, de substâncias que engordam, de emanações cancerígenas, de estilos de vida prejudiciais à saúde e uma miríade de aflições que ameaçam a boa forma física, sobra pouco tempo (e esperamos que na verdade não sobre nenhum) para ficar remoendo sobre a futilidade disso tudo (p. 50).

Interessante perceber que o excessivo controle do corpo, através da alimentação, e o sentimento de medo em relação à gordura, provinham, em parte, de práticas familiares das crianças do grupo. Em um dos encontros com elas, propus que pensássemos sobre os conceitos de beleza e saúde. Rapidamente houve uma conexão entre esses conceitos e o cuidado de si. As crianças foram unânimes em dizer que para se ter beleza e saúde é necessário cuidar dos nossos comportamentos, e, em suas falas, demonstraram que muitas vezes essas “tarefas” se originam no âmbito familiar.

Mariana – Minha mãe não deixa eu comer doce. Ela vive se cuidando. Já fez lipoaspiração duas vezes na barriga e vai na academia também.

João Pedro – A minha mãe também só pensa em emagrecer. Ta sempre fazendo dieta e aí não deixa eu comer o que quero.

Esses depoimentos mostram o quanto os cuidados com o corpo, incluindo dietas alimentares, são práticas de ensinamentos que circulam intensamente dentro de casa e que ensinam às crianças noções de beleza e de saúde. Contudo, embora as crianças tenham me mostrado, ao longo do trabalho de campo, uma certa subjetivação aos discursos e representações que fixam o gordo como um sujeito doente e feio, muitas vezes elas se mostraram resistente aos mecanismos de controle familiares, principalmente aos que se referem à alimentação. As crianças pareciam assumir um tom de reclamação em relação à restrição de certos tipos de alimento e de desaprovação à obsessão, principalmente das mães, em emagrecer.

Assi, através da articulação entre feiúra e corpo gordo, sugeridas pelas caricaturas dos corpos e pelas situações excêntricas e humilhantes que os sujeitos gordos vivenciam, fica visível que o dispositivo da magreza opera patologizando um estilo de vida (LUPTON, 2000), como uma fonte de má-saúde e de afastamento da beleza.

A norma generificada

No encontro em que discutíamos sobre beleza e saúde, propus à turma que respondessem por escritos três perguntas, a saber:

Você acha que na sua família existem pessoas bonitas? Descreva como são essas pessoas.

Para você, o que é ser bonito? O que fazer para ser bonito?

Para você, o que é ter saúde? O que fazer para ter saúde?

Se a articulação entre gordura e feiúra foi bastante marcada em outros momentos, a articulação entre magreza e beleza também foi bastante marcada nas respostas das crianças. Em relação à primeira pergunta, destaco algumas respostas:

Arthur – Sim, a minha prima. Ela tem um olho verde, o cabelo castanho. Um corpo retinho e uma cara linda.

Débora – Sim, minha mãe. Ela é loira com olhos azuis, magra e não é tão alta.

Paloma – Eu acho que a minha irmã mais velha é super bonita. É magra, o cabelo meio marrom, meio loiro.

Rafaela – Na minha família a minha mãe é bonita porque ela é um pouco alta. Para trabalhar ela se maquia todos os dias. Ela é bem magra. A minha prima é um pouquinho gorda, mas ela tem o cabelo comprido e é liso e cheio de mechas amarelas, porque antes era preto.

João Pedro – Minha mãe e meu pai. Eles são normais, a minha mãe só pensa em emagrecer.

Nessas respostas parece haver uma maior visibilidade do corpo feminino como um corpo a ser julgado quanto à beleza, como um corpo a ser embelezado, visto que a maioria das crianças trouxe a figura feminina para falar sobre beleza. Essas escritas mostram como essas crianças se subjetivaram aos discursos estéticos, não só aquele que articula magreza e beleza, mas também aqueles que imprimem nos corpos outras marcas consideradas sinônimos de beleza na nossa cultura: olhos claros, cabelos loiros, longos e lisos, pele branca...

Quanto às duas outras perguntas, as crianças destacaram que fazer exercícios físicos, salientando a ginástica e os esportes, e comer muitas frutas e verduras são o essencial para se ter saúde e beleza.

Lucas – Para ter saúde tem que comer verduras, frutas, líquido, etc.

Mateus – Para mim, ter saúde é ter uma alimentação saudável e balanceada e aí vai ser bonito também.

Amanda – Ser bonito é uma pessoa que todos acham bonita, mas ao mesmo tempo é uma pessoa que se acha bonita e não se importa com que os outros dizem. O bom é a pessoa não comer salgadinho, bala,... Tem que comer salada, legumes...

Arthur – Eu acho que ser bonito é acreditar em si por dentro e por fora fazer plásticas, ginástica, correr, comer alimentos bem saudáveis, verduras e picolé de vez em quando.

Rafael – *Para ser bonito tem que ter um corpo bonito, rosto, etc. Emagrecer e comer coisas saudáveis. Ficar em forma (não de Bola). Tem que fazer dieta.*

A palavra dieta, ou alusões a ela, foi bastante recorrente nas produções. Essas escritas mostram a produtividade do dispositivo da magreza, uma vez que as crianças mostram que “aprenderam direitinho” o modo pelo qual se tornam bonitas e saudáveis. Todas as respostas remetiam beleza e saúde a controle alimentar. A ironia de Rafael ao dizer que ser belo é estar em forma e *não de Bola*, como ele salienta, a *alimentação saudável e balanceada*, como Mateus sugere, a repetição da importância de se comer frutas, verduras e legumes, estão de acordo com a alusão a uma prática de alimentação bastante vigente no final do século XX, a dieta alimentar. Segundo Damico (2004), mesmo que a dieta

compreendida como restrição ou estímulo ao consumo de determinados tipos de alimento – tenha estado presente em toda a história da humanidade, é durante o século XX que ela vai se tornando uma estratégia intimamente relacionada com mudanças nos estilos de vida, com alterações situadas em novas formas de liberdade e, ao mesmo tempo, com novas formas de (dês)controle dos corpos. Tais formas são impulsionadas por descobertas tecnológicas, científicas ou mercadológicas que procuram lhes dar sentido no processo de escolhas alimentares que os indivíduos realizam (p. 90).

Embora os meninos também tenham mostrado que esse assunto também os interessa, e que eles não querem ficar gordos – como quando Lucas escreve que para ser bonito é preciso *ser magro, bonito, vaidoso, como Beckham*³⁶ e *ter um corte de cabelo legal* – na fala das crianças ainda parece que esta é uma questão que deve preocupar e pesar mais para as mulheres do que para os homens. Sempre que elas traziam alguma experiência familiar em relação à beleza, o gênero feminino era predominante.

³⁶ David Beckham, inglês, jogador de futebol do Real Madrid, símbolo do homem *metrossexual*. *Metrossexual* é um termo originado nos finais dos anos 90, pela junção das palavras *metropolitano* e *heterossexual*, sendo uma gíria para um homem heterossexual urbano excessivamente preocupado com a aparência, gastando grande parte do seu tempo e dinheiro em cosméticos, acessórios e roupas de marca. Foi usado pela primeira vez em 1994 pelo jornalista britânico Mark Simpson e foi aproveitado pelas revistas masculinas britânicas e norte-americanas para fazerem desta definição o seu público-alvo. Depois da sua utilização ter decrescido nos EUA, o termo foi re-introduzido em 2000 a par da diminuição dos tabus relativos à cultura *gay* (e com a qual este termo era frequentemente confundido). Mas só em 2002 é que o termo se vulgarizou. Tudo começou com um novo artigo de Mark Simpson, onde afirma que um exemplo conhecido de alguém que se encaixa no perfil do metrossexual é David Beckham, que gosta de passar o dia nas compras, arranjar as unhas, ir ao cabeleireiro ou cuidar do corpo. Após a publicação de tal artigo, a firma *Euro RCSG Worldwide* adoptou-o numa pesquisa de mercado e o jornal *New York Times* deu uma grande destaque à *metrossexualidade*, difundindo amplamente o termo. Os *metrossexuais* são conhecidos por não viverem sem a sua marca predilecta de hidratante para a pele, apreciarem um bom vinho, sonharem com o último modelo de carro desportivo e gostarem de comprar peças de *design*. São simpatizantes da cultura *gay* mas são heterossexuais (informações retiradas do site <http://pt.wikipedia.org/wiki/Metrossexual>, acesso em 25/01/2006).

Em um dos nossos encontros propus ao grupo que confeccionassem cartazes com imagens de pessoas que eles considerassem bonitas, retiradas de diversas revistas entregues por mim. Pensava em debater, com essa atividade, duas questões: que tipo de corpo seria classificado como belo e qual gênero ficaria mais evidenciado e o porquê. Propositalmente, entreguei a eles revistas, pré-selecionadas por mim, contendo imagens diversas de pessoas gordas e que apresentassem um número um pouco mais equilibrado de homens e mulheres.

É evidente que, ao fazer essa seleção, já tinha uma hipótese prévia, até porque poucos gordos circulam em revistas, principalmente em revistas de moda, e, em geral, no que se refere a imagens publicitárias, a mulher é bem mais retratada que os homens.

Com exceção da *Preta Gil*, uma artista considerada com excesso de peso, nenhum outro gordo apareceu nos cartazes confeccionados. Quanto ao gênero, embora houvesse um número significativo de homens nas revistas, poucos foram escolhidos para os cartazes. Ou seja, o gênero feminino e o corpo magro foram os escolhidos para a *galeria das belezas*, modo como nomeamos os cartazes.

Ao serem questionados por suas escolhas, afirmaram:

Eduardo – Eu não recortei homem porque eu não acho homem bonito.

Leonardo – Essas coisas de bonito é mais pra mulher. Mulher é que fica pensando nisso.

Lucas – Eu acho que homem tem que se cuidar. Eu não quero ficar feio.

Rafaela – A Preta Gil é gordinha, mas é bonita.

Mateus – Tem mais mulher bonita que homem bonito.

Vinicius – É que nessas revistas [revistas de moda] tem mais mulher. Homem gosta de revista de carro.

Assim, embora nas próprias produções textuais das crianças como também nos livros infantis o gênero masculino comece também a ser interpelado por questões de estética, nas conversas com as crianças, principalmente os meninos parecem confusos, relutando em aceitar que eles também teriam se tornado alvo da busca incessante pela beleza, tentando argumentar que essa busca ainda é uma questão feminina. Eles mostraram-se ambíguos entre a resistência e a adesão ao discurso que ainda associa preocupações estéticas apenas ao gênero feminino. Parece-me que os meninos nem são completamente governados por esse discurso, nem conseguem escapar completamente dele.

Por outro lado, penso que há aí implicada uma outra questão, uma regulação cultural sobre os meninos. No momento em que os meninos não se permitiram afirmar, em geral, que se preocupam

com a estética, mostra-se a idéia de que os meninos são inseridos em redes de controle para que, desde muito cedo, assumam uma postura que se aproxime da masculinidade predominante, valorizada e idealizada (GUIZZO, 2005). E dentro deste ideal de masculinidade, embora a discussão sobre *metrosssexual* comece a mudar esse quadro, pensar sobre a beleza parece ainda estar fortemente atrelado a questões que envolvem apenas o feminino.

De fato, durante muito tempo preocupações estéticas eram características predominantemente femininas, já que foi quase que somente a elas que as exigências estéticas se direcionaram. A beleza sempre foi muito associada ao feminino, basta pensarmos nos grandes clássicos da literatura infantil, como Branca de Neve, Cinderela e Bela Adormecida, que tinham nas ilustrações das edições sucessivas corpos apresentados exaltando uma beleza indiscutível, fazendo dessas princesas objetos de desejo. Sempre de peles alvas, corpos esguios e formosos, traços delicados e traços afinados, essas princesas tornaram-se ícones identificatórios para o feminino. Também podemos pensar, a respeito da relação beleza e mulher, nas revistas direcionadas ao público feminino, que nada mais são do que “documentos mensais que atestam a preocupação com a beleza em nossa cultura” (GOMES, 2000, p.183).

Para Etcoff (1999), “a beleza é uma ficção conveniente usada por indústrias milionárias que criam imagens do belo e as traficam como ópio para a massa feminina. A beleza conduz as mulheres ao lugar em que os homens as querem, fora da estrutura do poder” (p. 12).

Contudo, embora essa articulação, feminino e beleza, ainda se mantenha muito forte, conforme argumentei anteriormente, é possível perceber pequenas rupturas nessa associação, evidenciando que os homens, aos poucos, também estão sendo subjetivados pelos discursos da beleza, entrando, ainda que mais lentamente, no circuito de consumo do qual a indústria da beleza faz parte.

Essa ruptura ficou mais evidenciada nas obras literárias. Dos dezoito livros analisados, dez trazem meninas como personagens gordos, cinco trazem meninos, um, por ser uma coletânea de pequenas histórias – *De cara com o espelho* –, têm meninas e meninos, e dois apresentam, em suas histórias, animais – *Camilão, o comilão* – e a lua – *O Regime da lua*. Ainda que o gênero feminino tenha sido representado em um número maior de livros, observei que as regras de beleza, nas narrativas literárias, começam também a interpelar o masculino, mesmo que numa fatia menor e possivelmente com efeitos reduzidos na constituição das identidades. Ainda que *Carlinhos*, *Tom*, *Esteban*, *Gorduchito* e outros personagens masculinos desejassem emagrecer para não passar mais por situações de deboche, alguns deles também se preocupavam com o fato das meninas não os

desejarem pelos seus corpos. Isto fica visivelmente claro no livro *Um gordo feliz*, quando Esteban ao envolver-se em uma briga e falar muitos palavrões percebe:

Os grandalhões foram aos poucos se afastando da roda. Aí ele se deu conta das bobagens que falou. Engraçado: Tetê não pusera as mãos no ouvido. Será que aprovara sua reação? Ou o considerava um covarde, além de banhudo, bunda-mole, o anti-símbolo sexual?
(PORTELA, 1993, p. 21)

Contudo, embora haja rupturas na associação beleza e feminino – através dos livros que apresentam meninos às voltas com essas questões, ou através da menção ao atleta inglês *David Beckham*, como símbolo do *metrossexual* – ainda é muito forte o entendimento de que preocupações estéticas com o corpo são assuntos destinados, prioritariamente, ao gênero feminino. Relembrando o conjunto de materiais coletados da mídia impressa e televisiva percebi que são as mulheres as mais retratadas nesses materiais, são elas as mais preocupadas com o excesso de gordura nos seus corpos, são elas que efetivamente fazem do combate à obesidade sua prioridade máxima. Assim, parece haver uma norma generificada, uma norma que parece se destinar mais ao gênero feminino, que parece subjetivar mais as mulheres do que os homens.

Contudo, quando procuro mostrar que há rupturas nessa associação, vejo aí uma constatação que dá ao dispositivo da magreza a capacidade de se atualizar, ou seja, há um outro tipo de sujeito a ser capturado pelo discurso, o sujeito masculino. Até porque, se a finalidade desse dispositivo é a produção de corpos magros, não só em função da estética, mas também em função de saberes produzidos pelo campo biomédico, que enquadraram o gordo como um doente, como um risco, faz-se necessário capturar todos os sujeitos.

Além do mais, e como já argumentei anteriormente, se toda essa busca de beleza move quantias consideráveis de dinheiro, porque não abarcar, na roda do consumo, também os homens? Daí que vemos hoje o início da inclusão de um grande alvo das indústrias responsáveis por diferentes produtos em prol da beleza: o gênero masculino.

A ambivalência nas representações do gordo

Um outro aspecto que considero importante destacar é que devido à existência dos clichês – gordinhos são engraçados, alegres, divertidos – uma das minhas hipóteses iniciais era de encontrar

um grande número de personagens com tais características. Embora tenha de fato me deparado com algumas dessas “marcas identitárias”, elas se apresentaram em um número pouco expressivo, salientando-se mais nos livros *Rosa Gulosa* e *Pelota Bolota*, nas quais as narrativas são bem semelhantes, tanto na estrutura da história, com frases e enredo simples, quanto na própria narrativa: duas meninas felizes que adoram comer. Interessante observar que *Pelota Bolota* teve sua primeira edição lançada em 1981, e que *Rosa Gulosa*, embora sendo de 1991, é uma narrativa muito semelhante ao livro *Pelota Bolota*. Isso pode nos levar a pensar que, talvez, os livros menos condenatórios da gordura sejam os mais antigos.

Contrariamente, o que observei com bastante incidência foram personagens gordos incomodados por receberem apelidos pejorativos, com poucos amigos e muito tristes com sua estética corporal, de certa forma reprovada pela norma vigente no contexto em que se inserem. Sobre a ambivalência destas concepções a respeito dos sujeitos gordos, relembro as idéias de Fischler (1995), quando este afirma que

[...] há a existência de um duplo estereótipo do gordo. O primeiro é de um homem roliço, extrovertido, dotado para as relações sociais, bancando voluntariamente o brincalhão [...] sofrendo provavelmente por sua corpulência em seu foro íntimo, mas nada deixando transparecer. O segundo é bem diferente. É um doente, ou um depressivo, um egoísta desenfreado ou um irresponsável sem controle sobre si mesmo. O primeiro é um gordo simpático. O segundo, um obeso que só suscita a reprovação, quando não a aversão (p.71).

A ambivalência, “possibilidade de conferir a um objeto ou evento mais de uma categoria” (BAUMAN, 1999, p.9), decorre de uma das “principais funções da linguagem: a de nomear e classificar” (idem, p.9). Assim, a ambivalência do gordo, que ora é tomado como sujeito alegre, brincalhão, extrovertido e engraçado, e ora é tomado como um sujeito que, como nos fala Fischler, só “suscita a reprovação”, devido a sua falta de controle sobre si mesmo que lhe produz um corpo disforme, vai na contra mão de um mundo que busca a ordem e que busca classificar os sujeitos, sem espaços para brechas ou dúvidas, objetivo incansável da modernidade³⁷.

Assim é que temos, de uma lado, Agostinho, participante da 6ª edição do *reality show Big Brother Brasil*, no ar pela *Rede Globo*, que carinhosamente ganha o apelido, dos outros participantes do programa, de ursinho, por ser um gordinho fofinho e querido, e por outro lado diversos

³⁷ A modernidade aqui se refere não a Idade Moderna, mas sim a um tempo que, segundo Bauman (1999), “se reflete a ordem” (p. 12). Ou seja, modernidade como um período que marca uma nova forma de pensar e perceber o mundo – a consciência moderna – e que, embora não possamos marcar a data exata de seu “nascimento”, pode ser localizada a partir do século XVI.

personagens dos livros infanto-juvenis incomodados com seus apelidos, a saber: Bola, Bolinha, Bolão, Bolacha, Gordo, Batata, Gorducha, Gulosa, Bolota, Baleia, Elefantona, entre tantos outros.

Através desses apelidos é possível identificar a ambivalência do gordo, no qual a mesma mídia que apresenta incansavelmente o gordo como feio, doente, triste e incomodado com sua aparência, também o apresenta como fofinho, querido e brincalhão.

A reportagem publicada na *Revista do Santa*, seção do *Jornal Diário Catarinense*, em 11 e 12 de fevereiro de 2006, discuti essa questão. Intitulada *Sou gordinho, sou feliz!*, a reportagem apresenta algumas pessoas gordas que mostram estar de bem consigo mesmo, como o Agustinho, do BBB6:

Dos confinados na casa do Big Brother Brasil 6, o carioca Agustinho Fernandes Mendonça, 35 anos, caiu nas graças do público – e dos próprios BBB's. Com 1,60m e 95 quilos, ele é o estereótipo perfeito do gordinho feliz: não dispensa uma cantoria, de samba-enredo a Mamonas Assassinas, e está sempre fazendo graça. Conhecido como Agustinho, ele gosta mesmo é que o chamem de Tinho. Mas não é Tinho de Agustinho e sim de presuntinho. [...] Recentemente recebeu o seguinte comentário: 'com a fofura de um legítimo representante dos ursinhos que dá vontade de agarrar e não soltar mais, Agustinho vai ser o colírio para os nossos olhos, já tão cansados de garotões sem pêlo nem barriga.

Contudo, a mesma reportagem busca a voz científica, através da psicóloga Rosmeri Schmidt, para mostrar que toda essa “simpatia pode disfarçar depressão”, já que para a psicóloga, “a maioria [...] sonha emagrecer e apresenta sinais de depressão – mesmo aqueles que passam uma imagem de simpáticos” (reportagem completa ver anexo 21).

Para Bauman (1999), o mundo moderno buscou com esforço exterminar a ambivalência, “um esforço para definir com precisão – e suprimir ou eliminar tudo que não poderia ser ou não fosse precisamente definido” (p. 15). Assim, o outro da ordem – e vejo a ordem aqui como a tentativa de fixar o gordo como doente e feio e o outro da ordem como o modo pelo qual o excesso de peso se caracteriza em qualidades positivas, como brincalhão, extrovertido,... – “não é uma outra ordem: sua única alternativa é o caos. O outro da ordem é o miasma do indeterminado e do imprevisível” (p. 14).

Nesse sentido, manter a ordem é trazer à norma todos os sujeitos, é normalizá-los, e, se a norma instituída hoje impõe sobre os corpos, como ideal de saúde e beleza, a magreza, é preciso que o dispositivo denuncie as desvantagens e os riscos do *ser gordo*. Assim, tanto nos livros quanto nas produções das crianças, circulam visivelmente circulado marcas identitárias negativas.

A produção dessas marcas identitárias se dá, por exemplo, através dos apelidos pejorativos dos personagens. Embora saiba que os livros infantis usualmente apresentam os figurantes das narrativas mediante apelidos para construírem uma atmosfera de intimidade com o/a leitor/a, os

apelidos, nesse caso, acabam por marcar ainda mais aquilo que é considerado feio e discrepante de uma suposta normalidade, funcionando como uma caricatura que ressalta a gordura e que depois se torna um sinal identitário, lembrado por todos nós. Na obra *No tempo em que a televisão mandava em Carlinhos*, o personagem principal mostra-se bastante incomodado com seus inúmeros apelidos.

Meu nome é Carlos, não Batata. Se quiser me chamar de Carlão, tudo bem! Mas Bolacha, não!
(ROCHA, 2000, p. 11)



Fig. 8 – Carlinhos, do livro *No tempo em que a televisão mandava em Carlinhos*

Em algumas obras não há sequer a menção ao nome dos personagens, eles(as) são chamados somente pelos apelidos, sendo que os mesmos são escritos com iniciais maiúsculas, substituindo o nome próprio, como Gorduchito Gorduchão e Pelota Bolota.

Lembro-me da minha infância e do apelido que durante muitos anos me etiquetou, *Bolinha*. Detestava que me chamassem assim. Claro, sempre fingindo não dar a menor importância, uma estratégia que aprendi desde cedo, de minimizar os efeitos, na esperança de que, não se mostrando incomodada com ele, logo logo as pessoas o esqueceriam. Na verdade não foi uma estratégia bem sucedida, já que a materialidade do corpo lembrava a todos o motivo do apelido. Acho que o que mais me incomodava era a inferência de significados que esse apelido denotava. A pessoa não precisaria me conhecer, pois o apelido já indicava que aquela era uma menina gorda e, conseqüentemente, feia, desleixada, enfim, uma etiqueta que nossa cultura gruda em todos aqueles que são vistos como gordos. Com o passar do tempo utilizei-me de uma outra estratégia que se

encontra dentro da ambivalência do gordo. Como os meninos não demonstravam interesse por mim, acabei tornando-me para eles uma excelente amiga e, como acabei por criar laços fortes de amizade com eles, acabei sendo vista como uma pessoa dotada para as relações sociais. A *Bolinha* passara agora a ser vista como uma menina amiga de todos, extrovertida e brincalhona. Mas afinal de contas, o que eu era? Eu era as duas coisas. De um lado alguém comunicativa, com uma intensa vida social, e por outro lado, alguém que estava “secretamente” subjetivada a rede de inteligibilidade do *ser gordo*.

Ao discutir com as crianças os diversos apelidos que circulam nos livros lidos, elas trouxeram para a conversa o quanto desaprovam os apelidos de *mau gosto*, como chamaram tanto os apelidos dos livros, quanto os seus próprios apelidos.

Natália – Eu não gosto de apelido de mau gosto. Só apelido normal, que nem Nati.

Mateus – Eu não tenho apelido, mas gostaria se fosse carinhoso. Não gostaria se fosse para ofender.

Caroline – Eu gosto do meu apelido [Carol], não é de mau gosto.

Pedro Renato – Todo gordinho tem apelido. Me chamam de Nhonho³⁸ e Gordinho. Eu não gosto que me chamem de Nhonho. Eu não sou que nem o Nhonho. De Gordinho mais ou menos. Eu sei que sou, mas não to nem aí.

Vinicius – Me chamam de miojinho³⁹ porque meu cabelo é cacheado. Eu não gosto!

Pedro Renato era o único menino com sobrepeso da turma, embora muitas meninas também achassem que deviam emagrecer por estarem com *alguns quilinhos a mais*, como elas mesmas diziam. No início tive certo receio em relação as suas reações frente ao trabalho que desenvolveria. Contudo, Pedro Renato mostrou-se bem participativo, e, embora dissesse algumas vezes que queria emagrecer, e que a mãe dele queria mais ainda que ele emagrecesse, não demonstrava dar muita importância para isso, com exceção, é claro, dos apelidos. Na atividade em que propus que eles escrevessem histórias a partir de algumas imagens de pessoas gordas e magras, Pedro Renato escreveu sobre a vida do Marquinhos, um menino muito legal que comia muito e que acabara de tirar um D em matemática. Quando chegou em casa e mostrou a nota para a sua mãe, Marquinhos disse:

³⁸ *Nhonho* é o apelido de uma criança gorda, personagem do programa humorístico, *Chaves*, exibido no Brasil pelo *SBT*, desde a década de 80. O programa, com nome original *El chavo Del Ocho*, é mexicano, da década de 70, e apresenta o cotidiano de algumas crianças. Estas são interpretadas por atores adultos vestidos de crianças.

³⁹ O apelido a que o menino se refere faz menção a uma marca de massa, *Miojo*, fina e ondulada, lembrando cachos de cabelo.

- Eu posso explicar!

Então depois de tudo explicado, ela [a mãe] não bateu nele, só tirou as coisas de guloseimas que ele comia e ele começou a comer verdura todos os dias.

Mas ele continuou gordo. Mas ele emagreceu bastante do peso normal dele e todos os dias ele emagrecia algumas gramas de tanto exercício e verduras.

Pedro Renato também aponta para a ambivalência do gordo. Embora tenha demonstrado e afirmado não dar muita importância ao fato de ser gordo e ser um menino com excelentes relações com os colegas, em sua produção mostra-se oscilante. De um lado afirma que ao término da história *Marquinhos* continua gordo, demonstrando não se incomodar com isso. Por outro lado, na seqüência da frase, Pedro Renato escreve que *Marquinhos*, embora ainda gordo, *emagreceu bastante do peso normal dele*, e prossegue, *e todos os dias ele emagrecia algumas gramas de tanto exercício e verduras*.

Seja através de apelidos, seja através da menção a experiências embaraçosas e muitas vezes humilhantes, há a produção de marcas nos corpos e nas identidades. Woodward (2000) afirma que “o corpo é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos, servindo de fundamento para a identidade” (p.15).

Porém, ao lançar mão da noção de desnaturalização, procurando mostrar que padrões são construídos histórica, social e culturalmente, compreende-se que o corpo é significado por nós e que as normas se constituem na cultura. Cabe sublinhar novamente o quanto cada época, cada sociedade, cada cultura, prescreve o que é certo/errado, bonito/feio, saudável/não-saudável, estético/grotesco, sendo estes conceitos construídos por homens e mulheres, e que, portanto, não são naturais (vindos da natureza ou revelados por um Deus), não foram sempre assim e não o serão para todo o sempre. Quanta a ambivalência, é provável que ela “jamais se extinga realmente, sejam quais forem a quantidade e o ardor do esforço de estruturação/ordenação” (BAUMAN, 1999).

Por fim, é preciso ainda ressaltar que, nas obras que apresentam personagens muito magros, como no caso do livro *Marcela Magrela, Miúcha Gorducha*, apesar de estas conterem também apelidos pejorativos relativos aos corpos magros e também operarem com estes corpos como corpos estranhos, tais sujeitos não aparecem sofrendo efeitos advindos das relações sociais na mesma proporção em que sofrem os personagens com corpo gordo. Assim, penso que o excessivamente

magro, hoje, é um diferente próximo demais da norma – ou até poderia estar a indicar a emergência de uma nova norma – para ser ridicularizado nas tramas analisadas. Dessa forma, embora haja referências a esses corpos magros, trata-se de recortes pequenos, que não suscitaram situações de extremo embaraço e tampouco foram explorados e desenvolvidos no decorrer das tramas. Já o corpo gordo, em quase todos os recortes, insere-se numa relação na qual é “diminuído”, exotizado e penalizado, face aos outros, ditos normais. Interessante ainda destacar, acerca dessa obra, que as crianças gostaram muito dessa narrativa, pois mostrou *que algumas pessoas magras também não gostam de ser tão magras* (Paloma).

A compulsividade do gordo

Entre as ocorrências e regularidades encontradas nas dezoito obras de literatura que examinei, a compulsividade do ato de comer é quase que unânime. Compulsividade significa algo que não conseguimos controlar, um impulso, algo que está fora do nosso controle. E, diga-se de passagem, no senso comum, parece que todos os gordos sofrem desse mal. Daí que vemos gordura e obesidade sendo tomadas “como um sinal tangível de falta de controle, impulsividade, auto-indulgência, enquanto que o corpo magro é um testemunho do poder da autodisciplina, um exemplo do domínio da mente sobre o corpo e de um virtuoso sacrifício” (LUPTON, 2000, p. 24). Existe aí uma estratégia do dispositivo da magreza. Posicionar o gordo como compulsivo, como sem controle sobre si mesmo, é patologizá-lo. Nesse sentido, Lupton (2000) aponta para essa forma tão disseminada de entendermos saúde; como um conceito que gira “em torno da noção de saúde como auto-controle, incluindo conceitos de auto-disciplina, auto-negação e força de vontade” (p. 23). E é a isso que o dispositivo se apresenta: a patologizar o gordo e a produzir, assim, corpos magros; é esse tipo de governamento que esse dispositivo produz.

Comer, comer, comer. Comer muito. Comer exageradamente. Comer tudo e comer mais! É isto que a maioria dos personagens apresentados nos livros fazem. Dona Miúda, do livro *Na porta da padaria*, não resiste à tentação, não tem força e determinação para dominar seus impulsos:

Entrou na padaria para comprar só um bombonzinho. E pra não parecer mesquinharia pediu também um quindinzinho. E pra não perder a rima mandou vir logo um biscoitinho. De quebra comeu um bolinho, um croissant, um briochinho, e pão de queijo, e baba-de-moça, e pão doce com guaraná, sonho, brevidade, cocada, bombas e mil-folhas, uns folheados de massa fina e tortas de chocolate com creme e cereja em cima...

(ARAÚJO, 1997, sem página)

Carlinhos, do livro *No tempo em que a televisão mandava em Carlinhos*, também não escapa dessa representação. Come muito!

Queijinho que vale por um bifinho, achocolatado da Miúcha, macarrão da Patrícia, milquecheique do Bubu, pipoca do gatinho, biscoito do Xuxu, Coca-bola, e tudo!

(ROCHA, 2000, p. 8)



Fig. 9 – Carlinhos, do livro *No tempo em que a televisão mandava em Carlinhos*

Assim também acontece com Esteban, em *Um gordo feliz*, que

gastava metade do seu tempo comendo ou pensando em comida. As imagens de massas, tortas, sorvetes coloridos, doces em calda, e os fantásticos sanduíches da maioria das lanchonetes da cidade, não lhe saíam da cabeça. Pior de tudo: gostava de pensar nessas maravilhas, enquanto o estômago dava voltas por dentro, pedindo mais, muito mais.

(PORTELA, 1993, p. 6)

Nesse trecho também é interessante destacar a menção à perda de tempo com a prática do comer. Num mundo veloz como o de hoje, vemos muitas vezes uma preferência pelos lanches rápidos em detrimento das refeições. O *fast-food* ganha cada vez mais espaço em nossas práticas

alimentares. Para Damico (2004) “a mídia estimula, por um lado, a prática de alimentação tipo *fast-food*, e, por outro lado, utiliza discursos de especialistas que contra-indicam e discordam deste tipo de prática alimentar, sob o ponto de vista da saúde” (p. 68). Felipe (2003) traz para essa discussão, o que ela aponta como um paradoxo, “há o estímulo de uma sociedade obesogênica, que vende o *fast-food*, incentivando o comer, e a exigência da magreza como padrão de beleza, e pressionando o emagrecer” (p. 11).

Mesmo assim, a referência feita nos livros infantis e nas falas das crianças sobre as práticas alimentares dos gordos parece mostrar uma falha no autocontrole do indivíduo, recaindo sobre o sujeito gordo um julgamento moral. Sudo (2004) afirma:

O indivíduo com excesso de peso transgrediria a natureza e uma regra social que seria a do controle, o controle sobre si mesmo [...] O gordo sugere aquele que não consegue escapar as paixões da carne e das tentações. Evoca, [...] representações como pessoas que não conseguem controlar os próprios impulsos, inseguros e com menos saúde (p. 102).

Alguns autores argumentam que a alimentação para os obesos parece ter um sentido simbólico de gratificação frente a situações de rotina ou de frustração. Assim, o alimento seria muito mais do que uma necessidade do corpo, adquirindo o sentido de prêmio e de recompensa para a alma (FELIPPE, 2003).

De fato, algumas das obras analisadas, como *Não me chame de gorducha*, carregam essa representação. Rita, personagem principal dessa obra, ao sentir-se frustrada na escola imediatamente compra *três barras de chocolate. Ainda estava comendo a última quando entrou em casa.* Lembrando o programa de televisão, *Questão de Peso*, já citado nessa pesquisa, apresentado pelo médico Drauzio Varella, é possível perceber o quanto a compulsividade do ato de comer é associada ao sujeito gordo. Conforme o apresentador médico vai caracterizando o problema da obesidade, são apresentadas inúmeras imagens de pessoas gordas comendo muito. Muitas vezes, conforme argumenta o próprio apresentador, comendo escondido.

O que me interessa nessa pesquisa não é perceber se de fato as pessoas consideradas gordas realmente possuem uma extrema falta de controle no ato de comer, mas sim, perceber como essa característica, somada a outras, acaba construindo uma representação do *ser gordo*, que se refere não só a seu corpo, mas a sua “alma”. Assim, é que freqüentemente vemos associados aos gordos características como relaxados, desleixados e descontrolados, desprovidos de auto-estima, determinação e disciplina.

Interessante lembrar aqui o livro *Camilão, o comilão*, que representa o seu personagem principal, Camilão, através de um animal: um porco. Através das imagens que ilustram essa obra, é possível ver o quanto Camilão, além de ser relaxado, é preguiçoso e despreocupado com a vida.

Camilo era um leitão. Um porco grande, o Camilão. Não era um porco dos mais porcos. Mas era preguiçoso. E muito guloso. Um comilão, esse Camilão. Mas não queria saber de trabalhar para ganhar comida. Preferia comer cada dia em casa de um amigo. Ou, então, pedia uma comidinha aos outros. Ninguém se incomodava, porque todos gostavam dele. E achavam graça naquela gulodice. Que não fazia mal a ninguém. Só mesmo ao Camilão.

(MACHADO, 1996, sem página)



Fig. 10 – Camilão, do livro *Camilão, o comilão*

Parece-me que o *ser gordo* está associado a uma questão também de caráter, demonstrando uma espécie de deformação dupla do sujeito gordo: a do físico e a da “personalidade”, da “moral”. Um desvio de conduta. Camilão, no decorrer da história, tenta conseguir comida com seus amigos, o cachorro, o burro, a vaca..., dizendo não ter nada para comer e estar com muita fome, quase desmaiando. Assim, ele acaba arrecadando diversos alimentos, todos conseguido através de chantagem emocional com seus amigos. Contudo, para evidenciar que Camilão, embora guloso e

preguiçoso, não é um mau sujeito – e aí se reapresenta a imagem do gordinho bonachão e simpático, ou seja, aí se apresenta a ambivalência do gordo – a obra finaliza da seguinte maneira:

Agora, o que você acha que aconteceu? Você pensa que Camilão se escondeu para comer tudo sozinho? E que depois ficou com a maior dor de barriga do mundo? Se você quiser, a história pode acabar assim. Mas eu acho que isso já aconteceu antes, muitas vezes, até demais. E que desta vez vai acontecer uma coisa diferente. Nosso amigo leitão pode ser guloso, mas todo mundo gosta dele. Porque divide o que tem. Camilão vai dar uma festa de comilança. E convidar todos os amigos que deram alguma coisa a ele (MACHADO, 1996, sem página).

As crianças não se distanciaram das representações de gordo que circulam nas obras. Alias, reforçaram a idéia de que o gordo não tem controle sobre si e só é gordo por comer demais, o que mostra como são descuidados e desleixados em relação a sua saúde e seus corpos. Isso ficou claro já no primeiro encontro quando conversávamos sobre os chocolates da Páscoa. As meninas “mais conscientes” disseram que para não cair na tentação e, assim, acabar engordando, pediram aos pais, ao invés de chocolate, outros presentes, o que permite retornarmos mais uma vez a noção de risco.

Em uma outra atividade, na qual as crianças receberam imagens retiradas de livros infantis que elas não haviam lido, de personagens gordos e magros, e construíram histórias a partir destas imagens, essa falta de controle associada aos sujeitos gordos, ficou bem visível. Transcrevo abaixo trechos que retirei de algumas produções.

Tinha um cara chamado Fernando que tinha o apelido de gordinho ele não gostava disso. Ele comia muita porcaria, sorvete, picolé, coisas gordurosas. E quando ele ficava triste comia até vomitar. Daí todo mundo gozava dele, mas ele não deixava de comer, comer e comer. Ele não conseguia parar.

(Arthur)

Num dia na escola, Zé levou 2 pacotes de salgadinhos, 2 caixas de bis e 5 bombons. (...) Zé já tinha comido todo seu lanche, mas Zé ainda estava com fome. Zé tentou pedir lanche para o Pedro. Ele deu uma maçã, mas Zé recusou, então Zé perguntou:

- Pedro, não tem um salgadinho, chocolate ou um bombom?

(Mateus)

Mateus, além de marcar a articulação entre gordura e compulsão, ainda mostra o quanto o gordo deseja alimentos – marcado tão fortemente pelas crianças – não saudáveis. Ao marcar a compulsão do gordo, há sempre um determinado tipo de alimentação visível, tanto na mídia, quanto nos livros, como também nas produções das crianças: tortas, bolos, balas, chocolate, massas, salgadinhos..., permeiam o universo do gordo. A solução? Para as crianças, muito simples: basta apenas ingerir frutas e verduras – muito embora não demonstrem saboreá-las – e cortar doces e gorduras. Mariana resgata nosso primeiro encontro sobre os chocolates da Páscoa e afirma: *Por isso eu não quero mais comer chocolate. Para não ficar gorda. É melhor evitar.*

Interessante, como nos mostra Damico (2004),

como determinados alimentos nas grandes cidades, principalmente entre as crianças e jovens, foram adquirindo sentidos diferentes de outras épocas. O caso da fruta parece bastante emblemático. Em lembranças de gerações anteriores, comer frutas frescas e saborosas, roubar uvas na parreira do vizinho, comer melancia até ter dor de barriga eram prazeres ilimitados [...] talvez as muitas prescrições que enfatizam os valores energéticos, as vantagens para a pele, enfim, os diferentes usos medicinais e terapêuticos das frutas tenham lhes retirado a dimensão do pecado, do saborear, do prazer que outrora poderiam oferecer (p. 65).

Já a palavra usada por Mariana, *evitar*, me remete mais uma vez a noção de risco. Para Ortega (2002):

O indivíduo se constitui como autônomo e responsável através da interiorização do discurso do risco. O corpo e o *self* são modelados pelo olhar censurante do outro que leva à introjeção da retórica do risco. O resultado é a constituição [ou pelo menos deveria ser] de um indivíduo responsável que orienta suas escolhas comportamentais e estilos de vida para a procura de saúde e do corpo perfeito e o afastamento dos riscos (p.156, acréscimos meus).

Ocorre que muitas vezes a procura desse corpo perfeito e o afastamento do risco são levados a extremos tão aumentados, no estilo *os fins justificam os meios*, que acabamos criando novas patologias, como a anorexia e a bulimia, e um medo coletivo: a obesidade, ou, no limite, o medo de apenas alguns quilos a mais.

Como bem lembra Bauman (2000), a gordura tornou-se um inimigo a ser combatido, “a gordura está *no* mas não é *do* corpo; como os estranhos inimigos, tem que ser vigiada com atenção para ser capturada e deportada do corpo, espremida (“lipoaspirada”) ou morta à fome” (p. 53, grifos do autor).

IV. VIVERAM FELIZES PARA SEMPRE?

Segundo Silveira (2005), um tópico clássico de uma análise do discurso, no que tange a literatura infanto-juvenil, e que constitui uma possibilidade de olhar as narrativas de forma mais perspicaz, refere-se à análise dos desfechos das narrativas.

Nesse sentido, nesta seção importa analisar como as obras literárias escolhidas resolveram as situações-problema levantadas no decorrer das histórias e como as crianças pensam esses desfechos. Assim, mereceram destaque algumas formas apontadas pelos livros como soluções. Uma delas diz respeito aos processos de tolerância e de aceitação de si mesmo, do gostar-se do jeito que você é. Em *Marcela Magrela, Miúcha Gorducha*, temos o seguinte desfecho:

– Sabe, Marcela, acho que não importa ser magrela ou gorducha, alta, baixa, ou de qualquer jeito, o que importa é ser bem resolvida! E assim as duas correram para brincar e logo começaram a se enturmar!

(GUERRA, 2002, sem página)

O mesmo ocorre no livro *Gorduchito Gorduchão*, no qual uma imagem mostra a mãe do menino conduzindo-o até a janela da casa para que ele veja como todas as pessoas que circulam na rua são diferentes entre si. Ela mostra ainda, através de imagens, o quanto as pessoas podem ser felizes mesmo sendo gordas. Algumas das imagens aludem a personagens da mídia, como Jô Soares e Tim Maia, outras mostram cenas de diferentes pessoas gordas casando, trabalhando e divertindo-se. Tais imagens pretendem mostrar ao Gorduchito que, mesmo sendo gordo, é possível encontrar alguém com quem se casar, é possível ter sucesso na profissão, é possível ser bom em alguma coisa, e ser feliz.



Fig. 11 – Imagem do livro *Gorduchito Gorduchão*

Na coletânea de histórias, *De cara com o espelho*, também é possível encontrar desfechos assim. A mãe de Bia, ao consolar a filha por ser gordinha e não ter conseguido conquistar o coração de Nando, diz:

- Bia, eu tive uma colega na escola, a Sonia Raquel, que era linda. As garotas sonhavam em ser como ela, procuravam vestir roupa igual, freqüentar os mesmos lugares. Os garotos babavam, disputavam para dançar com ela nos bailinhos, faziam qualquer coisa para entrar no grupo dela e fazer trabalho em casa. Só que ela se achava feia. Só para você ter uma idéia, quando foi convidada para ser a rainha da primavera na escola, a Sonia achou que era gozação. Ela queria ser inteligente como a Mônica, engraçada como eu, ter o cabelo crespo e embaraçado da Célia e até os óculos da Andréa ela achava um charme. A gente se formou, cada uma seguiu um caminho, e muitos anos depois eu encontrei a Sonia Raquel no shopping. Ela continuava linda, mas os olhos continuavam tristes. Ela me contou que fez lipo na barriga, colocou silicone no peito e agora estava pensando em fazer plástica no nariz. Eu, a Mônica, a Célia e a Andréa namoramos muito, nos casamos e somos felizes com a nossa família. A Sônia está sozinha porque, entre tantas cirurgias que fez, ela esqueceu de fazer a mais importante: uma transformação na cabeça, na maneira de se ver, de se sentir bonita. Isso se chama falta de amor-próprio. Você deve valorizar quem você é, não existe no mundo outra Bia igual a você. Você é única,

com qualidades, defeitos, mas não existe cópia, por isso não existe garota melhor que você. Existe diferente de você. Você tem qualidades que alguém diferente do Nando vai enxergar.

(CORRÊA, 2003, P. 15)

Outra solução apontada por alguns livros para os problemas dos personagens gordos traz processos que apagam os atributos “anormais”. Ou seja, os personagens, após se submeterem a regimes, atingem a magreza, e são inclusos na norma, alcançando, assim, a “felicidade”. Tais obras objetivam mostrar que com perseverança e força de vontade é possível conseguir o emagrecimento. Mais uma vez a gênese atribuída à diferença envolve a culpabilização, recaindo sobre o sujeito a responsabilização por seu corpo dito como anormal. Nesse sentido as obras (re)afirmam que só é gordo quem quer, ou seja, a culpa de estar gordo é apenas do sujeito.

Pensando a partir do conceito de poder-saber de Foucault, enquanto uma ação sobre outra ação possível, podemos identificar que esses livros apresentam uma forma de poder, exercida através de um determinado tipo de saber – o corpo magro como corpo ideal – que embora passe pelo corpo, não se dirige ao corpo, mas à alma do sujeito, uma vez que esses livros operam no sentido de mostrar a responsabilidade dos sujeitos em relação a seus corpos. Ou seja, poder como uma organização política para o coletivo, um poder biopolítico, de controlar a vida da população, um poder normatizador-coletivo, que se encontra no âmago do dispositivo da magreza.

Além disso, ao meu ver, nesses casos em que os personagens emagrecem, parece haver um esvaziamento do propósito de problematizar a representação desse corpo visto como diferente, já que os mesmos acabam inclusos no terreno da normalidade. Tal solução, de anulação da diferença, não seria possível em livros que tematizam outras diferenças como, por exemplo, surdez ou cegueira, uma vez que os personagens desses livros não são colocados como responsáveis pela condição que os insere no terreno da anormalidade. Ou seja, vejo a estratégia de emagrecimento como esvaziamento, pois, embora problematiza o corpo gordo, tais obras apagam os atributos marcados como diferente ao término do livro.

Essa discussão é bem visível no livro *Não me chame de gorducha*, quando as situações constrangedoras, os apelidos e a insatisfação com o corpo diferente fazem com que Rita busque uma solução para suas incomodações, como pode ser observado no diálogo que ela teve com seu padrasto:

- Você está esfregando este prato com cara de quem acaba de perder o seu melhor amigo.

- *É quase isso. Na escola me apelidaram de Gorducha.*
- *É, garotos estão sempre caçoando de alguma coisa. Quando eu era da sua idade, riam de mim por causa das minhas orelhas de abano.*
- *Gosto das suas orelhas. O que não gosto é de ser gorda.*
- *Então vamos pensar no assunto. Eu também estou começando a engordar. Por que não procuramos uma solução juntos?*
- *Fazer dieta?*
- *E por que não?*

(PHILIPS, 2002, sem página)

Importante destacar que em alguns livros a solução do “problema” através de um regime não está associada a questões de saúde, e sim de estética e aceitação (homogeneização?) social. Assim, subjetivados por discursos de beleza que colocam o gordo como feio, errado, excêntrico, anormal, os personagens acabam emagrecendo, para não serem mais ridicularizados. Eles abrem mão do prazer de comer as coisas que gostam – embora esse prazer não se dê sem culpas – para ter o prazer de serem aceitos pelos outros e de serem vistos como os outros. Como já argumentei anteriormente, o emagrecimento como desfecho dos livros mostra um mecanismo de inclusão do outro na norma e, ao mesmo tempo, uma vontade de normalizar, uma vez que, conforme afirma Foucault (2001)

a norma traz consigo ao mesmo tempo um princípio de qualificação e um princípio de correção. A norma não tem por função excluir, rejeitar. Ao contrário, ela está sempre ligada a uma técnica positiva de intervenção e de transformação, a uma espécie de poder normativo (p. 62).

A tentativa bem sucedida de tornar-se magro/a nada mais é do que a tentativa de apagar a identidade que os diferencia dos demais. E, ao conseguir isto, parece que todos os problemas se acabam. Rita, agora é uma pessoa “normal”, feliz, com amigos, pois parece que apenas dentro da norma é possível essa condição.

E ninguém mais se lembrava daquele velho apelido, nem mesmo a própria Rita.

(PHILIPS, 2002, sem página)

Assim também ocorre com Carlinhos (Batata), no livro *No tempo em que a televisão mandava no Carlinhos*. Ao resolver fazer um regime por conta própria e, através de produtos veiculados pela televisão – Gororoba 2000, o melhor regime do Brasil,

o Batata que vivia comendo o dia inteiro, passou a tomar a Gororoba duas vezes por dia. Tinha sabor de chocolate, sabor morango, sabor baunilha e sei lá mais o quê. Ele começou a derreter! E estava bem contente!

(ROCHA, 2000, p. 16)

O processo de emagrecimento deixou Carlinhos feliz porque, à medida que emagrecia, os adjetivos atribuídos a ele já não caberiam para seu corpo magro e, conseqüentemente, as pessoas, abandonando o uso dos apelidos pejorativos, talvez passassem a chamá-lo pelo seu nome, um grande desejo de Carlinhos. A própria autora se refere ao personagem pelo apelido Batata e, durante o enredo, “corrige-se”: *Era caríssimo, mas o Bat... quer dizer, o Carlão, ...* demonstrando uma estratégia estilística de imitação de uma conversa.

Novamente há uma tentativa de “apagar” o diferencial marcado nos corpos, uma tentativa de aproximar o sujeito daquilo que é tido como a normalidade, nesse caso, o corpo magro. Carlinhos e Rita “resolveram” seus problemas com regimes, corrigindo sua “anomalia”. E essa solução é estendida para todos os outros possíveis “problemas” de relacionamento que possam ter daquele ponto de suas vidas em diante! Ser magro, nessas histórias contadas, possibilita a convivência e a integração com amigos em diferentes instâncias sociais. Anulando suas identidades de gordo, finalmente os/as personagens gordos/as “poderão ser felizes para sempre”.

Outros dois livros no qual os personagens conseguem emagrecer são, *A gorda e a volta por cima* e *Adeus, pneus!*. No primeiro, a personagem principal, Gilmara, após muitos sofrimentos consegue por fim perder os quilos que a incomodavam.

Aproveitando estar sozinha, Gilmara se enfiara num dos biquínis que as irmãs usavam em rodízio e ali estava: quase tão magra quanto elas [...] Depois de dez meses de maçãs verdes e corridas na praia, depois de goles e mais goles de água, sozinha, sem ajuda de remédios ou de palpites alheios, ela conseguira perder não os vinte quilos, mas 18: estava pronta, agora, para começar tudo de novo e tentar ser outra moça. Por fora, vencera. O importante era se habituar a ser, por dentro, uma outra Gilmara.

(CONY, 1985, p. 59)

No segundo livro, Bia que no início do enredo anuncia *Quem é gordo é feio!*, também consegue, ao final da história, livrar-se dos “pneus” que tanto lhe incomodavam. Quando o namorado de sua mãe afirma que ele também era gordinho na infância e que com 15 ou 16 anos ele cresceu bastante e os “pneuzinhos” desapareceram, Bia desabafa:

– *Não quero esperar tanto tempo – desabafei.*

– *Nem precisa. Mas para isso você deve agir – opinou Beni. E novamente tirou algo que estava também sob a revista. Era um retrato meu. Beni me desenhou muito mais magra, numa calça que ficava bem larga em mim.*

– *Fiz para você! Você pode ficar assim se quiser! Não é muito importante ser magérrima. É até idiota. Mas é legal se sentir bem.*

Suspirei fundo. Para isso precisava passar fome durante anos, o que eu não suportaria.

– *Mas você precisa ter força de vontade – prosseguiu Beni. – Comer menos e praticar esportes. E isso também pode ser uma diversão.*

Sorri meio sem graça, pois não acreditava muito no que ouvia.

(BREZINA, 2003, p. 82)

Embora seja, como argumentei anteriormente, a dimensão estética que envolve as problemáticas do corpo gordo nas obras analisadas, foi possível constatar que alguns livros recorrem também à dimensão do saudável e não saudável, e para tanto se utilizam da voz do saber médico que legitimará a sentença: sim, é preciso emagrecer! Assim, destaca-se a voz do especialista e do discurso científico como legitimação da normalidade, ou seja, do corpo magro como sendo o saudável. Trata-se, para o dispositivo da magreza, de mostrar o quanto é prejudicial para a saúde estar com excesso de peso, e esse mostrar só poderá ser legítimo através de saberes científicos.

No livro *No tempo em que a televisão mandava em Carlinhos*, após o menino ficar doente e seus pais chamarem o médico, este prescreve para todos:

Por isso, doutor Mesquita (pai) e dona Mariquinhas (mãe), esse regime que eu passei para o Carlinhos é para toda a família. O doutor Mesquita está com uma barriga redondinha, dona Mariquinhas está toda cheinha; é bom que todo mundo entre no regime.

(ROCHA, 2000, p. 22)

Efetivamente, a presença desse discurso nos livros de literatura infantil está de acordo com o que Fraga (2000) observa: “o saber médico assume a administração do bem-estar dos sujeitos, aumentando sua utilidade ao mesmo tempo em que passa a regular os processos biológicos da vida” (p. 101). É o discurso da ciência, da “verdade inquestionável”, legitimando uma representação de corpo dita correta, dita ideal, dita normal e abarcando cada vez mais a todos.

Há, ainda, uma categoria de livros que podem ser inscritos como narrativas de resistência ao imperativo da magreza. É o caso do livro *Samanta gorducha vai ao baile das bruxas* e *Tia Anacleta e a sua dieta*. Especificamente no caso do primeiro livro, Samanta, mesmo após tentar e conseguir emagrecer, desiste do sacrifício que fez durante todo o livro para emagrecer e continuar magra, por se dar conta de que não vale a pena, e de que não é isso que ela quer. E após voltar a realizar suas refeições sem restrição, anuncia:

- Queridos amigos, sinto muito. Não adianta fingir.

Isso é que eu chamo de um final feliz! Vocês não acham?

(MEYRICK, 1995, sem página)

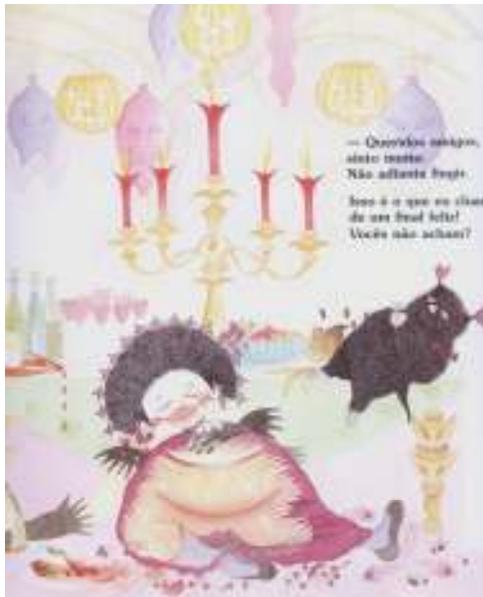


Fig 12 – Samanta, do livro *Samanta gorducha vai ao baile das bruxas*

Por fim, há uma outra “categoria” de livros, em um número pouco expressivo, no qual não há necessidade de soluções para os corpos gordos. Isso porque ou o *ser gordo* não é um problema a ser resolvido no enredo – muito embora esses livros não deixam de participar da rede de

inteligibilidade do *ser gordo* que o coloca como compulsivo, por exemplo – como nos livros *Camilão*, *o comilão*, *O gordo invisível*, *Pelota Bolota* e *Rosa Gulosa*. Pelo contrário, *Pelota Bolota*, por exemplo, em nenhum momento é triste, tampouco sofre por sua aparência, não se envergonha do seu prazer de comer e não se intimida com sua forma, afinal de contas *Pelota bolota faz regime para embolotar*. Também Gérson, do livro *O gordo invisível*, não aparenta ter nenhum problema quanto a isso. Aliás, depois de passar por boas aventuras na história e frente ao comentário do tio de irem para casa, Gérson anuncia:

- Está brincando? – retrucou o sobrinho. – Só depois de comer. Esqueceu que eu não jantei? Sobre a mesa, espremidos em uma dúzia de pratinhos, esperavam por eles trinta sanduíches de queijo quente.
(ABREU, 1997, p. 23)

E o que dizem as crianças sobre o desfecho dos livros? Para trabalhar esse tópico com elas parti de duas produções. A reescrita de outro final para o livro *Não me chame de gorducha* e a própria análise das histórias criadas por elas e seus desfechos.

Quanto à reescrita de um outro desfecho para o livro um fator que merece destaque diz respeito ao sentimento de vingança apresentado nas produções textuais, tanto na reescrita do desfecho, quanto nas histórias produzidas. Transcrevo abaixo algumas das respostas da turma, como também duas histórias que marcam com bastante intensidade esse sentimento.

“Que os guris engordassem e ela emagrecesse e gozasse deles”

(Gabriela).

“Que quem debocha dela ficasse gordo” (Mariana).

“Que as pessoas que debochavam de Rita ficariam gordas e Rita ficaria com corpo de miss” (Rafaella).

“Os dois meninos que gozaram dela iriam ficar mais gordos do que ela”
(Rafael).

“Se eu fosse a autora, eu escreveria que ela iria ficar bem magrinha e todos ficariam gordos e com muita inveja” (Amanda).

Tieiro, o doceiro

1º capítulo:

Era uma vez um menino chamado Tieiro (ele é chinês por isso tem esse nome). Tieiro é um menino muito gorducho, que adora doces, mais nem por isso é triste. Como era gorducho, os amigos dele botaram o apelido de Tieiro, o doceiro. Odiava bife, verduras e tudo que fazia bem. Por outro lado, adora pudim, sorvete, chocolate, etc. A palavra “DIETA” não existia no seu dicionário. Um dia quando comia chocolate viu seus amigos falarem:

- Tieiro, o doceiro! Vai comer no banheiro! Há! Há! Há!
- Não vou comer não, seus chatos!

Mesmo não se importando com aquilo, Tieiro achava que seus não amigos não deveriam falar isso. Então resolveu colocar no seu “dicionário” a palavra mais horrível que já tinha ouvido: “DIETA”.

Futuro:

Tieiro se tornou o personal trainer dos seus não amigos, que ficaram mais gordinhos que ele (Gabriela).

Renato, o gordinho

Numa vizinhança perto daqui, vivia o Renato, um menino gordinho, que o apelido era Bolinha, e ele não gostava, mas ele não conseguia parar de comer chocolate, sorvete, cachorro quente e outras gostosuras. Os amigos viviam gozando da cara dele, chamavam ele de gorducho, bolota, bola e outras coisas.

Então ele resolveu fazer regime. Ele não comia mais doces e nem pirulitos e balas e bolos. Ele emagreceu 10 quilos e ele ficou tão feliz que começou a comer tudo que via pela frente e engordou tudo de novo.

Ele foi chorando para o quarto e a mãe dele explicou:

- Meu filho, tu pode ser gordo, desde que tu seja feliz!
- Mas mãe, todos ficam gozando da minha cara.
- Não ligue para isso meu filho, um dia eles terão um defeito.

Cinco meses depois, ele já tinha emagrecido 10 quilos e os amigos dele ficaram 10 quilos mais gordo.

Renato aprendeu a lição e viu que se você é feliz não importa se você é gordo ou magro, o importante é ser feliz. E os amigos dele aprenderam a não gozar dos outros!

E agora ele come o que mais gosta. mas ele cuida para não comer

O que percebo, nessas produções e em outras não transcritas aqui, é que independente do final das histórias, ou seja, independente do personagem principal ficar gordo ou magro, o importante é fazer com que os outros, aqueles que debochavam e, muitas vezes, humilhavam, passem pela mesma situação, vivenciem os mesmos sentimentos de estar nessa condição. Aqui, a condição de estar gordo passa a ser vista como o castigo merecido por aqueles que debochavam do personagem.

Como já mencionei anteriormente acredito que pelo trabalho de campo se dar dentro de um espaço pedagógico, dentro da escola, muitas vezes as crianças censuravam suas produções e suas falas, ou seja, se autovigiavam. Para elas a liberdade que eu havia dado para opinarem sobre o que pensam a respeito do tema da pesquisa, era uma liberdade regulada, até mesmo pelo espaço escola. Nesse sentido, muitas vezes, não se sentiam a vontade de assumir abertamente que para elas a gordura é vista como uma marca que denota feiúra e indicação de doença. Assim é que algumas das histórias criadas por elas finalizavam com personagens que permaneciam gordos, que ao meu ver demonstra o politicamente correto. Digo isso porque essas mesmas obras que deixavam seus personagens principais com excesso de peso, marcavam a gordura como castigo para os demais. Embora se possa pensar que ao marcar a gordura como castigo as crianças tenham expressado claramente uma retaliação a gordura, tais manifestações só deram-se no âmbito individual, já que nas manifestações coletivas havia claramente uma postura politicamente correta em relação ao tema.

Um outro fator interessante nessas produções em que aqueles que debochavam eram castigados – fazendo com que eles engordassem mais que os próprios personagens – refere-se ao sentimento de vingança. É evidente que em nenhuma das obras literárias houve esse desejo de vingança, até porque são obras que por mais que não queiram ser vistas como pedagógicas, o são. Principalmente os livros para as crianças, que, muitas vezes, não são vistos como parte da Literatura, mas como parte do aparelho educativo, um veículo para a educação, um importante meio para ensinar e doutrinar as crianças. Nesse sentido, como poderia um livro estimular a vingança? Isso me faz lembrar Colomer (2003) quando esta aponta para a tensão de um duplo destinatário das produções endereçadas as crianças.

Os autores de livros infantis têm que resolver a contradição que supõe a criação de textos que embora destinados às crianças, são sancionados pelos adultos. Nossa cultura, ou mais concretamente, as distintas instâncias que cercam a edição para crianças, declara que o material de leitura é crucial para o seu desenvolvimento e o bem-estar mental e pressionam os autores para que elaborem textos que agradem às crianças, mas que, ao mesmo tempo, obtenham o beneplácito dos adultos enquanto textos de leitura para a infância. Assim, os autores devem comprometer-se com dois destinatários, que podem diferir em seus gostos e em suas normas de interpretação de texto (p. 164-165).

Que pais, que escolas, que professores, comprariam para as crianças livros que demonstrassem sentimentos de vingança com os outros, sem ao fim não demonstrar o quanto esse sentimento é errado e imoral?

Considerações finais: sobre um modo de olhar

Pode parecer que pensamentos, sentimentos e ações constituem o próprio tecido e constituição do mais íntimo eu, mas eles são socialmente organizados e administrados nos mínimos detalhes (ROSE, 1998, p. 31).

O que procurei mostrar nessa pesquisa vai na corrente do que Nikolas Rose afirma na citação acima. Os pensamentos, sentimentos e ações que temos em relação à *gorditude* não são naturais, mas sim frutos da operacionalização de um dispositivo da magreza, através da circulação de uma rede de inteligibilidade, que nos subjetiva e nos organiza de uma determinada forma. Assim, a ojeriza, a aversão, a reprovação que temos frente ao *ser gordo* são resultados da rede de inteligibilidade sobre o *ser gordo* que circula em inúmeros espaços sociais, posicionando o corpo gordo como um corpo disforme, doente e feio e que não se refere apenas ao corpo, mas também à “alma”, à identidade dos sujeitos, já que os posiciona, em geral, como preguiçosos, desleixados e sem autocontrole.

Se outrora a gordura era vista como símbolo de prosperidade, de beleza e de saúde, hoje ela é amplamente bombardeada. Hoje, a gordura insere-se dentro de uma outra norma, e dentro desta ela é fixada no terreno da anormalidade. Para Bauman (2001),

o status de todas as normas, inclusive a norma da saúde, foi severamente abalado e se tornou frágil, numa sociedade de infinitas e indefinidas possibilidades. O que ontem era considerado normal e, portanto, satisfatório, pode hoje ser considerado preocupante, ou mesmo patológico, requerendo um remédio. Primeiro, estados do corpo sempre renovados tornam-se razões legítimas para a intervenção médica – e as terapias disponíveis também não ficam estáticas. Segundo, a idéia de ‘doença’, outrora claramente circunscrita, torna-se cada vez mais confusa e nebulosa. Em vez de ser percebida como um evento excepcional com um começo e um fim, tende a ser vista como permanentemente companhia da saúde, seu ‘outro lado’ e ameaça sempre presente: clama por vigilância incessante e precisa ser combatida e repelida dia e noite, sete dias por semana (p. 93).

Assim, estabelecida uma nova norma, que articula magreza, beleza e saúde, o controle do corpo acaba associando-se também a uma questão de caráter. A rede de inteligibilidade do *ser gordo* dessa maneira não apenas denuncia o corpo obeso como um problema, mas também nos diz sobre o sujeito desse corpo, lançando olhares morais sobre esse sujeito.

Em *Memórias de uma gordinha*, afirmei que durante muito tempo estive na condição de estar com sobrepeso, ou com alguns quilos a mais; muito embora, segundo as tabelas científicas, não estivesse enquadrada como obesa. Nessa época lembro-me de travar uma luta comigo mesmo entre aceitar estar na posição que o dispositivo da magreza coloca o *ser gordo* – caricato, compulsivo, doente, feio... – e afirmar para mim mesma que eu não era assim. Nunca devorei pratos e pratos de comida, não comia apenas os alimentos que parecem povoar o imaginário do gordo, não tinha problemas de saúde, não fiquei presa em roletas ou em roupas, não transbordei nenhuma água de piscina, não quebrei nenhuma balança, não entalei em nenhuma porta... Contudo, não ser subjetivada por essa rede de inteligibilidade, amplamente disseminada, era uma tarefa muito difícil. E ainda é. O fato de ter pesquisado sobre assunto não fez de mim, pesquisadora, um sujeito fora do discurso, mas me faz tentar ser mais resistente a essa rede de significados sobre o *ser gordo*, que não é natural, mas que é construída, como procurei mostrar no decorrer dessa Dissertação.

Durante o decorrer da pesquisa, adquiri mais livros que tratavam sobre essa temática, que embora não façam parte do *corpus* da pesquisa, julgo ser importante mencionar, uma vez que, em um rápido olhar, foi possível perceber o quanto não se distanciam das análises aqui expostas. São cinco obras que também se inserem na mesma rede de significados sobre o *ser gordo*.

A chata daquela gorda – Regina Drummond – 2005.

O menino gordo – José Viale Moutinho – 2003.

Se eu fosse muito magrinho – António Mota – 2003.

Terça-feira: 5ª aula – Yolanda Reyes – 1997.

Umbigo indiscreto – Eva Furnari – 2000.

*O menino gordo*⁴⁰ tem na capa e contracapa ilustrado, além do personagem principal, diversos alimentos “típicos” do gordo: bala, chocolate, sorvete, doce..., e apresenta ao leitor um personagem – *Matias* – que está sempre tão ocupado comendo que nem percebe as confusões que ocorrem na escola. Seu apelido é *Bucha* e de tão gordo que é, senta-se ao fundo da sala de aula:

O menino gordo chamava-se Matias e era, na verdade, um menino muito gordo. Andava no primeiro ano, no Colégio de S. Torcato, e sentava-se sempre nas carteiras do fundo porque à frente tapava a vista aos colegas. Também é verdade que os colegas se escondiam atrás do seu corpanzil, a fim de a

⁴⁰ Livro infantil de Portugal.

professora não os chamar a dar lição junto do quadro. Assim, ao cabo de umas poucas de aulas, a doutora Purificação, directora do colégio, determinou:

- O menino Matias passa a sentar-se sempre ao fundo da sala.

(MOUTINHO, 2003, sem página)

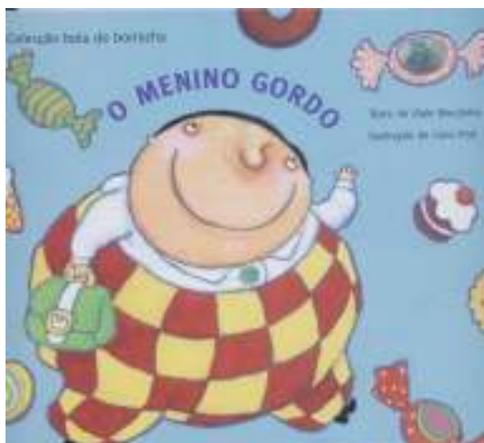


Fig. 13 – capa do livro *O menino gordo*



Fig. 14 – Matias, do livro *O menino gordo*

As mesmas representações e discursos sobre o *ser gordo* também circulam pelo livro *Umbigo indiscreto*, que começa a obra afirmando:

Os bolofofos, parentes gordos dos bolomoles, adoram festas. Adoram tanto que qualquer coisinha é motivo para festejar. O dia da abobrinha, o dia da berinjela contente, do rocambolé mole. Já teve até a festa para o dia do chá no pires. Uma vez fizeram uma festa para comemorar o dia do chocolate escarlata, o alimento preferido dos gulosos bolofofos.

(FURNARI, 2000, p. 5)

O livro segue discorrendo *sobre o ponto fraco dos bolofofos, o umbigo*, afirmando que os bolofofos sentem as emoções pelo umbigo.

Ninguém diz, mas todo mundo sabe, que o ponto fraco dos bolofofos é o umbigo. Eles sentem as emoções com o umbigo. O umbigo, na verdade, é o coração dos bolofofos.

(FURNARI, 2000, p. 26)

Interessante o fato de a autora ter escolhido como indicador de sentimentos para os bolofos o umbigo, uma vez que ele situa-se na barriga, a parte do corpo que ganha maior destaque nas ilustrações do corpo gordo nas obras infanto-juvenis, em geral, ilustrada como disforme, mole e símbolo da deselegância e feiúra.



Fig. 15 – Personagens do livro *Umbigo indiscreto*

A mesma rede de inteligibilidade é apresentada nas outras obras, mesmo na obra que fala apenas dos magros – *Se eu fosse muito magrinho* – já que o livro discorre sobre as vantagens de se ser magrinho, como poder subir *ao cimo da árvore mais alta do parque muito mais depressa que um gato vadio*, ou poder *procurar as coisas esquecidas que há sempre em cima dos armários*, demonstrando que o magro tem agilidade e ligeireza – características tão desejadas na contemporaneidade – que, provavelmente, o gordo não tem, como nos mostra o livro *Terça-Feira: 5ª aula*, no qual a personagem principal Juliana é apresentada como *gorda, pesada, lerda*. *Tinha treze anos, um metro e meio de altura e cinquenta e tantos quilos, muito mais do que seu uniforme de ginástica podia conter*. E como era lerda, sem agilidade, as aulas de educação física eram a tortura de Juliana.

A tortura de Juliana já tinha vários anos e prometia durar muitos mais. Já havia usado todas as artimanhas, todas as desculpas caseiras e todos atestados médicos para se livrar da educação física. Sofreu intensas dores de estômago, justamente nas terças ao meio-dia. Usou colar ortopédico só nas terças na quinta aula. Teve febre de 38 graus duas terças seguidas e até chegou ao extremo de quebrar

um braço. Essa foi sua melhor saída, porque conseguiu passar dois meses e meio engessada. Quer dizer, dez horas de educação física olhando a classe das arquibancadas, sem mover um dedo.

(REYES, 1997, p. 9)

Por fim, também no livro *A chata daquela gorda*, permeado das mesmas representações e discursos, Simone, *no primeiro dia de aula, entrou na classe mostrando exatamente quem era. Inteirinha. Por dentro e por fora. Com todos os seus quilos acumulados ao redor do corpo. Com toda a cor sem brilho do seu terrível jeito de ser. Muito mais do que a roupa, ela era completamente cinza.*

O livro discorre apresentando Simone como uma menina muito chata, contudo procurando salientar que isso nada tinha a ver com sua gordura – muito embora ao término do livro Simone comece a emagrecer. Após um acidente – *num de seus dias de cor-de-nada, a chata daquela gorda atravessou a rua pensando numa galinha assada, foi pega por um carro, jogada no ar e devolvida ao chão do lado oposto ao que estava, bateu a cabeça no meio-fio e morreu. Ou, pelo menos, foi isso o que todos pensaram* – que lhe obrigará a ficar muito tempo no hospital, Simone repensou sua vida e se deu conta de como era chata mesmo e por isso resolveu mudar e anunciar sua mudança aos colegas:

- Quero informar vocês que a chata daquela gorda morreu naquele acidente.

O ar ficou amarelo de expectativa e o tempo parou por um segundo.

- Quem é você, então? – perguntou o Rogério.

- Eu sou a Simone.

- Mas se a gorda morreu, por que você ainda é gorda? – insistiu ele.

A Terra parou de girar para ouvir a resposta. Que veio firme:

- Porque isso não tem importância. Descobri que vocês não gostavam de mim porque EU não gostava de mim mesma.

Inquieto, o Sandro, que também era gordinho, quis saber:

- E esta Simone está fazendo regime? Você emagreceu bastante...

Ela respondeu pelo outro lado da pergunta:

- O médico me explicou o mal que ser gorda faz para a saúde.

(DRUMMOND, 2005, p. 27)

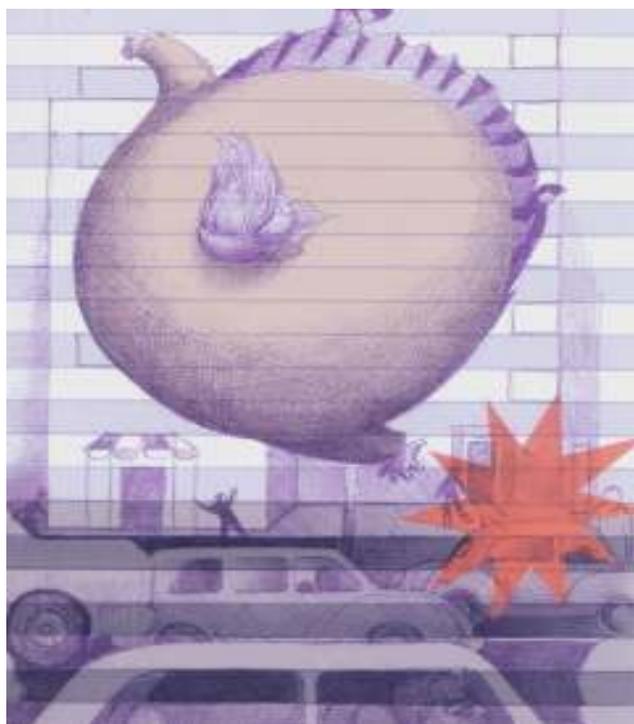


Fig. 16 – Imagem do livro *A chata daquela gorda*

A partir de todas as análises aqui expostas, retomo alguns aspectos para reafirmar alguns apontamentos já expostos. A literatura infanto-juvenil, juntamente com outras instâncias, principalmente a mídia, participa de um dispositivo da magreza, tomado aqui como uma rede de inteligibilidade lançada sobre o sujeito gordo. Esse dispositivo tem como finalidade a produção de corpos magros – em função de uma suposta qualidade de vida, de menores gastos governamentais com problemas decorridos da obesidade, de imperativos da moda... – e opera, dessa forma, contra o gordo, mostrando, e muitas vezes denunciando, os males de estar nessa condição. Ao fazer isso, esse dispositivo não apenas fala do corpo do sujeito, mas também da sua alma. Constrói, assim, uma identidade fixa para esses sujeitos, que não é natural a eles, e os coloca para fora do terreno da normalidade.

Bauman (2005) nos lembra que “as identidades ‘flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas” (p. 19). Assim, é que para esse autor “a identidade só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto” (p. 21). Nesse sentido o dispositivo opera construindo e fixando uma determinada identidade para o sujeito gordo, e subjetivando os olhares lançados sobre esse sujeito, pois é o que dizem sobre o gordo que acaba o constituindo.

Destaco, por fim, que os percursos teóricos, as coletas de materiais e as análises aqui expostas não pretendem mostrar o quanto os livros ou outras pedagogias culturais são maléficos, negativos. Embora no campo da educação muitas vezes se tenha a pretensão de apontar diretrizes, apresentar soluções ou dar “receitas”, na perspectiva teórica em que se inscreve essa pesquisa não há essa preocupação. O que busquei foi argumentar como um dispositivo se organiza, como produz e como incita o aprendizado de um conjunto de conhecimentos para a produção de corpos magros. Nesse sentido, as discussões mais amplas efetivadas com relação ao dispositivo da magreza, apontam para a possibilidade de resistência e para pensarmos a respeito das relações que temos com nós mesmos e, quem sabe, inquietar e desestabilizar verdades tão caprichosamente sedimentadas. Ou, como diria Nietzsche, refletirmos sobre *o que estamos fazendo de nós mesmos*.

REFERÊNCIAS

Referências:

- ALMEIDA, Jane Soares de. Os corpos perfeitos e saudáveis que a pátria necessita: o concurso de robustez infantil e a imagem materna (São Paulo, 1928). *Anais da 27ª Reunião Anual da Anped – Sociedade, democracia e educação: Qual universidade?* (CD-Rom). Caxambu: Editora Vozes, 2004.
- ANDRADE, Sandra dos Santos. *Uma boa forma de ser feliz: representações de corpo feminino na revista Boa Forma*. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- ASBAHR, Melissa Cristina Correa. *Produção cultural para crianças: livros de auto-ajuda*. 2001. Trabalho de Conclusão (Faculdade de Pedagogia) – Universidade de Campinas, Campinas: UNICAMP, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- _____. *Em busca da política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- _____. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- _____. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- COLOMER, Teresa. *A formação do Leitor Literário*. São Paulo: Global, 2003.
- CONDÉ, Mauro Lúcio Leitão. *Wittgenstein: linguagem e mundo*. São Paulo: Annablume, 1998.
- COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luís Henrique. Estudos Culturais, educação e pedagogia. *Revista Brasileira de Educação*, n. 23, p. 36-61, maio/jun./jul./ago. 2003.
- DAMICO, José Geraldo Soares. *Práticas corporais e transtornos alimentares: como e onde adolescentes aprendem a usar estratégias de emagrecimento*. 2003. Proposta de Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- _____. *“Quantas calorias eu preciso [gastar] para emagrecer com saúde?” Como mulheres jovens aprendem estratégias para cuidar do corpo*. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: UFRGS, 2004.
- DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. *Michel Foucault – uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- ELLSWORTH, Elizabeth. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Nunca fomos humanos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- ETCOFF, Nancy. *A lei do mais belo – a ciência da beleza*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1999.
- EWALD, François. *Foucault, a norma e o Direito*. Lisboa: Veja, 1993.
- FABRIS, Eli Terezinha Henn. *Representações de espaço e tempo no olhar de Hollywood sobre a escola*. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: UFRGS, 1999.

_____. *Em cartaz: o cinema brasileiro produzindo sentidos sobre escola e trabalho docente*. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: UFRGS, 2005.

FARIA, Maria Alice. *Como usar literatura infantil na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2004.

FELIPPE, Flávia. *Obesidade zero: a cultura do comer na sociedade de consumo*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado. A revista *Capricho* e a produção de corpos adolescentes femininos. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade*. 1996. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: UFRGS, 1996.

_____. *Experiência jovem numa sociedade individualizada: mídia e aprendizado do público*. *Anais do V Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul – Anped Sul* (CD-Rom). Curitiba: Editora Universitária Champagnat, 2004.

FISCHLER, Claude. *Obeso Benigno, Obeso Maligno*. In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. (org.) *Políticas do Corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 9º ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1990.

_____. *Tecnologias del yo y otros textos afines*. Barcelona: Paidós, 1995.

_____. *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*. 14º ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. *História da sexualidade I – a vontade de saber*. 13ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

_____. *Os Anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FRAGA, Alex Branco. *Corpo, identidade e bom – mocismo: cotidiano de uma adolescência bem-comportada*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GOMES, Paola B. M. Barreto. *Princesas: produção de subjetividade feminina no imaginário de consumo*. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: UFRGS, 2000.

GOULART, Maria Alice Hamilton. *O prazer como imperativo, a literatura como meio, os corpos dóceis como fim: o micropoder dos catálogos infantis*. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: UFRGS, 2000.

GRANDO, José Carlos. *As concepções de corpo no Brasil a partir de 30*. In: ____ (org.). *A (dês)construção do corpo*. Blumenau: Edifurb, 2001.

GUIZZO, Bianca Salazar. *Constituições de identidades infantis de gênero: um estudo no contexto da educação infantil*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: UFRGS, 2005.

HALL, Stuart. *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo*. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, 1997.

LAJOLO, Marisa. *Literatura: leitores e leitura*. São Paulo: Moderna, 2001.

- LAMARE, Rinaldo de. *A vida do bebe*. 17ª edição. Rio de Janeiro: Editor Borso I, 1963.
- LARROSA, Jorge. *La experiencia de la lectura: estudios sobre literatura y formacion*. Barcelona: Laertes S.A de Ediciones, 1996.
- _____. Literatura, experiência e formação. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). *Caminhos Investigativos: novos olhares na pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- LE BRETON, David. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Campinas: Papirus, 2003.
- LUFT, Celso Pedro. *Minidicionário Luft*. São Paulo: Ática, 2000.
- LUPTON, Deborah. Corpos, prazeres e práticas do eu. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 25, nº 2, 2000.
- MARCELLO, Fabiana Amorim. *Dispositivo da maternidade: mídia e produção agonística de experiência*. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- _____. Dispositivo como conceito multilinear: mídia e produção de mães-maternas. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 29, nº 1, 2004.
- MATTELART, Armand; NEVEU, Erik. *Introdução aos Estudos Culturais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- NECKEL, Jane Felipe. Erotização dos corpos infantis. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- NEULS, Janaína Souza. *Lições de masculinidade: aprendendo com A Turma do Didi*. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: UFRGS, 2004.
- ORTEGA, Francisco. Da ascese a bio-ascese ou do corpo submetido à submissão ao corpo. In: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. Lacerda & VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). *Imagens de Foucault e Deleuze – ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p.139-173.
- PALOMINO, Érika. *A moda*. São Paulo: Publifolha, 2002.
- PETERS, Michael. *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- ROSE, Nikolas. Governando a alma: a formação do eu privado. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Liberdades reguladas: a pedagogia construtivista e outras formas de governo do eu*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil. In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. (org.) *Políticas do Corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- _____. Descobrir o corpo: uma história sem fim. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 25, n. 2, 2000.
- _____. Entrevista. *Revista Claudia*, setembro 2003, p. 46-49.
- SANTOS, Claudia Amaral. *A Invenção da infância generificada: a pedagogia da mídia impressa constituindo as identidades de gênero*. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: UFRGS, 2004a.

_____. *O governo das maternidades e a produção de infâncias (a)normais*. Ante-projeto de Tese. (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: UFRGS, 2004b, digitado.

SANTOS, Luís Henrique Sacchi. Sobre o etnógrafo-turista e seus modos de ver. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). *Caminhos Investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel (org.). *Professoras que as histórias nos contam*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

_____; Discurso, escola e cultura: breve roteiro para pensar narrativas que circundam e constituem a educação. In: _____ (org.). *Cultura, poder e educação: um debate sobre estudos culturais em educação*. Canoas: Ed. ULBRA, 2005.

SOARES, Carmen Lúcia. Apresentação. *Pro-posições*, Campinas, SP, v. 14, n. 2, p. 15-21, maio/ago. 2003.

_____; FRAGA, Alex Branco. Pedagogia dos corpos retos: das morfologias disformes às carnes humanas alinhadas. *Pro-posições*, Campinas, SP, v. 14, n. 2, p. 15-21, maio/ago. 2003.

STEINBERG, Shirley. Kindercultura: a construção da infância pelas grandes corporações. In: SILVA, Luis Heron (org.). *Identidade social e a construção do conhecimento*. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1997. p. 98-145.

_____; KINCHELOE, Joe. Sem segredos: cultura infantil, saturação de informação e infância pós-moderna. In: STEINBERG, Shirley; KINCHELOE, Joe (orgs.). *Cultura infantil: a construção corporativa da infância*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

SUDO, Nara. *Diga-me quanto pesas e te direi quanto vales: um estudo sobre representações do gordo em revistas contemporâneas*. 2004. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) –Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social. UERJ, 2004.

VEIGA-NETO, Alfredo. As idades do corpo: (material)idades, (divers)idades, (corporal)idades, (ident)idades..., In: GARCIA, Regina Leite (org.). *O corpo que fala dentro e fora da escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

_____. *Foucault & a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000.

Livros Analisados:

ABREU, Gérson de; RIOS, Rosana. *O gordo invisível*. São Paulo: Atual, 1994.

ARAÚJO, Ivan Baptista de. *Na porta da padaria*. São Paulo: Scipione, 1999.

BRANDÃO, Guiomar Paiva. *O regime da lua*. Belo Horizonte: Editora Lê, 1988.

BREZINA, Thomas (tradução: CAVALCANTI, Claudia). *Adeus, pneus!* São Paulo: Editora Ática, 2003.

CHUEIRE, Célia. *Gorduchito Gorduchão*. Curitiba: Luz e Vida, 2000.

COELHO, Santuza Abras Pinto. *Pelota Bolota*. Belo Horizonte: Miguilin, 1985.

CONY, Carlos Heitor. *A gorda e a volta por cima*. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações S.A., 1985.

CORRÊA, Leonor. *De cara com o espelho*. São Paulo: Editora Moderna, 2003.

D'HAESE, Márcia M. *O tom é gorducho*. Curitiba: Arco, sem ano.

GÓES, Lúcia Pimentel. *Rosa Gulosa*. São Paulo: Paulinas, 1991.

GUERRA, Isabel Cristina F. *Marcela Magrela, Miúcha Gorducha*. São Paulo: Paulus, 2002.

MACHADO, Ana Maria. *Camilão, o comilão*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1996.

MEYRICK, Kathrym (tradução: AQUINOL, Gilda de). *Samanta gorducha vai ao baile das bruxas*. São Paulo: Brinque-book, 1995.

NICOLELIS, Giselda Laporta. *Gorda ou magra, abracadabra*. São Paulo: Editora Moderna, 1985.

ORTHOFF, Sylvia. *Tia Anacleta e sua dieta*. São Paulo: Paulinas, 2003.

PHILIPS, Bárbara (tradução: ALMEIDA, Fernanda Lopes de). *Não me chame de Gorducha*. São Paulo: Ática, 2002.

PORTELA, Fernando. *Um gordo feliz*. São Paulo: Editora moderna, 1993.

ROCHA, Ruth. *No tempo em que a televisão mandava no Carlinhos...* São Paulo: FTD, 2000.

Outros livros referidos:

BELINKY, Tatiana. *Diversidade*. São Paulo: Quinteto Editorial, 1999.

DRUMMOND, Regina. *A chata daquela gorda*. São Paulo: Cortez, 2005.

FURNARI, Eva. *Umbigo indiscreto*. São Paulo: Moderna, 2000.

MOTA, António. *Se eu fosse muito magrinho*. Canelas: Gailivro, 2003.

MOUTINHO, José Viale. *O menino gordo*. Canelas: Gailivro, 2003.

REYES, Iolanda (tradução: ROCHA, Ruth). *Terça-feira: 5ª aula*. São Paulo, FTD, 1997.

RITER, Caio Dussarrat. *Um palito diferente*. Porto Alegre: Editora Interpreta-Vida, 1994.

WERNECK, Claudia. *Um amigo diferente?* Rio de Janeiro: WVA, 1996.

ANEXOS

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO (CIP)

M386t Martins, Jaqueline

Tudo, Menos Ser Gordas: a literatura infanto-juvenil e o dispositivo da magreza / Jaqueline Martins. – Porto Alegre : UFRGS, 2006.

f.

Capa : Aquarela original de Sílvia Farret.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2006, Porto Alegre, BR-RS. Orientadora: Marisa Cristina Vorraber Costa.

1. Corpo – Magreza – Análise do discurso – Literatura infanto-juvenil – Mídia. 2. Estudos culturais. I. Costa, Marisa Cristina Vorraber. II. Título.

CDU – 801.73:82-93

Bibliotecária Maria Amazilia Penna de Moraes Ferlini – CRB 10/449

RESUMO

O principal objetivo dessa Dissertação é o de investigar e mostrar a literatura infanto-juvenil e o que ela produz, juntamente com outras instâncias, principalmente a mídia, como parte de uma rede de inteligibilidade sobre o *ser gordo*, que opera como um dispositivo da magreza nas sociedades ocidentais contemporâneas. A pesquisa tem como suporte teórico autores da vertente pós-estruturalista dos Estudos Culturais, especialmente dos estudos foucaultianos em suas conexões com a educação.

A expressão recorrente na pesquisa, *ser gordo*, é utilizada devido ao entendimento de que o que está em jogo não é apenas o corpo gordo, e sim, toda uma formação discursiva que, para além de referir-se apenas ao corpo gordo, também abarca um modo de vermos e pensarmos a “alma” desses sujeitos.

O *corpus* da pesquisa foi composto pelo: a) conjunto de materiais coletados da mídia impressa e televisiva sobre a temática (reportagens, peças publicitárias, série televisiva, etc.); b) 18 obras de literatura infanto-juvenil que tematizam o *ser gordo*; c) manifestações do grupo de crianças que leu os livros e se expressou através de falas, textos e desenhos.

A pesquisa pretende mostrar o dispositivo da magreza em ação na rede de inteligibilidade composta pelos discursos que circulam na mídia impressa e televisiva, nas regularidades encontradas nas tramas dos livros infanto-juvenis, como também nas falas coletadas no trabalho de campo.

As análises procuram mostrar essa operacionalização do dispositivo da magreza através do isolamento dos sujeitos considerados gordos como um problema, da produção de uma determinada identidade fixada para esses sujeitos, da produção de formas de controle sobre eles, como também da produção de saberes da biomedicina e do campo da estética.

Palavras-chave: Dispositivo da magreza, Corpo, Estudos Culturais e Educação, Literatura Infanto-Juvenil, Mídia, gordos.

ABSTRACT

The main objective for this dissertation is investigating and unveiling young and children literature and what it produces together with other sites, chiefly media, as an integral part of meaning network about *being fat*, which works as device for slenderness in contemporary Western societies. The research has as its theoretical basis post-structuralist Cultural Studies writers, chiefly those pertaining to Foucauldian studies that are connected to education.

Being fat, a recurrent phrase in the research, is used because of an understanding that that which is in stake is not only a fat body, but rather a whole discursive set that, more than referring to a fat body only, also comprises a way of seeing and thinking these subjects' 'soul'.

This research corpus was made up of: i) a set of materials collected in print media and television concerning the theme (reportage, advertising, etc.); ii) 18 works of young and children literature thematising the *being fat*; iii) manifestations of the group of children who read the books and expressed themselves by speaking, writing and drawing.

The research wants to show the slenderness device in action in the meaning network that is made up of discourses circulating in print media and television, in the regularity encountered in the young and children literature plots, and in speakin collected in the fieldwork.

Analyses have sought to show the working of the slenderness device by isolating subjects regarded as fat as a problem, of the production of a particular identity fixed for these subjects, of production of ways of control over them, as well as of biomedicine knowledge making and the aesthetic field.

Keywords: slenderness device, corpus, Cultural Studies and education, young and children literature, media, fat people.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)